

Agatha Christie

a morte nas nuvens



Edição Guinefort

Título original: Death in the Clouds (1935)

Tradução de Milton Persson

Rio de Janeiro: Editora Record, 1987

1 - DE PARIS A CROYDON

O sol de setembro batia quente sobre o aeroporto de Le Bourget enquanto os passageiros se dirigiam para bordo do avião *Prometeu*, com partida marcada para Croydon dentro de poucos minutos.

Jane Grey foi das últimas a embarcar: tomou seu lugar, o nº 16. Alguns tinham passado além da porta central, depois da minúscula copa-cozinha e dos dois toaletes, rumo à cabina dianteira. A maioria já estava sentada. Do outro lado do corredor havia muita tagarelice — dominada por uma voz de mulher bastante aguda e estridente. Jane franziu levemente os lábios. Conhecia tão bem aquele tipo de voz.

— Minha querida... que coisa fantástica... nunca imaginei... Onde, você disse? Juan les Pins? Ah, sim. Não... Le Pinet... É, as mesmas caras de sempre... Mas *evidente* que vamos sentar juntas. Oh, não dá? Quem...? Ah, compreendo...

E depois uma voz de homem — estrangeira, cortês:

— ...Com o máximo prazer, Madame. Jane espiou pelo rabo do olho.

Um sujeitinho idoso, de vastos bigodes e cabeça em feitio de ovo, mudava cortesmente seus pertences do lugar correspondente ao de Jane no lado oposto do corredor.

Jane virou um pouco a cabeça e viu as duas mulheres cujo encontro imprevisto provocara o gesto cortês do estrangeiro. A referência a Le Pinet avivara-lhe a curiosidade, pois também havia estado lá.

Lembrava-se perfeitamente de uma das mulheres — e de onde a tinha visto pela última vez: na mesa de bacará, crispando nervosa as mãos delicadas, o rosto levemente maquilado, uma pele de porcelana de Dresden, corando e empalidecendo alternadamente. E achou que, com certo esforço, seria capaz de

lembrar o nome dela. Uma amiga o mencionara — acrescentando: “É nobre, sim, mas não dessas autênticas — era apenas uma espécie de corista ou coisa que o valha.”

Isso com profundo desprezo na voz. Informação de Maisie, que tinha um ótimo emprego de massagista “tirando” celulite de grã-finas.

A outra mulher, reparou Jane rapidamente, era “das de verdade”. O “tipo hípico das herdades do interior”, definiu, e prontamente esqueceu as duas concentrando-se na vista do aeroporto de Le Bourget que enxergava da janela. Havia uma porção de outras máquinas paradas nas imediações. Uma delas parecia uma enorme centopéia de metal.

O único lugar para onde não queria olhar de jeito nenhum era o que ficava bem na sua frente, ocupado por um rapaz.

Ele usava um pulôver azul-pervinca meio berrante. Jane tinha resolvido não levantar os olhos de cima do pulôver. Se não ele poderia notar, o que seria inconveniente!

Os mecânicos gritaram qualquer coisa em francês — o motor roncou — parou — tornou a roncar — retiraram os obstáculos — e o avião se pôs a rodar.

Jane prendeu a respiração. Era apenas o seu segundo voo. Ainda conseguia sentir-se emocionada. Parecia — parecia que iam bater contra aquela espécie de cerca — não, tinham levantado do solo — e subiam — cada vez mais — eis o Le Bourget lá embaixo.

Começara o voo do meio-dia para Croydon, transportando vinte e um passageiros — dez na cabina dianteira, onze na de trás. Tripulação de dois pilotos e dois comissários de bordo. O barulho dos motores estava amortecido com grande perícia. Não havia necessidade de pôr algodão nos ouvidos. Mesmo assim, o ruído bastava para desencorajar qualquer conversa e ativar as idéias.

A medida que o avião roncava sobre a França, rumo do Canal da Mancha, os passageiros da cabina traseira se entregavam aos pensamentos mais diversos.

— Não vou olhar para ele... — pensava Jane Grey, — não vou, não. É melhor não olhar. Continuarei espiando pela janelinha e pensando. Vou escolher

uma coisa bem definida para pensar... é sempre a melhor solução. Assim fico com o espírito entretido. Começo pelo início e sigo até o fim.

Fixou o pensamento com firmeza no que chamava de início, aquela compra do bilhete do Sweepstake Irlandês. Tinha sido uma extravagância, mas uma extravagância eletrizante.

Muitas risadas e troças no salão de beleza onde Jane e cinco outras moças trabalhavam como cabeleireiras.

— Que que você fará se ganhar, minha cara?

— Sei muito bem o que farei.

Planos — castelos no ar — e caçoadas à beca. Bom, ganhar ela não ganhou — o grande prêmio, bem entendido; mas *sempre* tirou cem libras. Cem libras.

— Gaste a metade, minha cara, e guarde o resto pra uma hora de aperto. Nunca se sabe.

— Eu, se fosse você, comprava um casaco de peles... um daqueles alinhados mesmo.

— Que tal uma excursão de navio?

A idéia da “excursão de navio” fez Jane vacilar, mas no fim manteve-se fiel ao plano inicial. Uma semana em Le Pinet. Quase todas as mulheres que ela atendia estavam indo ou voltando de Le Pinet. Jane, passando de leve os dedos e as mãos pelas ondas do cabelo, pronunciava maquinalmente os chavões de praxe: — “Deixe-me ver, quanto tempo faz que a senhora ondulou?” “A senhora tem uma cor de cabelo tão fora do comum”. “Que verão maravilhoso estamos tendo, não é, madame?” E pensou consigo mesma: “Que diabo, por que é que *eu* não posso ir a Le Pinet?” Pois agora podia.

Em matéria de roupas, não houve praticamente dificuldades. Jane, como a maioria das moças londrinas empregadas em lugares elegantes, era capaz de se apresentar miraculosamente no rigor da moda por uma soma ridícula de tão ínfima. Unhas, maquilagem e penteado, sempre impecáveis.

Jane foi para Le Pinet.

Seria possível que agora, em retrospecto, aqueles dez dias se reduzissem

a um único incidente?

Um incidente na mesa de roleta. Todas as noites Jane reservava certa quantia para os prazeres do jogo. E que estava resolvida a não ultrapassar. Ao contrário da velha superstição, a sorte de principiante de Jane não tinha sido boa. Achava-se em sua quarta noite e na última aposta dessa noite. Até então apostara prudentemente com respeito a cor ou a uma das dúzias. Ganhara alguma coisa, mas perdera muito mais. Agora esperava, de ficha em punho.

Havia dois números em que ninguém tinha apostado, o cinco e o seis. Devia colocar sua última ficha num deles? Nesse caso, em qual? No cinco? No seis? Qual o seu *palpite*?

O cinco — ia dar o cinco. A bola começou a girar. Jane estendeu a mão. O seis, ia pôr no seis.

Na hora agá, ela e outro jogador no lado oposto apostaram simultaneamente, ela no seis, ele no cinco.

— *Rien ne va plus* — disse o crupiê. A bola fez clique e parou.

— *Le numero cinq, rouge, impair, manque.*

Jane sentiu vontade de chorar de desgosto. O crupiê recolheu as fichas e pagou. O homem do lado oposto perguntou:

— Não vai receber o que ganhou?

— Eu?

— É.

— Mas eu apostei no seis.

— Claro que não. Quem apostou no seis fui eu. Você apostou no cinco.

E sorriu — um sorriso muito simpático. Dentes brancos no rosto moreno, olhos azuis, cabelo crespo e curto.

Quase sem poder acreditar, Jane apanhou seus lucros. Seria verdade? Sentia-se meio confusa. Quem sabe *tinha* colocado a ficha no cinco? Olhou em dúvida para o desconhecido, que lhe sorria tranqüilamente.

— É isso mesmo — disse ele. — Deixe uma coisa aí parada e outra pessoa logo agarra sem ter o mínimo direito. É um truque velho.

Depois, com um leve aceno amável da cabeça se afastou. O que também

foi simpático de sua parte. Senão poderia ter desconfiado que a deixara ficar com o lucro só para entrar em contato com ela. Mas não era desse tipo de homem. Era *simpático*... (E ei-lo ali, sentado à sua frente.)

E agora estava tudo acabado — o dinheiro gasto — dois últimos dias (bastante decepcionantes) em Paris, e toca a voltar para casa, com a passagem aérea.

— E agora?

— Pára — respondeu Jane à sua imaginação. — Não pensa mais no que vai acontecer. Só te fará ficar nervosa.

As duas mulheres tinham interrompido a conversa.

Olhou para o outro lado do corredor. A de pele de porcelana de Dresden soltou uma exclamação irritada, examinando uma unha quebrada. Tocou a campainha e quando o comissário de bordo apareceu, de paletó branco, pediu-lhe:

— Mande aqui a minha empregada. Ela está na outra cabina.

— Sim, senhora.

O comissário, todo respeitoso, rápido e eficiente, desapareceu de novo. Não demorou muito, veio uma francesinha morena toda de preto, carregando um pequeno estojo de jóias.

— Madeleine — disse Lady Horbury, falando-lhe em francês: — eu quero a minha frasqueira de marroquino vermelho.

A moça dirigiu-se ao fundo do corredor, onde havia alguns tapetes e malas empilhados.

Voltou com uma pequena valise.

Cicely Horbury pegou-a e dispensou a empregada.

— Pode deixar, Madeleine. Vou ficar com ela aqui.

A francesinha retirou-se novamente. Lady Horbury abriu a frasqueira e do interior maravilhosamente bem provido retirou uma lima de unhas. Depois olhou-se demorada e atentamente num espelhinho e retocou aqui e ali — um pouco de pó, mais carmim.

Jane franziu os lábios, com desprezo; e virou-se para o fundo da cabina.

Atrás das duas mulheres estava o estrangeiro baixote que cedera o seu lugar à dama “do interior”. Fortemente agasalhado por um cachecol inútil, parecia mergulhado em profundo sono. Talvez perturbado pela curiosidade de Jane, abriu os olhos, fitou-a um instante, depois fechou-os de novo.

A seu lado um homem alto, grisalho, de semblante autoritário, segurava uma caixa de flauta aberta no colo, que limpava com carinho. Engraçado, pensou Jane, não tem jeito de músico — parece mais advogado ou médico.

Atrás de ambos havia dois franceses, um de barba e outro muito mais moço — seu filho, talvez. Conversavam e gesticulavam com grande ênfase.

Do seu próprio lado da cabina, a visão de Jane se achava obstruída pelo homem de pulôver azul, para quem, por algum motivo absurdo, resolvera não olhar.

— Que coisa mais ridícula se sentir... tão... tão nervosa. Até parece que tenho dezessete anos — pensou Jane, aborrecida.

Na frente dela, Norman Gale estava pensando:

— É bonita... bonita mesmo... Claro que se lembra de mim. Fez uma cara tão decepcionada quando recolheram as fichas. Valia muito mais a pena ver o prazer que sentiu quando ganhou. Me saí bastante bem... Fica uma graça quando sorri... não há traços de piorréia... gengivas saudáveis e dentes fortes... Puxa vida, que entusiasmo é este? Calma, rapaz...

E pediu ao comissário de bordo, que aguardava ao lado, de cardápio em punho:

— Vou querer língua fria.

A Condessa de Horbury pensava:

— Meu Deus, o que é que eu faço? Que embrulhada dos diabos... que trapalhada infernal. Pelo que vejo, só há uma saída. Se ao menos eu tivesse coragem. Será que dá? Será que consigo salvar as aparências? Estou com os nervos em frangalhos. Foi a cocaína. Pra que que fui inventar de tomar essa porcaria? Minha cara está um horror, simplesmente um horror. E a presença da

gata da Venetia Kerr piora ainda mais a situação. Ela sempre me olha como se eu fosse lixo. Queria o Stephen pra ela. Pois sim! Essa cara comprida dela me dá nos nervos. Parece um cavalo. Detesto essas mulheres do interior. Meu Deus, o que é que eu faço? Tenho de tomar uma decisão. Aquela velha cretina não estava brincando...

Remexeu na bolsinha, à procura da cigarreira, e ajustou um cigarro na piteira longa. As mãos lhe tremiam de leve.

A Hon.¹ Venetia Kerr pensava:

— Cadela desgraçada. Isso é o que ela é. Faz essa cara de santa, mas no fundo não passa de uma vigarista. Coitado do Stephen... se ao menos ele pudesse se ver livre dela...

Também procurou sua cigarreira. Aceitou o fósforo de Cicely Horbury.

— Desculpem, minhas senhoras — advertiu o comissário de bordo, — é proibido fumar.

— Droga! — exclamou Cicely Horbury.

Monsieur Hercule Poirot pensava:

— Como é bonita aquela mocinha ali da frente. Que queixo mais resoluto. Por que será que está tão inquieta? E tão empenhada em não olhar para o belo rapaz sentado à sua frente? Ela está conscientíssima da presença dele e ele idem... — O avião sofreu uma queda brusca. — *Mon estomac* — gemeu Hercule Poirot, cerrando os olhos com determinação.

A seu lado, o Dr. Bryant, acariciando a flauta com as mãos nervosas, pensava:

— Não posso decidir. Simplesmente não posso. Esse é o momento decisivo da minha carreira...

Retirou, nervoso, a flauta da caixa com carinho, com amor... A música... Nela havia uma fuga de todas as nossas preocupações. Meio que sorrindo,

¹ *Honorable*, título nobiliárquico inglês, que não possui equivalente na nossa língua.

aproximou a flauta dos lábios e depois tornou a baixá-la. O homenzinho de bigode a seu lado dormia profundamente. Há pouco, quando o avião sacudiu um pouco, ficara com aspecto nitidamente bilioso. O Dr. Bryant deu graças a Deus por não sofrer de enjôo nem em trem, nem em navio, nem no ar...

Monsieur Dupont *père* virou-se todo empolgado para Monsieur Dupont *fils* sentado a seu lado:

— Não há dúvida nenhuma — gritou. — Estão *todos* errados... os alemães, os americanos, os ingleses! Cometem o maior equívoco quanto às datas da cerâmica pré-histórica. Veja, por exemplo, a de Samarra...

Jean Dupont, alto, louro, com falso ar de indolência, retrucou:

— Mas é preciso lembrar a prova de todas as procedências. Há Tall Halaf, e Sakje Geuze...

E a discussão se prolongava.

Armand Dupont abriu violentamente uma pasta já bem judiada.

— Veja estes cachimbos curdos, tal como eles fazem hoje em dia. A ornamentação é praticamente igual à da cerâmica de 5.000 antes de Cristo.

Um gesto eloqüente quase atirou longe o prato que o comissário de bordo estava colocando à sua frente.

Mr. Clancy, autor de romances policiais, levantou-se de seu lugar atrás de Norman Gale e dirigiu-se vagarosamente ao fundo da cabina; tirou um guia Bradshaw do continente europeu do bolso de sua capa de chuva e voltou com ele para elaborar um complicado álibi para fins profissionais.

Mr. Ruder, no assento de trás dele, pensava:

— Tenho que dar um jeito mas não vai ser fácil. Não sei como fazer para arranjar dinheiro para os próximos dividendos... Se não distribuirmos os dividendos, vai haver o diabo... Ah, que inferno!

Norman Gale levantou-se e foi ao toalete. Mal ele se afastou, Jane tirou

um espelho e examinou o rosto ansiosamente. Depois passou pó e batom.

O comissário de bordo colocou o cafezinho diante dela.

Jane olhou pela janela. Lá embaixo o canal cintilava, todo azul.

Um marimbondo zuniu em torno da cabeça de Mr. Clancy no momento exato em que ele andava às voltas com o trem das 19h55m em Tzaribrod; enxotou-o, distraído. O marimbondo voou adiante e foi investigar as xícaras de café dos Duponts.

Jean Dupont matou-o com um golpe certo.

Reinava o sossego na cabina. As conversas terminaram, mas os pensamentos seguiam o seu curso.

Bem no fundo da cabina, no lugar n.º 2, a cabeça de Madame Giselle pendeu um pouco para a frente. Podia-se julgar que estivesse dormindo. Porém não estava. Não falava nem pensava nada.

Madame Giselle estava morta...

2 - DESCOBERTA

Henry Mitchell, o mais velho dos dois comissários de bordo, passou rapidamente de mesa em mesa, entregando as contas. Dentro de meia hora chegariam a Croydon. Recolheu as notas de dinheiro e as moedas de prata, curvando-se e agradecendo:

— Obrigado, senhor. Obrigado, senhora.

Na mesa ocupada pelos dois franceses teve de esperar uns dois minutos até que acabassem de discutir e gesticular. E mesmo assim a gorjeta vai ser magra, pensou aborrecido. Dois passageiros dormiam — o homenzinho de bigode e a velha no fundo do corredor. Ela ao menos dava boas gorjetas — lembrava-se de tê-la visto diversas vezes a bordo. Por isso não quis acordá-la.

O homenzinho de bigodes abriu os olhos e pagou pela garrafa de água de soda e os biscoitinhos salgados, que era só o que tinha pedido.

Mitchell deixou de lado a outra passageira o máximo que pôde. Cerca de

cinco minutos antes de chegaram a Croydon, parou junto dela e curvou-se.

— Desculpe, minha senhora, a sua conta.

Pousou-lhe respeitosamente a mão no ombro. Ela não despertou. Aumentou a pressão, sacudindo-a de leve, mas o único resultado foi a queda inesperada do corpo no assento. Mitchell debruçou-se e depois endireitou-se, pálido.

Albert Davis, o segundo comissário de bordo, exclamou:

— Quê! Você está brincando!

— É verdade, palavra. Mitchell estava pálido e trêmulo:

— Tem *certeza*, Henry?

— Absoluta. Ao menos... bem, pode ser que seja um ataque.

— Daqui a pouco chegaremos a Croydon.

— Se ela apenas se sentiu mal...

Ficaram um instante indecisos — depois combinaram o que deviam fazer. Mitchell voltou à cabina traseira. Passou de mesa em mesa, curvando a cabeça e perguntando discretamente:

— Desculpe, mas por acaso o senhor não é médico...? Norman Gale respondeu:

— Sou dentista. Mas se tiver algo que eu possa fazer...? — prontificou-se, já querendo se levantar.

— Sou médico — disse o Dr. Bryant. — Que foi que houve?

— Tem uma senhora ali no fundo... não estou gostando do jeito dela.

Bryant pôs-se em pé e acompanhou o comissário. Sem ser notado, o homenzinho de bigode seguiu-os.

O Dr. Bryant curvou-se para o corpo arriado no lugar nº 2, a figura corpulenta de uma mulher de meia-idade, toda de preto.

O exame médico foi rápido.

— Está morta — anunciou.

— Que é que o senhor acha que foi... uma espécie de ataque? — perguntou Mitchell.

— Não posso dizer nada sem um exame minucioso. Quando a viu pela última vez... viva, quero dizer?

Mitchell refletiu.

— Ela estava bem quando eu lhe trouxe o café.

— Quando foi isso?

— Bom... deve ter sido há uns três quartos de hora... mais ou menos isso.

Depois, ao entregar a conta, pensei que estivesse dormindo...

— Ela está morta há meia hora, no mínimo — disse

Bryant.

O diálogo de ambos já começava a despertar interesse — cabeças viravam-se para olhá-los, pescoços espichavam-se.

— Creio que pode ter sido uma espécie de ataque, não lhe parece? — sugeriu Mitchell, esperançoso.

Apegava-se à hipótese do ataque.

A irmã de sua mulher era sujeita a ataques. Ele achava que ataques eram coisas caseiras que qualquer pessoa é capaz de compreender.

O Dr. Bryant não estava disposto a se comprometer. Limitou-se a sacudir a cabeça com uma expressão intrigada.

Ouviu-se uma voz a seu lado; a do homenzinho de bigode, bem agasalhado.

— Há uma marca no pescoço dela — disse.

Falava em tom respeitoso, com o devido senso de estar se dirigindo a alguém que entendia mais do assunto.

— De fato — concordou o Dr. Bryant.

A cabeça da mulher tinha caído de lado. Via-se uma minúscula marca de picada na parte lateral da garganta.

— Desculpem... — atalharam os dois Duponts, que estavam prestando atenção durante os últimos minutos. — O senhor diz que a dama está morta, e tem uma marca no pescoço?

Quem falava era Jean, o mais moço.

— Posso fazer uma sugestão? Havia um marimbondo voando por aí. Eu

o matei. — Mostrou o inseto morto no seu pires de café. — Será que a coitada não morreu de uma ferroadada de marimbondo? Já ouvi falar que essas coisas acontecem.

— É possível — concordou Bryant. — Sei de casos assim. Sim, sem dúvida é uma explicação plausível, principalmente se houvesse qualquer fraqueza cardíaca...

— Não há nada que eu possa fazer, doutor? — perguntou o comissário de bordo. — Daqui a pouco chegaremos a Croydon.

— Sim, tem razão — disse o Dr. Bryant, afastando-se ligeiramente. — Mas não há nada a fazer. O... o... cadáver não deve ser removido, comissário.

— Sim senhor, compreendo perfeitamente.

O Dr. Bryant preparou-se para retomar seu lugar e fez uma cara de surpresa ao ver que o pequeno estrangeiro agasalhado não arredava pé do caminho.

— Meu caro senhor — disse, — a melhor coisa a fazer é voltar ao seu lugar. Chegaremos a Croydon quase que imediatamente.

— É isso mesmo, cavalheiro — disse o comissário. Ergueu a voz: — Queiram todos ocupar seus lugares, por favor.

— *Pardon* — retrucou o homenzinho. — Tem uma coisa...

— Uma coisa?

— *Mais oui*, uma coisa que ninguém viu.

E com o bico pontudo do sapato de verniz mostrou o que queria dizer. O comissário e o Dr. Bryant seguiram o gesto com o olhar: viram a cintilação amarela e preta no chão, semi-oculta pela bainha da saia preta.

— Outro marimbondo? — perguntou o médico, surpreso.

Hercule Poirot ajoelhou-se. Tirou uma pequena pinça do bolso e usou-a com delicadeza. Levantou-se com sua presa,

— É — disse, — assemelha-se muito a um marimbondo.

Só que não é!

Virou o objeto de um lado a outro, para que tanto o médico como o comissário pudessem ver nitidamente: um pequeno fiapo de seda fofa cardada,

laranja e preta, preso a um espinho comprido, de aspecto esquisito, com a ponta desbotada.

— Minha nossa! Santo Deus! — a exclamação partiu do pequeno Mr. Clancy, que tinha deixado o seu lugar e espiava desesperadamente por cima do ombro do comissário. — Fantástico, realmente fantástico, sem dúvida alguma a coisa mais notável que já encontrei na minha vida. Puxa, palavra de honra, chega a ser inacreditável.

— Daria pro senhor se explicar um pouco melhor? — perguntou o comissário. — Reconhece este objeto?

— Se reconheço? Claro que reconheço. — Mr. Clancy inchou-se de orgulho e satisfação. — Esse objeto, meus senhores, é um espinho indígena que certas tribos sopram de uma zarabatana... na... agora não sei bem se é na América do Sul ou se são os habitantes de Bornéu; o certo é que se trata de uma seta indígena disparada de uma zarabatana, e desconfio muito que a ponta...

— É a famosa flecha envenenada dos índios sul-americanos — concluiu Hercule Poirot, acrescentando: — *Mais enfin! Est-ce que c'est possible?*

— Não resta dúvida que é absolutamente incrível — exclamou Mr. Clancy, ainda cheio de eufórico entusiasmo. — Como já disse, é fantástico. Eu mesmo sou autor de livros de ficção policial; mas encontrar uma coisa dessas na vida real...

Não encontrou a expressão.

O avião inclinou-se lentamente, e as pessoas que estavam de pé vacilaram um pouco. Começava a descrever círculos para descer no aeroporto de Croydon.

3 - CROYDON

O comissário de bordo e o médico não estavam mais senhores da situação. Seu lugar fora usurpado pelo homenzinho agasalhado de aspecto meio absurdo. Falava com ar tão autoritário e a certeza de ser obedecido que ninguém pensou em reclamar.

Cochichou para Mitchell, que confirmou com a cabeça, e, abrindo caminho entre os passageiros, foi colocar-se diante da passagem que conduzia aos toaletes e à cabina dianteira.

O avião agora deslizava na pista. Quando finalmente parou, Mitchell ergueu a voz:

— Devo pedir-lhes, senhoras e senhores, que continuem em seus lugares e permaneçam aqui até que venha alguma autoridade. Espero que não sejam detidos por muito tempo.

A sensatez dessa ordem foi devidamente apreciada pela maioria dos ocupantes da cabina, mas houve uma pessoa que protestou em altos brados.

— Que bobagem — gritou Lady Horbury, indignada. — Não sabe quem eu sou? Insisto pra que me deixem sair imediatamente.

— Sinto muito, minha senhora. Não posso abrir exceções.

— Mas é absurdo, totalmente absurdo. — Cicely bateu o pé, irritada. — Vou me queixar à companhia. É um insulto nos obrigar a ficar encerrados aqui em companhia de um cadáver.

— De fato, minha querida — disse Venetia Kerr, com sua pronúncia requintada, — é um vexame, mas me parece que teremos de nos sujeitar. — E tornando a sentar-se, tirou a cigareira da bolsa. — Já posso fumar, comissário?

— Creio que não faz mais diferença, Miss — respondeu Mitchell, completamente sem jeito.

Olhou por cima do ombro. Davis tinha desembarcado os passageiros da cabina dianteira pela porta de emergência e agora saía em busca de instruções.

A demora não foi longa, mas aos passageiros pareceu que pelo menos meia hora se passara antes que uma figura marcialmente ereta, em trajes civis, acompanhada por um guarda fardado, atravessasse às pressas o campo do aeroporto e subisse a bordo do avião pela porta que Mitchell mantinha aberta.

— Muito bem, do que se trata? — indagou o recém-chegado em enérgico tom oficial.

Escutou o que Mitchell e o Dr. Bryant tinham a dizer e lançou um olhar rápido ao cadáver derreado no assento.

Deu uma ordem ao policial e depois dirigiu-se aos passageiros.

— Senhores e senhoras, queiram ter a bondade de me acompanhar.

Escoltou-os pela saída do avião e através do aeroporto, mas não entrou no costumeiro departamento da alfândega; em vez disso, conduziu-os a uma pequena sala reservada.

— Espero não retê-los por mais tempo que o indispensável, senhoras e senhores.

— Olhe aqui, inspetor — disse Mr. James Ryder. — Eu tenho um compromisso de negócios urgente em Londres.

— Lamento, meu senhor.

— Meu nome é Lady Horbury. Considero absolutamente insultante o fato de ser detida dessa maneira!

— Sinceramente, sinto muito, Lady Horbury; mas, a senhora vê, trata-se de um assunto extremamente grave. Tudo indica que o caso é de assassinato.

— A flecha envenenada dos índios sul-americanos — murmurou Mr. Clancy, delirante, com um sorriso de felicidade no rosto.

O inspetor olhou desconfiado para ele.

O arqueólogo francês falava em francês, todo agitado, e o inspetor respondeu-lhe vagarosa e cuidadosamente na mesma língua.

— Tudo isto é uma amolação tremenda — disse Venetia Kerr, — mas imagino que o senhor tenha de cumprir com o seu dever, inspetor.

Ao que ele retrucou, com certo tom de gratidão:

— Obrigado, minha senhora. — E prosseguiu: — Se os senhores fizerem a gentileza de permanecer aqui, eu quero trocar algumas palavras com o Dr... hum... Dr...?

— Bryant.

— Obrigado. Queira passar, doutor.

— Posso assistir à entrevista?

Era o homenzinho de bigode quem perguntava. O inspetor virou-se para ele, com a resposta na ponta da língua. Aí seu rosto mudou bruscamente.

— Desculpe, M. Poirot — disse. — Está tão agasalhado que nem o

reconheci. Claro que pode.

Segurou a porta aberta e Bryant e Poirot passaram por ela, seguidos pelo olhar desconfiado do resto dos presentes.

— E por que é que ele teve licença de sair e nós somos forçados a ficar aqui? — reclamou Cicely Horbury.

Venetia sentou-se, resignada.

— Deve ser alguém da polícia francesa — comentou, — ou um espião da alfândega.

Acendeu um cigarro.

Norman Gale virou-se meio tímido para Jane.

— Acho que vi você em... hum... Le Pinet.

— Eu estive em Le Pinet.

— Que lugar tremendamente agradável — continuou Norman Gale. — Gosto muito de pinheiros.

— É — disse Jane, — têm um cheiro tão bom.

Os dois ficaram um instante calados, sem saber o que dizer. Por fim, Gale falou:

— Eu... hum... reconheci você logo no avião.

Jane manifestou grande surpresa.

— É mesmo?

— Acha que a tal mulher foi realmente assassinada? — perguntou Gale.

— Decerto foi — respondeu Jane. — É até meio emocionante, por assim dizer, mas também bastante desagradável.

Estremeceu de leve, e Norman Gale aproximou-se um pouco mais, de maneira protetora.

Os Duponts conversavam em francês. Mr. Ryder fazia cálculos numa pequena agenda, e de vez em quando olhava o relógio de pulso. Cicely Horbury estava sentada, batendo impaciente com o pé no chão. Acendeu um cigarro com mão trêmula.

Encostado à porta, do lado de dentro, postara-se impassível o enorme guarda, fardado de azul.

Numa sala das imediações, o inspetor Japp falava com o Dr. Bryant e Hercule Poirot.

— O senhor tem o dom de aparecer nos lugares mais imprevistos, M. Poirot.

— O aeroporto de Croydon não está um pouco fora do seu raio de ação, meu amigo? — perguntou Poirot.

— Ah, é que eu ando atrás de um figurão em matéria de contrabando. Me encontrava aqui por mero acaso. Há anos que não deparo com um caso tão assombroso. Muito bem, vamos ao que interessa. Em primeiro lugar, doutor, gostaria que me desse seu nome todo e endereço.

— Roger James Bryant. Sou especialista em moléstias de ouvido e garganta. Meu endereço é Harley Street, 329.

Um guarda imperturbável sentado à mesa anotou esses dados.

— O nosso médico legista examinará, naturalmente, o cadáver — disse Japp, — mas queremos que o senhor compareça ao inquérito, doutor.

— Perfeitamente.

— Tem alguma idéia quanto à hora do óbito?

— A mulher devia estar morta há pelo menos meia hora quando a examinei. Ou seja, poucos minutos antes de chegarmos a Croydon. Não posso ser mais preciso do que isso, mas o comissário de bordo me informou que tinha falado com ela cerca de uma hora antes.

— Bem, isso reduz a margem de dúvidas para todos os fins práticos. Suponho que não adianta perguntar-lhe se observou qualquer coisa de natureza suspeita?

O médico sacudiu a cabeça.

— E quanto a mim, estava dormindo — disse Poirot, com profundo pesar. — Sofro quase tanto no ar como no mar. Sempre me agasalho bem e trato de dormir.

— Alguma idéia quanto à *causa mortis*, doutor?

— Não gostaria de opinar nada em definitivo a esta altura. Isso é caso de autópsia.

Japp concordou com a cabeça.

— Bem, doutor — disse, — acho que não há necessidade de detê-lo mais tempo. Creio que o senhor terá... hum... de passar por certas formalidades, como todos os passageiros, aliás. Não podemos abrir exceções.

O Dr. Bryant sorriu.

— Prefiro que o senhor se certifique de que eu não... hum... trago zarabatanas nem outras armas mortíferas comigo — declarou bem sério.

— O Rogers aqui se encarregará disso. — Japp fez sinal com a cabeça ao subalterno. — A propósito, doutor, não tem nenhuma idéia sobre o que poderia haver nisto aqui...?

Indicou o espinho desbotado, que se achava numa caixinha em cima da mesa à sua frente.

O Dr. Bryant sacudiu a cabeça.

— É difícil dizer antes de examinar. O curare é o veneno geralmente usado pelos indígenas, creio eu.

— Seria suficiente para matar?

— É um veneno muito rápido e eficaz.

— Mas não muito fácil de obter, não é?

— Nada fácil para o leigo.

— Então temos que revistar o senhor com o máximo rigor — disse Japp, que sempre gostava de soltar piadas. — Rogers!

O médico e o guarda saíram juntos da sala. Japp virou a cadeira e olhou para Poirot.

— Que coisa mais sem pé nem cabeça — disse. — Um pouco sensacional demais pra ser crível. Quero dizer, zarabatanas e setas envenenadas num avião... ora, chega a ser um insulto à inteligência.

— Isso, meu amigo, é uma observação profundíssima — retrucou Poirot.

— Mandeï alguns rapazes para revistar o avião — disse Japp. — Não demora estarão aí o técnico em impressões digitais e o fotógrafo. Acho que seria melhor interrogar agora os comissários de bordo.

Foi até a porta e deu uma ordem. Os dois comissários foram introduzidos

na sala. O mais moço tinha recobrado o equilíbrio. Parecia mais empolgado do que qualquer outra coisa. O mais velho continuava de cara pálida e assustada.

— Não precisam ficar nervosos, rapazes — disse Japp. — Sentem-se. Trouxeram os passaportes? Ótimo.

Examinou-os, rapidamente.

— Ah, cá está. Marie Morisot... passaporte francês. Sabem alguma coisa a respeito dela?

— Já a tinha visto antes. Costumava vir à Inglaterra com muita frequência — respondeu Mitchell.

— Ah! decerto para tratar de negócios. Não sabem de que tipo?

Mitchell sacudiu a cabeça. O comissário mais moço disse:

— Eu também me lembro dela. No vôo da manhã... o que sai às oito horas de Paris.

— Qual de vocês foi o último a vê-la com vida?

— Ele — o comissário mais moço indicou o companheiro.

— Exato — confirmou Mitchell. — Foi quando lhe levei o café.

— Com que jeito ela estava?

— Acho que nem reparei. Só lhe alcancei o açúcar e ofereci o leite, que ela recusou.

— Que horas eram?

— Olha, realmente não sei. Estávamos atravessando o canal. Deve ter sido por volta das duas.

— Mais ou menos — confirmou Albert Davis, o outro comissário.

— E depois, quando foi que a viu?

— Quando entreguei as contas.

— Que horas eram?

— Cerca de quinze minutos mais tarde. Pensei que estivesse dormindo... Puxa, ela já devia estar morta, então!

A voz do comissário parecia aterrorizada.

— Não notou nenhum sinal disto aqui... — Japp indicou a pequena seta que lembrava um marimbondo.

— Não senhor.

— E você, Davis?

— A última vez que a vi foi quando entreguei os biscoitos pra comer com o queijo. Ela estava muito bem naquela hora.

— Qual é o sistema de vocês para servir as refeições? — perguntou Poirot. — Cada um se encarrega de uma cabina?

— Não senhor, nós trabalhamos juntos. Primeiro vai a sopa, depois a carne e os legumes, a salada, aí o doce, e assim por diante. Em geral servimos antes a cabina traseira, e depois a gente sai com uma nova quantidade de pratos para a outra.

Poirot anuiu.

— Essa tal de Morisot não falou com nenhuma pessoa a bordo, nem demonstrou qualquer sinal de ter reconhecido alguém? — perguntou Japp.

— Que eu visse, não.

— E você, Davis?

— Não senhor.

— Ela não se levantou do lugar durante a viagem?

— Acho que não, inspetor.

— Não tem nada que vocês se lembrem que esclareça um pouco essa história... nenhum dos dois?

Ambos pensaram e depois sacudiram a cabeça.

— Bem, então por enquanto é só. Mais tarde eu falo com vocês de novo.

— Que desagradável acontecer uma coisa dessas, inspetor — comentou Henry Mitchell, muito sério. — Não me agrada nada ter sido sob a minha responsabilidade, por assim dizer.

— Ora, não vejo nenhum motivo para censurar você, absolutamente — disse Japp. — Mas concordo que é desagradável mesmo.

Fez um gesto, dispensando-os. Poirot inclinou-se para a frente.

— Permita-me uma pequena pergunta.

— Pois não, M. Poirot.

— Vocês não repararam num marimbondo voando dentro do avião?

Os dois comissários sacudiram a cabeça.

— Que eu saiba, não houve nenhum marimbondo — disse Mitchell.

— Houve, sim — frisou Poirot. — O prato de um dos passageiros tem o bichinho morto.

— Pois eu não vi, meu senhor — disse Mitchell.

— Nem eu tampouco — afirmou Davis.

— Não faz mal.

Os dois comissários saíram da sala. Japp correu os olhos rapidamente pelos passaportes.

— Havia uma condessa a bordo — disse. — Imagino que seja a tal que está se dando ares de importância. É melhor falar com ela primeiro, antes que fique uma fera e faça com que a Câmara dos Comuns comece a questionar sobre os métodos brutais da polícia.

— Suponho que irá revistar com o maior cuidado toda a bagagem... a bagagem de mão... dos passageiros da cabina traseira do avião?

Japp piscou o olho, bem-humorado.

— Natural, o que é que o senhor acha, M. Poirot? Temos de encontrar a tal zarabatana... se é que *existe* e não estamos todos sonhando! Me parece uma espécie de pesadelo. Será que aquele pequeno escritor não enlouqueceu de repente e resolveu pôr em prática um dos crimes que costuma inventar? Esse negócio de seta envenenada está me cheirando a coisa dele.

Poirot sacudiu a cabeça, em dúvida.

— Sim — continuou Japp, — todo mundo tem de ser revistado, mesmo que reclamem; e cada mala que trouxeram junto também... quanto a isso não há dúvida.

— Talvez se pudesse fazer uma lista bem exata — sugeriu Poirot, — contendo tudo o que essas pessoas tinham em seu poder.

Japp olhou-o com curiosidade.

— Não tem problema, se acha que é necessário, M. Poirot. Mas não entendo muito bem aonde o senhor quer chegar. Afinal, nós sabemos o que estamos procurando.

— Você, talvez, *mon ami*, mas eu não tenho tanta certeza assim. Ando à procura de uma coisa, mas não sei qual é.

— Lá vem o senhor de novo, M. Poirot! O senhor gosta de dificultar tudo, não é? Agora vamos à Sua Excelência, antes que ela me arranque os olhos da cara.

Lady Horbury, porém, estava com modos flagrantemente mais calmos. Aceitou a cadeira que lhe foi oferecida e respondeu as perguntas de Japp sem a menor hesitação. Apresentou-se como esposa do Conde de Horbury, dando seu endereço como Horbury Chase, Sussex, e Grosvenor Square, 315, Londres. Acabava de regressar de Le Pinet e Paris. Não conhecia a extinta. Não notou nada de anormal durante o vôo. De qualquer forma, estava virada para o outro lado — para a frente do avião — portanto não havia tido oportunidade de ver coisa nenhuma que estivesse acontecendo às suas costas. Não se levantou de seu lugar durante a viagem. Pelo que lembrava, ninguém passara da cabina dianteira para a traseira, à exceção dos comissários de bordo. Não se recordava com exatidão, mas achava que dois dos passageiros masculinos tinham ido ao toalete, mas não podia afirmar com certeza. Não observou ninguém lidando com qualquer coisa que se assemelhasse a uma zarabatana.

— Não — respondeu a Poirot, — não havia notado nenhum marimbondo na cabina.

Lady Horbury foi dispensada. Depois veio a Hon. Venetia Kerr.

O depoimento de Miss Kerr tinha muitos pontos de contato com o da amiga. Deu o nome de Venetia Anne Kerr e o endereço de Little Paddocks, Horbury, Sussex. Também estava regressando do sul da França. Ao que lhe constasse, nunca tinha visto a extinta antes. Não havia reparado nada de anormal durante a viagem. Sim, tinha visto alguns passageiros no fundo da cabina enxotando um marimbondo. Achava que um deles conseguira matá-lo. Isso fora depois que o almoço havia sido servido.

Miss Kerr se retirou.

— O senhor parece muito interessado nesse marimbondo, M. Poirot.

— Ele é tão interessante quanto sugestivo, não é?

— Se quer saber a minha opinião — retrucou Japp, mudando de assunto, — aqueles dois franceses são os culpados! Estavam bem do outro lado do corredor, perto da tal Morisot. É uma dupla muito mal vestida e aquela pasta velha e surrada deles está toda coberta de etiquetas estranhas. Não me surpreenderia se já tivessem estado em Bornéu ou na América do Sul, ou seja lá onde for. Lógico que ainda não sabemos o motivo, mas acho que isso se pode apurar em Paris. Temos que pedir a colaboração da Sûreté. É mais obrigação deles do que nossa. Mas, se quer saber a minha opinião, aqueles dois facínoras são o que estamos procurando.

Os olhos de Poirot brilharam um pouco.

— O que você diz, sem dúvida, é possível, mas sob certos aspectos está cometendo um erro, meu amigo. Aqueles dois não têm nada de facínoras — ou assassinos, como sugere. Pelo contrário, são arqueólogos muito ilustres e cultos.

— Continue... divirta-se à minha custa!

— De modo algum. Conheço-os perfeitamente, de vista. Trata-se de M. Armand Dupont e seu filho, M. Jean Dupont. Não faz muito regressaram de algumas escavações interessantíssimas que empreenderam na Pérsia, num lugar a curta distância de Susa.

— Continue!

Japp pegou um passaporte.

— Tem razão, M. Poirot. Mas há de concordar que não parecem grande coisa, não é?

— As celebridades mundiais quase nunca parecem grande coisa! Eu mesmo... *moi, qui vous parle...* já fui tomado por cabeleireiro!

— Não diga — disse Japp, sorrindo. — Bem, vamos interrogar os seus ilustres arqueólogos.

M. Dupont *père* declarou que não conhecia a extinta. Não tinha notado nada do que se passou durante a viagem porque estava debatendo uma questão muito interessante com o filho. Não havia saído de seu lugar sob hipótese alguma. Sim, reparara num marimbondo quase no fim do almoço. Seu filho o matara.

M. Jean Dupont confirmou esse depoimento. Não havia notado nada do que se passava ao seu redor. O marimbondo o incomodava e o tinha matado. O assunto da discussão? A cerâmica pré-histórica do Oriente Próximo.

Mr. Clancy, que veio a seguir, não sabia o que o esperava. Mr. Clancy, na opinião do inspetor Japp, conhecia coisas demais a respeito de zarabatanas e setas envenenadas.

— O senhor nunca teve uma zarabatana que fosse sua?

— Bem... eu... hum... bem, sim, pra ser franco, eu tenho.

— Ah, é? — o inspetor Japp se agarrou à declaração.

O pequeno Mr. Clancy quase se esganiçou, de tão agitado.

— O senhor não deve... hum... interpretar mal o que eu disse. Meus motivos são totalmente inocentes. Posso explicar...

— É, talvez seja bom mesmo.

— Pois, o senhor vê, eu estava escrevendo um livro em que o assassinato era cometido desse jeito...

— Ah, é...

De novo essa inflexão ameaçadora. Mr. Clancy apressou-se a esclarecer:

— Era tudo uma questão de marcas digitais... entende? Tornou-se necessário fazer uma ilustração que mostrasse o ponto que eu queria deixar, claro... quero dizer... as marcas digitais... a posição delas... a posição delas na zarabatana, entende, e tendo visto uma em Charing Cross Road... já faz no mínimo uns dois anos... então comprei a zarabatana... e um pintor amigo meu teve a gentileza de desenhá-la pra mim... com as marcas digitais... para ilustrar o que eu queria dizer. Posso indicar-lhe o nome do livro... *O Caso da Pétala Escarlate*... e do meu amigo também.

— O senhor guardou a zarabatana?

— Pois olha... sim, creio que sim... quero dizer, sim, guardei.

— E onde é que ela está agora?

— Bom, eu suponho... ora, deve andar por aí.

— Mr. Clancy, o que é que o senhor entende exatamente por andar por aí?

— Bem... eu entendo... nalgum lugar... sei lá onde. Eu... eu não sou um sujeito muito ordeiro.

— Não está em seu poder agora, por exemplo?

— Claro que não. Ora, faz quase seis meses que não vejo aquilo.

O inspetor Japp lançou-lhe um gélido olhar de desconfiança e prosseguiu com o interrogatório.

— Nunca saiu do seu lugar no avião?

— Não, claro que não... pelo menos... bem, saí, sim.

— Ah, *saiu*. Aonde foi?

— Fui apanhar um guia Bradshaw europeu no bolso da minha capa de chuva. Estava empilhada com alguns tapetes e malas perto da entrada, no fundo.

— Quer dizer, então, que passou rente ao lugar da extinta?

— Não... pelo menos... bem, sim, devo ter passado. Mas isso foi muito antes que pudesse ter acontecido alguma coisa. Eu mal tinha terminado de tomar a sopa.

Outras perguntas produziram respostas negativas. Mr. Clancy não havia notado nada de anormal. Ficara entretido em aperfeiçoar o seu álibi de travessia da Europa.

— Álibi, é? — retrucou o inspetor, sombrio.

Poirot interveio com uma pergunta sobre marimbondos.

Sim, Mr. Clancy havia reparado num marimbondo — que queria mordê-lo, por sinal. Tinha medo de marimbondos. A que horas? Logo depois que o comissário de bordo lhe trouxera o café. Enxotara o marimbondo, que saiu voando.

O nome e o endereço de Mr. Clancy foram anotados e ele recebeu licença para se retirar, o que fez com uma expressão de alívio no rosto.

— Aqui tem coisa — disse Japp. — Ele de fato *tinha* uma zarabatana. E repare só no jeito dele. Estava que nem se agüentava.

— Por causa do rigor da sua conduta oficial, meu caro Japp.

— Ninguém precisa ter medo de dizer a verdade — afirmou o agente da Scotland Yard com toda a severidade.

Poirot olhou para ele, penalizado.

— Sou capaz de jurar que você acredita piamente nisso.

— Lógico que acredito. É fato. Muito bem, agora vamos ao Norman Gale.

Norman Gale deu seu endereço como Shepherd's Avenue, 14, Muswell Hill. Exercia a profissão de dentista. Estava voltando de umas férias em Le Pinet, na Riviera francesa. Tinha passado um dia em Paris examinando vários tipos novos de instrumentos dentários.

Nunca havia visto a extinta, e não notara nada de anormal na viagem. De qualquer forma, estava de frente para o outro lado — para a cabina dianteira. Só saíra uma vez de seu lugar durante o vôo, para ir ao toalete. Voltara diretamente para o seu lugar e nunca se aproximara da parte traseira da cabina. Não tinha reparado em nenhum marimbondo.

Depois dele veio James Ryder, meio nervoso e com modos um tanto bruscos. Regressava de uma viagem de negócios a Paris. Não conhecia a extinta. Sim, tinha ocupado o lugar logo à frente do dela, mas para vê-la teria de se levantar e olhar por cima do ombro. Não escutara nada — nenhum grito ou exclamação. Ninguém, exceto os comissários de bordo, viera até o fundo da cabina. Sim, os dois franceses tinham ocupado lugares paralelos ao seu, do lado oposto do corredor. E passado quase toda a viagem conversando. O mais jovem dos dois havia matado um marimbondo no fim da refeição. Não, não reparara antes no marimbondo. Não sabia como era uma zarabatana, pois jamais vira algo parecido, de modo que não podia dizer se tinha visto uma coisa dessas na viagem ou não...

Nesse momento exato bateram à porta. Um guarda entrou, mal se contendo de júbilo.

— O sargento acaba de encontrar isto aqui, inspetor — disse. — Achou que o senhor gostaria de ver imediatamente.

Depositou a presa em cima da mesa, desembrulhando-a com cuidado do lenço em que estava enrolada.

— Não tem impressões digitais, inspetor, ao menos que o sargento

pudesse ver, mas ele me pediu pra ser precavido.

O objeto agora à mostra era uma inconfundível zarabatana de fabricação indígena.

Japp reteve bruscamente o fôlego.

— Santo Deus! Então é verdade. E eu que não estava querendo acreditar!

Mr. Ryder curvou-se para a frente, interessado.

— Quer dizer que é isso que os sul-americanos usam, é? Já li sobre essas coisas, mas nunca tinha visto uma. Bom, agora posso responder sua pergunta. Não vi ninguém lidando com nada desse gênero.

— Onde a encontraram? — perguntou Japp, imperioso.

— Escondida bem atrás de um dos lugares, inspetor.

— Qual deles?

— O n.º 9.

— Muito interessante — disse Poirot. Japp virou-se para ele.

— Interessante por quê?

— Porque o n.º 9 era o *meu* lugar.

— Pois isso me parece bastante estranho de sua parte, francamente — comentou Mr. Ryder.

Japp fez uma carranca.

— Obrigado, Mr. Ryder, por enquanto é só. Depois que Ryder saiu, virou-se para Poirot com um sorriso.

— Isso é obra *sua*, seu safado?

— *Mon ami* — retrucou Poirot com dignidade, — quando eu cometer um crime *não* será com veneno de flecha de índios sul-americanos.

— De fato, é meio vulgar — concordou Japp. — Mas parece que surtiu efeito.

— É isso que me deixa profundamente intrigado.

— Seja lá quem for, deve ter corrido os riscos mais incríveis. Sim, por Deus, na certa. Puxa vida, o sujeito precisava ser doido varrido. Quem está faltando ainda? Só uma moça. Vamos mandá-la entrar e acabar logo com isso. Jane Grey... até parece nome de romance.

— É uma moça bonita — disse Poirot.

— Ah é, seu cachorrão? Quer dizer que não passou o tempo todo dormindo, hem?

— Ela é bonita... e nervosa — frisou Poirot.

— Nervosa, hem? — repetiu Japp, alerta.

— Ah, meu caro amigo, quando uma moça anda nervosa em geral é por causa de algum rapaz... e não de um crime.

— Ah, bem, acho que tem razão. Cá está ela.

Jane respondeu com bastante clareza as perguntas que lhe foram feitas. Chamava-se Jane Grey e estava empregada no salão de beleza Antoine, em Bruton Street. Residia em Harrogate Street, 10, N. W. 5. Estava voltando de Le Pinet.

— Le Pinet... hum!

Novas perguntas trouxeram à baila a história do bilhete do Sweepstake.

— Esses Sweepstakes irlandeses deviam ser proibidos — resmungou Japp.

— Pois eu acho que são maravilhosos — protestou Jane. — O senhor *nunca* apostou meia coroa num cavalo?

Japp avermelhou e pareceu confuso.

Reiniciaram-se as perguntas. Ao lhe mostrarem a zarabatana, Jane negou que alguma vez a tivesse visto. Não, não conhecia a extinta, mas chamara-lhe a atenção em Le Bourget.

— Por que que ela lhe chamou especialmente a atenção?

— Por ser tremendamente feia — respondeu Jane com franqueza.

Nenhuma outra informação de valor pôde ser obtida, e ela recebeu licença para se retirar.

Japp tornou a contemplar a zarabatana.

— Não entendo — disse. — O truque mais grosseiro dos romances policiais surtindo efeito! Que nos resta procurar agora? Um sujeito que tenha estado na região do mundo de onde vem esse troço? E de onde é mesmo que provém isso aí? Preciso chamar um perito pra verificar. Pode ser que seja da

Malásia, da América do Sul ou da África.

— A princípio, sim — concordou Poirot. — Mas se você observar bem, meu amigo, vai notar um pedaço microscópico de papel colado à zarabatana. Isso está me parecendo muito os restos de uma etiqueta de preço que foi arrancada dali. Acho que esse exemplar veio das selvas *através* de alguma loja de curiosidades. O que possivelmente há de facilitar a nossa busca. Só mais uma perguntinha.

— Diga logo.

— Você ainda vai mandar fazer aquela lista... a dos pertences dos passageiros?

— Bem, agora já não tem tanta importância, mas pode-se providenciar. Faz muita questão?

— *Mais oui*. Estou intrigado, intrigadíssimo. Se pudesse encontrar alguma coisa que me ajudasse...

Japp não estava prestando atenção. Examinava a etiqueta do preço rasgada.

— Clancy revelou que tinha comprado uma zarabatana. Esses autores de romances policiais... sempre apresentando a polícia como idiota... e interpretando completamente mal a nossa maneira de agir. Ora, se eu dissesse ao meu superintendente as coisas que os inspetores dos livros dizem prós superintendentes deles, seria expulso da Força na mesma hora! Cambada de escritores ignorantes! Isso é exatamente o tipo do crime desgraçado que um autor de asneira seria capaz de pensar que poderia escrever impunemente.

4 - O INQUÉRITO

O inquérito sobre Marie Morisot foi efetuado quatro dias depois. As circunstâncias sensacionais de sua morte despertaram grande interesse popular, e a sala do tribunal estava cheia de gente.

A primeira testemunha a depor foi um francês alto e idoso, de barbas grisalhas — *Maître* Alexandre Thibault. Falava inglês devagar, meticulosamente,

com um leve sotaque, mas de maneira bastante idiomática.

Depois das perguntas preliminares, o juiz indagou:

— O senhor viu o cadáver da extinta. O senhor o reconhece?

— Sim. É o da minha constituinte, Marie Angélique Morisot.

— Esse é o nome que consta do passaporte da extinta. Não era conhecida publicamente por outro nome?

— Sim. Madame Giselle.

Houve um rebuliço na sala. Os jornalistas aprontaram os lápis.

— Quer nos descrever exatamente — pediu o juiz — quem era essa Madame Morisot... ou Madame Giselle?

— Madame Giselle... para mencioná-la pelo seu nome profissional, com o qual fazia suas transações... era uma das prestamistas mais conhecidas de Paris.

— E onde é que efetuava suas transações?

— Na Rue Joliette, n.º 3. Que também servia de residência particular.

— Ao que consta, ela vinha com bastante freqüência à Inglaterra. Os negócios dela se estendiam a este país?

— Sim, tinha vários clientes ingleses. Era muito relacionada em certo setor da sociedade inglesa.

— Como o senhor descreveria esse setor da sociedade?

— Sua clientela consistia principalmente de membros das classes superiores e profissionais, em casos em que fosse importante observar a máxima discrição.

— Tinha ela a reputação de ser discreta?

— No mais alto grau.

— Posso perguntar-lhe se conhece a fundo as... hum... suas várias transações de negócios?

— Não, não conheço. Eu tratava de seus assuntos legais, mas Madame Giselle era uma grande mulher de negócios, inteiramente capaz de solucionar sozinha seus próprios problemas, com a maior competência. Mantinha pessoalmente o controle de suas transações. Era, por assim dizer, uma criatura de caráter extremamente original, e figura muito conhecida do público.

— Não sabe informar se era rica por ocasião de sua morte?

— Era extremamente rica.

— Tinha algum inimigo?

— Que eu saiba, não.

O *Maître* Thibault então retirou-se e Henry Mitchell foi chamado.

— Seu nome é Henry Charles Mitchell — disse o juiz, — e reside em Shoeblack Lane, 11, Wandsworth?

— Sim, senhor.

— Está empregado na Universal Airlines, Limited?

— Sim senhor.

— É o chefe dos comissários de bordo do avião *Prometeu*?

— Sim senhor.

— Na terça-feira passada, dia dezoito, o senhor estava de serviço no *Prometeu* no vôo do meio-dia de Paris a Croydon. A extinta viajou nesse avião. Nunca a tinha visto antes?

— Sim senhor. Há seis meses eu fazia o vôo das 8h45m da manhã e notei-a a bordo umas duas vezes.

— Sabia o nome dela?

— Bem, devia constar da minha lista, Sr. juiz, mas não achei que tivesse nada de especial, por assim dizer.

— Nunca ouviu falar no nome de Madame Giselle?

— Não senhor.

— Faça o favor de descrever, com suas próprias palavras, as ocorrências de terça-feira passada.

— Eu tinha servido o almoço, Sr. juiz, e estava entregando as notas. Supus que a extinta estivesse dormindo. Resolvi não acordá-la até que faltassem cinco minutos para a chegada. Quando tentei fazer isso, descobri que estava morta ou gravemente enferma. Encontrei um médico a bordo. Ele disse...

— Daqui a pouco teremos o depoimento do Dr. Bryant. Quer ter a bondade de examinar isto aqui?

A zarabatana foi entregue a Mitchell, que a pegou com cuidado.

— Já tinha visto isso antes?

— Não senhor.

— Tem certeza de que não a viu nas mãos de nenhum dos passageiros?

— Tenho.

— Albert Davis.

O comissário mais moço ocupou o banco de testemunhas.

— O senhor se chama Albert Davis e mora em Barcome Street, 23, Croydon. É empregado da Universal Airlines, Limited?

— Sim senhor.

— Estava de serviço no *Prometeu* como segundo comissário na terça-feira passada?

— Sim senhor.

— Quando foi a primeira vez que soube da tragédia?

— Mr. Mitchell, Sr. juiz, me contou que estava com medo que tivesse havido alguma coisa com um dos passageiros.

— Já viu isto aqui antes? Entregaram a zarabatana a Davis.

— Não senhor.

— Não a observou nas mãos de nenhum dos passageiros?

— Não senhor.

— Não aconteceu nada durante a viagem que o senhor achasse que poderia esclarecer este caso?

— Não senhor.

— Muito bem. Pode retirar-se.

— Dr. Roger Bryant.

O Dr. Bryant deu seu nome e endereço e apresentou-se como especialista de moléstias de ouvido e garganta.

— Quer nos descrever, com suas próprias palavras, Dr. Bryant, exatamente o que aconteceu na terça-feira passada, dia dezoito?

— Pouco antes de chegarmos a Croydon, o chefe dos comissários me

procurou. Perguntou se eu era médico. Quando respondi que sim, ele me disse que um dos passageiros tinha ficado doente. Me levantei e o acompanhei. A mulher em questão estava caída no assento. Já fazia algum tempo que havia morrido.

— Quanto tempo, na sua opinião, Dr. Bryant?

— Meia hora no mínimo, eu diria.

— Chegou a alguma teoria sobre a *causa mortis*?

— Não. Seria impossível dizer sem um exame minucioso.

— Notou, porém, uma pequena picada na parte lateral do pescoço.

— Notei.

— Obrigado...

— Dr. James Whistler.

O Dr. Whistler era um homenzinho magro e esquelético.

— O senhor é o médico-legista do distrito?

— Sou.

— Quer prestar depoimento com suas próprias palavras?

— Pouco depois das três horas da terça-feira passada, dia dezoito, recebi um chamado para ir ao aeroporto de Croydon. Lá me mostraram o cadáver de uma mulher de meia-idade, num dos assentos do avião de carreira *Prometeu*. Estava morta, e a morte tinha ocorrido, eu diria, cerca de uma hora antes. Notei uma picada circular na parte lateral do pescoço — diretamente sobre a veia jugular. Essa marca tanto poderia ter sido causada pelo ferrão de um marimbondão como pela inserção do espinho que me mostraram. O cadáver foi removido para o necrotério, onde consegui fazer um exame minucioso.

— A que conclusões chegou?

— A morte sobreveio pela introdução de uma fortíssima substância venenosa no fluxo sanguíneo. Foi devido à paralisia aguda do coração, e deve ter sido praticamente instantânea.

— Pode nos dizer o nome dessa substância venenosa?

— Era uma substância que nunca encontrei antes.

Os jornalistas, prestando a máxima atenção, anotaram: “*Veneno desconhecido*”.

— Obrigado... Mr. Henry Winterspoon.

Mr. Winterspoon era um homenzarrão de ar sonhador e expressão benevolente. Parecia amável, mas burro. Todo mundo levou uma espécie de choque ao saber que era o analista oficial do governo e uma autoridade em venenos raros.

O juiz mostrou o espinho fatal e perguntou-lhe se o reconhecia.

— Sim. Me mandaram pra ser analisado.

— Pode nos dar o resultado dessa análise?

— Pois não. Eu diria que inicialmente a seta foi embebida num preparado de curare indígena... um veneno para flechas, usado por certas tribos.

Os jornalistas tomaram nota, entusiasmados.

— Julga, então, que a morte podia ter sido causada pelo curare?

— Ah, não — retrucou Mr. Winterspoon. — Havia apenas um levíssimo traço do preparado original. Segundo minha análise, a seta tinha sido recentemente embebida na peçonha da *Dispholidus Typus*, mais conhecida como *boomslang* ou cobra das árvores.

— Uma *boomslang*? O que vem a ser isso?

— É uma cobra sul-africana das mais mortíferas e venenosas que existem. Seu efeito sobre o ser humano é desconhecido, mas pode-se fazer a idéia da intensa virulência da peçonha quando se sabe que ao injetá-la numa hiena, o animal morre antes de se retirar a agulha.

Um chacal morreu como se tivesse sido atingido por uma bala. O veneno provoca a hemorragia aguda sob a pele e também age sobre o coração, paralisando-lhe o funcionamento.

Os jornalistas escreveram: “*História extraordinária. Veneno de cobra no drama aéreo. Mais letal que a naja.*”

— O senhor conhece algum caso em que a peçonha tenha sido usada de propósito?

— Não, nunca ouvi falar. É muito interessante.

— Obrigado, Mr. Winterspoon.

O sargento-detetive Wilson depôs que tinha encontrado a zarabatana atrás da almofada de um dos assentos. Não continha marcas digitais. Havia feito experiências com a seta e a zarabatana. E calculava-se mais ou menos em dez metros o raio de seu alcance.

— M. Hercule Poirot.

Registrou-se um leve burburinho de interesse, mas o depoimento de M. Poirot foi muito discreto. Sim, era ele quem tinha achado a minúscula seta no chão da cabina. Achava-se na posição que teria ocupado normalmente, se houvesse caído do pescoço da morta.

— A Condessa de Horbury.

Os jornalistas escreveram: *“Esposa de nobre presta depoimento no mistério da morte aérea.”* Alguns puseram: *“... no mistério do veneno de cobra”*.

Os que colaboravam em publicações femininas acrescentaram: *“Lady Horbury usava um dos novos chapéus estilo colegial e peles de raposa”*, ou *“Lady Horbury, uma das senhoras mais elegantes de Londres, trajava-se de preto, com um dos novos chapéus estilo colegial”*, ou *“Lady Horbury, que antes de seu casamento chamava-se Miss Cicely Bland, estava elegantemente vestida de preto, com um dos novos chapéus...”*

Todo mundo se deleitou em admirar a elegante e bela jovem, embora seu depoimento fosse o mais breve de todos. Não tinha notado nada; nunca havia visto a extinta antes.

Venetia Kerr sucedeu-a, mas causou uma emoção nitidamente menor.

Os incansáveis fornecedores de notícias femininas escreveram: *“A filha de Lord Cottesmore trajava um costume bem talhado, e meias curtas, agora tão em voga”*, e anotaram a frase: *“Damas da sociedade no inquérito”*

— James Ryder.

— O senhor se chama James Bell Ryder, e seu endereço é Blainberry Avenue, 17, N.W.?

— Sim.

— A que ramo de negócios ou profissão se dedica?

— Sou diretor-gerente da Ellis Vale, Cimentos, & Cia.

— Queira ter a bondade de examinar esta zarabatana. — (Pausa) — Já tinha visto isso antes?

— Não.

— Não viu nada parecido nas mãos de alguém a bordo do *Prometeu*!

— Não.

— O senhor estava sentado no lugar n.º 4, logo à frente da extinta?

— E que tem isso?

— Faça o favor de não adotar esse tom comigo. O senhor estava sentado no lugar n.º 4. Desse lugar, podia ver praticamente todas as pessoas na cabina.

— Não podia, não. Não dava pra enxergar nenhuma que estivesse do mesmo lado que eu. As poltronas têm encosto alto.

— Mas se uma dessas pessoas saísse para o corredor... numa posição que lhe permitisse assestar a zarabatana contra a extinta... o senhor a teria visto?

— Certamente.

— E não viu nada disso?

— Não.

— Nenhuma das pessoas à sua frente se afastou do seu lugar?

— Bem, o homem que estava dois bancos à minha frente se levantou e foi ao compartimento de toailete.

— No sentido oposto ao seu e ao da extinta?

— Sim.

— Ele nunca percorreu a cabina na sua direção?

— Não, ele voltou diretamente para o lugar dele.

— Não trazia nada na mão?

— Absolutamente nada.

— Tem certeza?

— Plena.

— Ninguém mais se afastou de seus lugares?

— O cara na minha frente. Ele veio no sentido contrário, passando por mim até o fundo da cabina.

— Protesto — esganiçou-se Mr. Clancy, saltando de sua cadeira no tribunal. — Isso foi mais cedo... muito mais cedo... por volta de uma hora.

— Tenha a bondade de sentar-se — pediu o juiz. — O senhor será ouvido daqui a pouco. Continue, Mr. Ryder. Não notou se esse cavalheiro trazia alguma coisa nas mãos?

— Acho que tinha uma caneta. Quando voltou, levava um livro de capa cor de laranja na mão.

— Foi ele a única pessoa que atravessou a cabina na sua direção? O senhor mesmo não saiu do seu lugar?

— Saí. Fui ao compartimento de toalete... e também não tinha nenhuma zarabatana na minha mão.

— O senhor está adotando um tom extremamente impertinente. Pode retirar-se.

Mr. Norman Gale, dentista, prestou depoimento que se resumiu em negativas. Depois o indignado Mr. Clancy subiu ao banco de testemunhas.

Mr. Clancy era notícia de interesse menor, vários graus abaixo da esposa de um nobre.

“Autor de histórias de mistério presta depoimento. Conhecido escritor admite ter comprado arma fatal. Sensação no tribunal”

Mas a sensação talvez fosse um pouco prematura.

— Sim senhor — disse Mr. Clancy, estridente. — De fato, comprei uma zarabatana e, o que é mais, trouxe-a comigo. Protesto veementemente contra a conclusão de que a zarabatana com a qual o crime foi cometido fosse a minha. Eis aqui a minha.

E mostrou a zarabatana com um floreio de triunfo.

Os jornalistas escreveram: *“Mais uma zarabatana no tribunal.”*

O juiz tratou Mr. Clancy com severidade. Disse-lhe que ele se achava ali para auxiliar a justiça e não para refutar acusações totalmente imaginárias. Depois interrogou-o sobre as ocorrências a bordo do *Prometeu*, mas com poucos resultados. Mr. Clancy, conforme ele explicou demorando um tempo completamente desnecessário, tinha ficado demasiadamente absorto com as excentricidades dos serviços ferroviários estrangeiros e as dificuldades dos horários diários para reparar no que quer que fosse que estivesse se passando ao seu redor. A cabina inteira poderia ter disparado setas envenenadas de zarabatanas sem que Mr. Clancy notasse coisa alguma.

Miss Jane Grey, assistente de cabeleireiro, não criou o mínimo alvoroço jornalístico.

M. Armand Dupont depôs que viera a Londres para fazer uma conferência perante a Sociedade Real Asiática. Ele e seu filho tinham ficado entretidos numa discussão teórica e pouco haviam reparado no que acontecia por perto. Não notara a presença da extinta até ter a atenção atraída pelo rebuliço causado pela descoberta de sua morte.

— Conhecia de vista essa Madame Morisot ou Madame Giselle?

— Não, *Monsieur*. Nunca a tinha visto antes.

— Mas ela é uma figura muito conhecida em Paris, não é? O velho M. Dupont deu de ombros.

— Não pra mim. Em todo caso, ultimamente não tenho ficado muito em Paris.

— O senhor, segundo creio, regressou recentemente do Oriente?

— Exato, *Monsieur*... da Pérsia.

— O senhor e seu filho viajaram bastante pelos lugares mais exóticos do mundo, não?

— *Pardon!*

— O senhor não andou em lugares selvagens?

— Isso, sim.

— Não encontrou nenhuma raça que usasse peçonha de cobras como veneno para flechas?

Essa pergunta teve de ser traduzida, e quando M. Dupont percebeu o sentido, sacudiu energicamente a cabeça. - Nunca... nunca encontrei nada desse tipo.

O filho foi a testemunha subsequente. Seu depoimento repetiu o do pai. Não tinha reparado em nada. Achava possível que a extinta houvesse sido mordida por um marimbondo; porque ele mesmo fora importunado por um, que finalmente matara.

Os Duponts foram as últimas testemunhas.

O juiz pigarreou e dirigiu-se ao júri.

Esse caso, disse, era indubitavelmente o mais espantoso e incrível que já tratara naquele tribunal. Uma mulher havia sido assassinada — podiam excluir qualquer possibilidade de suicídio ou acidente — no ar, num pequeno recinto fechado. Não restava a menor dúvida de que nenhuma pessoa de fora teria cometido o crime. O assassino ou assassina devia, forçosamente, ser uma das testemunhas ouvidas nessa manhã. Era um fato irrefutável, terrível e hediondo. Uma das pessoas presentes mentira de modo descarado e impenitente.

A maneira do crime era de uma audácia sem precedentes. Bem à vista das dez — ou doze, incluindo-se os comissários de bordo — testemunhas, o criminoso tinha posto uma zarabatana entre os lábios e desfechado a seta fatal no seu curso assassino pelo ar afora sem que ninguém observasse o ato. Parecia francamente incrível, mas ali estavam as provas: a zarabatana, a seta encontrada no chão, a marca no pescoço da extinta e o laudo do médico-legista para mostrar que, incrível ou não, tinha acontecido.

Na falta de maiores provas incriminando uma determinada pessoa, ele só podia aconselhar o júri a dar um veredicto de assassinato contra pessoa ou pessoas desconhecidas. Todos os depoentes negavam qualquer conhecimento da extinta. A polícia seria forçada a descobrir como e onde havia uma conexão. Na ausência de qualquer motivo para o crime, só podia recomendar o veredicto que

acabava de mencionar. O júri agora iria ponderar sobre ele.

Um membro de cara quadrada do júri, com olhar desconfiado, inclinou-se para frente respirando com dificuldade.

— Posso fazer uma pergunta, Sr. juiz?

— Pois não.

— O senhor diz que a zarabatana foi encontrada debaixo de um assento? Quem estava sentado ali?

O juiz consultou suas notas. O sargento Wilson aproximou-se dele e murmurou:

— Ah, é. O lugar em questão era o nº 9, ocupado por M. Hercule Poirot. Devo dizer que M. Poirot é um detetive particular muito conhecido e respeitado, que já... hum... colaborou várias vezes com a Scotland Yard.

O homem de cara quadrada transferiu seu olhar para o rosto de M. Poirot. Deteve-se com uma expressão pouco satisfeita nos longos bigodes do pequeno belga.

— Estrangeiros — diziam os olhos do homem de cara quadrada, — não se pode confiar em estrangeiros, nem mesmo quando são carne e unha com a polícia.

— Foi esse Mr. Poirot quem encontrou a seta, não foi? — perguntou em voz alta.

— Foi.

Os membros do júri se retiraram. Voltaram ao cabo de cinco minutos, e o primeiro jurado entregou uma folha de papel ao juiz.

— Que negócio é este? — O juiz fechou a carranca. — Que disparate. Não posso aceitar este veredicto.

Minutos mais tarde, o veredicto voltava retificado:

— Achamos que a extinta foi morta por veneno, havendo provas insuficientes que demonstrem por quem ele foi administrado.

5 - DEPOIS DO INQUÉRITO

Ao sair da sala do tribunal depois do veredicto Jane encontrou Norman Gale a seu lado.

— Que será que havia naquele papel que o juiz não quis aceitar nem por nada? — perguntou ele.

— Creio que posso informar-lhe — disse uma voz atrás dele. Os dois se viraram e deram com os olhos brilhantes de M. Hercule Poirot.

— Era um veredicto — explicou o homenzinho — de homicídio deliberado, contra *mim*.

— Ah, não é possível... — exclamou Jane. Poirot confirmou, bem-humorado, com a cabeça.

— *Mais oui*. Quando eu ia saindo, ouvi um homem dizer pro outro: “Aquele estrangeiro baixinho... escute o que estou lhe dizendo, *foi ele!*” O júri achou a mesma coisa.

Jane não sabia se devia se condoer ou rir. Optou pela segunda alternativa. Poirot, contagiado, também riu.

— Mas, até breve — disse ele; — decididamente tenho que pôr mãos à obra pra limpar o meu nome.

E com um sorriso e uma mesura, foi embora. Jane e Norman ficaram contemplando a sua silhueta ao longe.

— Que sujeitinho incrivelmente estranho — comentou Gale. — Intitula-se detetive. Não sei como *fará* para descobrir alguma coisa. Qualquer criminoso é capaz de identificá-lo a léguas de distância. Não vejo como *poderia se disfarçar*.

— Você não tem uma idéia meio antiquada de detetives? - perguntou Jane. — Todo esse negócio de barbas falsas já anda fora de moda. Hoje em dia os detetives se limitam a ficar sentados, resolvendo tudo psicologicamente.

— É bem menos extenuante.

— Fisicamente, talvez; mas é lógico que se precisa ter um cérebro frio e lúcido.

— Já sei. Quente e confuso não serve. Os dois riram.

— Escute aqui — disse Gale. Seu rosto ficou levemente corado e falou bastante rápido. — Você não gostaria... quero dizer, seria tremendamente simpático se você... é um pouco tarde... mas que tal a idéia de tomar um chá comigo? Sinto que somos... companheiros de infortúnio... e...

Parou. Pensou consigo mesmo:

Que que há com você, seu idiota? Não é capaz de convidar uma garota pra tomar uma xícara de chá sem gaguejar nem avermelhar ou fazer um papel ridículo? O que é que ela vai pensar de você?

A confusão de Gale serviu para acentuar a calma e sangue-frio de Jane.

— Muito obrigado — disse. — *Eu gostaria* de um chá.

Encontraram uma confeitaria aberta e uma garçonete desdenhosa de ar soturno tomou-lhes o pedido com ar de dúvida, como se quisesse dizer: “Não tenho culpa se ficarem decepcionados. *Dizem* que servimos chá aqui, mas *eu* nunca ouvi falar nisso.”

A confeitaria estava quase vazia. O que serviu para sublinhar a intimidade do ato de tomarem chá juntos. Jane tirou as luvas e olhou para o companheiro do outro lado da mesa. Ele *era* bonito — aqueles olhos azuis e aquele sorriso. E também era *simpático*.

— Coisa estranha, esse negócio de crime — comentou Gale, procurando assunto rapidamente. Ainda não se libertara por completo de uma absurda sensação de embaraço.

— Eu sei — concordou Jane. — Estou meio preocupada com isso... do ponto de vista do meu emprego, quero dizer. Não sei como vão encarar o caso lá no salão.

— Pois é. Não tinha pensado nisso.

— O Antoine é bem capaz de não querer uma funcionária que ande envolvida num caso de assassinato e que teve de prestar depoimento, e tudo mais.

— As pessoas são engraçadas — disse Norman Gale, pensativo. — A vida é... é tão injusta. Uma coisa como essa, que não é culpa sua, de modo algum... — Fez uma carranca indignada. — É abominável!

— Ora, isso ainda não aconteceu — lembrou-lhe Jane. — Não vale a

pena se exaltar e ficar apreensivo com uma coisa que não aconteceu. Afinal, não deixam de ter certa razão... eu podia ser a criminosa! E dizem que quando se mata alguém, em geral não se fica só na primeira vítima; e não seria muito agradável pentear-se com alguém dessa espécie.

— Basta olhar pra você pra logo se ver que não poderia matar ninguém — afirmou Norman, olhando-a sério.

— Não tenho tanta certeza assim — retrucou Jane. — Às vezes, bem que gostaria de matar certas freguesas... se pudesse garantir que sairia impune! Tem uma, então... que fala com voz de taquara rachada e vive reclamando tanto que eu às vezes acho que assassiná-la seria uma boa ação e não um crime, de jeito nenhum. Portanto você vê que tenho tendências bem criminosas.

— Bom, mas seja como for, você não cometeu esse crime de que estamos tratando — disse Gale. — Quanto a isso, sou capaz de jurar.

— E eu sou *capaz* de jurar que *você* tampouco — frisou Jane. — Mas isso não vai adiantar nada, se os seus clientes acharem que você cometeu.

— Pois é, os meus clientes... — Ficou meio pensativo. — Suponho que tenha razão... de fato, não havia pensado nisso. Um dentista que fosse um maníaco homicida... não, não é uma perspectiva muito agradável.

E acrescentou de repente, impulsivo.

— Escute aqui, você não se importa que eu seja dentista, não é?

Jane arqueou as sobrancelhas.

— Eu? Me importar?

— O que eu quero dizer é que sempre tem qualquer coisa meio... bem, meio *cômica* no fato de ser dentista. De certo modo não é uma profissão romântica. Já um médico todo mundo leva a sério.

— Console-se — disse Jane. — Um dentista está decididamente em melhor situação que uma assistente de cabeleireiro.

Os dois riram e Gale disse:

— Tenho a impressão de que seremos amigos. Você também?

— Sim, acho que sim.

— Quem sabe não quer jantar comigo uma noite dessas? Depois podia-se

ir ao teatro.

— Obrigada.

Houve uma pausa e depois Gale perguntou:

— Que tal achou Le Pinet?

— Divertidíssimo.

— Nunca tinha estado lá?

— Não, sabe...

Jane, subitamente propensa a confidencias, contou a história do bilhete premiado no Sweepstake. Ambos concordaram quanto à fascinação e conveniência dos Sweepstakes, deplorando a atitude refratária do governo.

A conversa foi interrompida por um rapaz de terno marrom que pairava por perto, meio hesitante, há alguns minutos, sem despertar a atenção de ambos.

Agora, porém, tirava o chapéu e dirigia a palavra a Jane com certa segurança loquaz.

— Miss Jane Grey? — indagou.

— Sim.

— Eu represento o *Weekly Howl*, Miss Grey. Será que não poderia nos dar uma rápida entrevista sobre esse crime do avião? Do ponto de vista de um dos passageiros.

— Obrigada, mas creio que não.

— Ora, vamos, Miss Grey. Nós lhe pagaríamos bem.

— Quanto? — perguntou Jane.

— Cinquenta libras... ou, bem... talvez um pouco mais. Sessenta, digamos.

— Não — disse Jane. — Acho que não posso. Não saberia o que dizer.

— Não faz mal — retrucou logo o rapaz. — Não precisa realmente *escrever* o artigo, sabe? Um de meus colegas apenas lhe pediria algumas sugestões e faria tudo sozinho. Não lhe daria o menor trabalho.

— Mesmo assim — retrucou Jane, — prefiro não dizer nada.

— Que tal cem libras? Olhe aqui, eu de fato estou disposto a lhe pagar cem. E nos dê uma fotografia.

— Não — disse Jane. — A idéia não me agrada.

— Portanto é melhor dar o fora — aconselhou Norman Gale. — Miss Grey não deseja ser importunada.

O rapaz virou-se esperançoso para ele.

— Mr. Gale, não é? — disse. — Pois olhe aqui, Mr. Gale, se Miss Grey sente certo escrúpulo em prestar declarações, por que o senhor não experimenta? Quinhentas palavras. E lhe pagaremos a mesma quantia que ofereci a Miss Grey... o que é um bom negócio, porque a descrição que uma mulher faz do assassinato de outra tem maior valor como notícia. Estou lhe oferecendo uma ótima oportunidade.

— Não quero. Não escreverei uma só palavra pra vocês.

— Seria uma boa publicidade, além do pagamento. Profissional de futuro... carreira brilhante pela frente... todos os seus clientes leriam.

— Pois é justamente isso — retrucou Norman Gale — que mais temo.

— Ora, hoje em dia não se consegue nada sem publicidade.

— Possivelmente, mas depende do tipo de publicidade. Estou torcendo para que ao menos um ou dois dos meus cliente.s não leiam jornais e possam continuar na ignorância do fato de que andei envolvido num caso de assassinato. Agora já tem as nossas duas respostas. Vá embora sem criar problema, ou terei de expulsá-lo daqui a pontapés?

— Não precisa se exaltar — disse o rapaz, sem se intimidar com a ameaça de violência. — Boa noite, e telefonem pra mim lá na redação, caso mudem de idéia. Aqui está o meu cartão.

E saiu todo eufórico da confeitaria, pensando consigo mesmo: “Nada mau. Consegui uma entrevista bastante boa.”

E realmente, o próximo número do *Weekly Howl* trazia uma coluna importante sobre as opiniões de duas das testemunhas no mistério do crime aéreo. Miss Jane Grey se declarara nervosa demais para poder discutir o assunto. Tinha sido um choque terrível para ela e nem queria pensar naquilo. Mr. Norman Gale se estendera sobre o efeito que o fato de estar envolvido num caso de homicídio é capaz de exercer sobre a carreira de um profissional, por mais

inocente que seja. E expressara ironicamente a esperança de que alguns de seus clientes lessem apenas as colunas de modas e assim talvez não esperassem pelo pior quando chegasse a hora do martírio da “cadeira”.

Depois que o rapaz saiu, Jane comentou:

— Por que será que ele não procurou as pessoas mais importantes?

— No mínimo deixou isso para seus superiores — disse Gale, carrancudo. — Provavelmente já tinha tentado com eles e fracassado.

Ficou uns dois minutos de testa franzida e depois perguntou:

— Jane... vou chamar você de Jane. Não se importa, não é?... Jane... quem você acha que realmente matou essa tal Giselle?

— Não tenho a mínima idéia.

— Já pensou sobre isso? Já pensou *realmente* nisso?

— De fato, não. Acho que não. Tenho pensado na parte que desempenhei no caso, preocupando-me um pouco. Mas não me dediquei seriamente a imaginar quem... quem seria o culpado. Creio que somente hoje me dei conta de que um deles *deve* ter cometido o crime.

— Sim, o juiz deixou isso bem claro. Só sei que não fui *eu*, e *você* também não, porque... ora, porque eu passei a maior parte do tempo olhando para você.

— Pois é — disse Jane. — E eu sei que não foi *você*... pelo mesmo motivo. E claro que também sei que não fui eu! Portanto *deve* ter sido um dos outros; mas não sei quem. Não tenho a mínima idéia. E você?

— Também não.

Norman Gale ficou muito pensativo. Parecia estar revolvendo uma série de idéias. Jane continuou:

— Também não vejo como poderíamos ter a mínima idéia. Quero dizer, nós não *vimos* nada... eu, pelo menos, não. E você?

Gale sacudiu a cabeça.

— Não vi coisa nenhuma.

— Isso é que parece tão tremendamente estranho. Você, é lógico que não podia ver nada. Não estava virado para aquele lado. Mas eu sim. Fiquei olhando

bem para o meio do corredor. Quero dizer... podia ter sido eu...

Jane parou e corou. Lembrara-se de que tinha fixado os olhos praticamente o tempo todo num pulôver azul-pervinca, e que os seus pensamentos, longe de se mostrarem receptivos ao que se passava em torno, haviam se concentrado principalmente na personalidade do ser humano que vestia aquele pulôver azul-pervinca.

Que será que a fez corar desse jeito?... — perguntou-se Norman Gale. — É maravilhosa... vou-me casar com ela... Vou, sim... Mas não adianta ficar fazendo planos prematuros. Preciso encontrar um bom pretexto para vê-la com frequência. Essa história do crime serve perfeitamente... De mais a mais, acho mesmo que valeria a pena fazer algo... aquele repórter intrometido e a publicidade dele...

E declarou em voz alta:

— Vamos pensar nisso agora. Quem a matou? Examinemos todas as pessoas. Os comissários de bordo?

— Não — respondeu Jane.

— Concordo. As mulheres do outro lado do corredor?

— Não creio que alguém como Lady Horbury vá andar por aí matando gente. E quanto à outra, Miss Kerr, tem um tipo muito do interior. Não mataria a velha francesa, tenho certeza.

— Só um criador de cães de caça que fosse antipático, não é? Espero que você não esteja muito enganada, Jane. Depois tem o bigodudo, mas parece que ele, segundo o júri do tribunal, seria a pessoa mais plausível, de modo que é carta fora do baralho. O médico? Também não me parece muito provável.

— Se quisesse matá-la, teria usado algo que não deixasse vestígios e ninguém jamais ficaria sabendo.

— Pois é... — disse Norman, em dúvida. — Esses venenos sem cheiro nem sabor, que não deixam rastro, são muito práticos, mas tenho minhas dúvidas se de fato existem. E o homenzinho que confessou que possuía uma zarabatana?

— Sim, isso dá para desconfiar. Mas parecia tão simpático, e depois ele não precisava ter dito que possuía uma zarabatana, portanto acho que não foi ele.

— Então o Jameson... não... como é o nome dele?... Ryder?

— É, podia ser.

— E os dois franceses?

— Seria a hipótese mais provável. Eles andaram por lugares estranhos. *B* naturalmente talvez tivessem algum motivo que desconhecemos por completo. A mim me deu impressão de que o mais moço estava muito descontente e preocupado.

— Pudera, quem não estaria depois de haver cometido um crime? — retrucou Norman Gale, de cara fechada.

— Mas me pareceu simpático — disse Jane, — e o velho, o pai, é bastante querido. Tomara que não sejam eles.

— Pelo jeito, não vamos chegar a nenhuma conclusão — disse Norman Gale.

— Não vejo como poderíamos chegar sem conhecer uma porção de coisas sobre a velha que foi assassinada. Inimigos, e quem herda o dinheiro dela, e tudo mais.

— Acha que estamos nos entregando a meras especulações ociosas? — perguntou Norman.

— E não estamos? — retrucou Jane, calmamente.

— Nem tanto. — Gale hesitou, depois continuou devagar: — Tenho a sensação de que poderiam ser úteis...

Jane olhou-o com curiosidade.

— O crime — explicou Norman Gale — não diz respeito só à vítima e ao criminoso. Ele também afeta os inocentes. Você e eu somos inocentes, mas fomos atingidos pela sombra do crime. Não sabemos até que ponto essa sombra vai influenciar nossas vidas.

Embora Jane fosse uma pessoa de imperturbável senso comum, de repente estremeceu.

— Não diga isso — pediu. — Você me mete medo.

— É o que também estou sentindo — disse Gale.

6 - TROCA DE IDÉIAS

Hercule Poirot foi ao encontro do inspetor Japp, que o acolheu com um sorriso.

— Olá, meu amigo — disse. — Por pouco trancavam o senhor na cadeia.

— Receio que uma ocorrência dessas vá me prejudicar profissionalmente — retrucou Poirot, seriamente.

— Bem — continuou Japp com um sorriso, — às vezes os detetives são de fato os criminosos... nos livros de ficção.

Um homem alto e magro, de expressão inteligente e taciturna, reuniu-se a eles. Japp apresentou-o.

— Monsieur Fournier, da Sûreté. Ele veio aqui para colaborar conosco nesse caso.

— Creio que já tive o prazer de conhecê-lo há alguns anos atrás, M. Poirot — disse Fournier, curvando-se e apertando-lhe a mão. — M. Giraud também me falou no senhor.

Parecia ter um leve sorriso pairando nos lábios. E Poirot, que bem podia imaginar os termos com que Giraud (que ele mesmo tinha o costume de classificar depreciativamente de “o cão de fila humano”) se referira a ele, permitiu-se um sorrizinho discreto como resposta.

— Sugiro que ambos — disse Poirot — jantem comigo no meu apartamento. Já convidei o *Maître Thibault*. Isto é, se o senhor e o meu amigo Japp não fizerem objeções à minha colaboração.

— Claro que não, meu caro — disse Japp, dando-lhe uma palmada afetuosa nas costas. — Estamos todos partindo da estaca zero.

— Nos sentiremos realmente honrados — murmurou cerimoniosamente o francês.

— É que — explicou Poirot, — conforme acabo de dizer à uma mocinha verdadeiramente encantadora, estou ansioso para limpar o meu nome.

— Aquele júri certamente não simpatizou com o senhor — concordou Japp, tornando a sorrir. — Há muito tempo que não ouço uma piada tão boa.

Todos combinaram que não se fariam referências ao caso durante o

ótimo jantar proporcionado pelo pequeno belga.

— Afinal de contas, até que é possível comer bem na Inglaterra — murmurou Fournier com admiração, enquanto usava delicadamente um palito colocado providencialmente à mão.

— Um jantar delicioso, M. Poirot — declarou Thibault.

— Meio afrancesado, mas bom mesmo — sentenciou Japp.

— Uma refeição deve ficar sempre leve no *estomac* — disse Poirot. — E não ser pesada a ponto de paralisar o raciocínio.

— Não posso dizer que o meu estômago me dê muito trabalho — retrucou Japp. — Mas não vou discutir. Bem, é melhor entrarmos logo no assunto. Sei que M. Thibault tem um compromisso esta noite, por isso sugiro que devemos começar trocando idéias com ele sobre qualquer aspecto que pareça provável ser útil.

— Estou à sua disposição, senhores. Naturalmente, aqui eu posso falar com mais liberdade do que numa sala de tribunal. Tive uma rápida conversa apressada com o inspetor Japp antes do inquérito, e ele sugeriu uma conduta reticente... limitar-se aos fatos essenciais.

— Exatamente — disse Japp. — Nunca se devem divulgar segredos antecipadamente. Mas agora ouçamos tudo o que o senhor tem a nos dizer a respeito dessa tal Giselle.

— Para falar a verdade, pouca coisa sei. Conheço-a como o mundo a conheceu... como figura pública. Da sua vida particular, como pessoa, conheço pouquíssimo. Provavelmente M. Fournier, aqui presente, pode lhes revelar mais do que eu. Mas digo-lhes o seguinte: Madame Giselle era o que neste país chamam de “um tipo”. Única no gênero. Nada se conhece de seus antecedentes. Tenho idéia de que quando moça deve ter sido bonita. Creio que em consequência da varíola perdeu toda a beleza. Era uma mulher — estou lhes dando as minhas impressões — que gostava de ter poder, e o tinha. Com muito tino para negócios. O protótipo da francesa astuta que jamais permitiria que o sentimento interferisse em seus interesses comerciais; mas com a reputação de exercer sua profissão com escrupulosa honestidade.

Virou-se para Fournier, em busca de aprovação. O outro sacudiu a taciturna cabeça morena.

— Sim — confirmou. — Era honesta... do ponto de vista dela. A lei, porém, poderia exigir-lhe explicações, se ao menos se dispusesse de provas; mas isso... — Deu de ombros, desanimado. — Seria pedir demais, a natureza humana sendo o que é.

— Como assim?

— *Chantage*.

— Chantagem? — ecoou Japp.

— Sim, de um tipo *sui-generis* e especializado. Madame Giselle costumava emprestar dinheiro em troca do que eu acho que neste país chamam de uma “mera nota promissória”. Ela usava de um critério todo particular quanto às somas que emprestava e os métodos de reembolso; mas posso lhes garantir que possuía métodos seguros para se ressarcir.

Poirot curvou-se para a frente, interessado.

— Conforme *Maître* Thibault disse hoje, a clientela de Madame Giselle abrangia as classes superiores e profissionais. Essas classes são especialmente sensíveis à força da opinião pública. Madame Giselle possuía o seu próprio serviço de informações... Era costume dela, antes de emprestar dinheiro (isto é, no caso de uma soma vultosa), colher o maior número de dados possíveis sobre o cliente em questão; e devo adiantar que o seu sistema de obter informações era incrivelmente bom. Só posso repetir o que o nosso amigo acaba de dizer: segundo o ponto de vista dela, Madame Giselle era escrupulosamente honesta. Confiava em quem confiasse nela. Acredito sinceramente que nunca tenha feito uso de informações sigilosas para cobrar dinheiro de quem quer que seja, a menos que já lhe fosse devido.

— Quer dizer — perguntou Poirot, — que essas informações sigilosas constituíam a sua garantia de segurança?

— Exatamente; e ao usá-las, mostrava-se totalmente implacável e surda a quaisquer sutilezas de sentimento; e digo-lhes mais, senhores: *o sistema dela surtia efeito!* Muito, muito raramente, teve de renunciar a uma dívida duvidosa.

Homem ou mulher que ocupassem posições privilegiadas recorriam a medidas extremas para conseguir o dinheiro que evitaria o escândalo público. Como já disse, nós sabíamos das atividades dela; mas quanto a processá-la... — Deu de ombros. — Isso é um assunto mais difícil. A natureza humana é a natureza humana.

— E suponhamos — perguntou Poirot, — que ela, de vez em quando, tal como o senhor disse que acontecia, tivesse que desistir de uma dívida duvidosa... que fazia?

— Nesse caso — respondeu Fournier devagar, — a informação que possuía era divulgada, ou entregue à pessoa a quem o assunto interessava.

Houve um momento de silêncio. Depois Poirot perguntou:

— Financeiramente, ela não lucrava com isso?

— Não — respondeu Fournier, — isto é, não diretamente.

— Mas indiretamente?

— Indiretamente — disse Japp. — Fazia com que os outros pagassem, hem?

— Exato — confirmou Fournier. — Era precioso para o que vocês chamam de efeito moral.

— Imoral, diria eu — retrucou Japp. — Bem... — esfregou pensativo o nariz, — isso fornece uma série de motivos muito interessante para cometer um crime... muito interessante mesmo. Depois tem a questão de quem fica com a herança. — Apelou para Thibault. — Nesse sentido, o senhor não pode nos dar nenhuma idéia?

— Havia uma filha — explicou o advogado. — Não morava com a mãe... de fato, até acho que a mãe nunca mais a viu depois de crescida; mas ela fez um testamento há muitos anos, deixando tudo - com exceção de uma pequena soma para a criada - para a filha dela, Anne Morisot. Ao que me consta, jamais fez outro.

— E a fortuna é grande? — perguntou Poirot. O advogado deu de ombros.

— Está calculada entre oito a nove milhões de francos. Poirot franziu os

lábios e soltou um assobio.

— Meu Deus — exclamou Japp, — ela não aparentava. Deixe-me ver, quanto dá isso... são... ora, deve ser mais de cem mil libras. Puxa!

— Mademoiselle Anne Morisot será uma moça riquíssima — comentou Poirot.

— Ainda bem que ela não estava naquele avião — observou Japp, sarcástico. — Se estivesse lá seria suspeita de liquidar com a mãe para ficar com esse dinheirão todo. Que idade ela pode ter?

— Realmente não sei. Calculo que uns vinte e quatro ou vinte e cinco anos.

— Bem, parece que não há nada para relacioná-la com o crime. Teremos que investigar essa história de chantagem. Todo mundo que estava no avião nega que conhecesse Madame Giselle. Alguém está mentindo. Precisamos descobrir quem. Um exame nos papéis particulares dela bem que ajudaria, hem, Fournier?

— Meu caro — disse o francês, — logo que se soube da notícia, depois que falei com a Scotland Yard pelo telefone, fui direto à casa dela. Havia lá um cofre cheio de papéis. E todos tinham sido queimados.

— Queimados? Por quem? Por quê?

— Madame Giselle tinha uma empregada de toda a confiança, Elise. Elise recebeu instruções para que quando acontecesse qualquer coisa com a patroa ela deveria abrir o cofre (cuja combinação conhecia) e queimar tudo o que encontrasse.

— Quê? Mas é espantoso! — Japp arregalou os olhos.

— Sabem — explicou Fournier, — Madame Giselle tinha seu próprio código. Confiava em quem confiasse nela. Prometia a seus clientes que os trataria com honestidade. Podia ser implacável, mas também era uma mulher de palavra.

Japp sacudiu a cabeça, estupefato. Os quatro ficaram calados, refletindo sobre o estranho caráter da morta... *Maître* Thibault levantou-se.

— Tenho que ir, *messieurs*. Preciso atender um compromisso. Se houver qualquer outra informação que lhes possa prestar, seja quando for, já sabem meu endereço.

Apertou-lhes cerimoniosamente a mão e saiu do apartamento.

7 - PROBABILIDADES

Com a partida de *Maître* Thibault, os três puxaram as cadeiras um pouco mais perto da mesa.

— Muito bem — disse Japp, — mãos à obra. — Desatarraxou a tampa da caneta-tinteiro. — Havia onze passageiros naquele avião... na cabina traseira, quero dizer; a outra não interessa; onze passageiros e dois comissários de bordo... o que vem a dar treze pessoas. *Uma das doze restantes liquidou com a velha.* Algumas eram inglesas, outras francesas. Essas últimas eu deixo para M. Fournier. Fico com as inglesas. Depois há sindicâncias a serem feitas em Paris... que também ficam por sua conta, Fournier.

— E não só em Paris — lembrou Fournier. — No verão Giselle fazia muitos negócios nos balneários franceses... Deauville, Le Pinet, Wimereux. Inclusive freqüentava a costa mediterrânea, Antibes, Nice, e todos esses lugares.

— Boa idéia. Uma ou duas pessoas a bordo do *Prometeu* mencionaram Le Pinet, se não me engano. Bem, esse é um caminho. Depois temos de pôr mãos à obra no crime propriamente dito... provar quem se encontrava possivelmente em posição de usar aquela zarabatana. — Desenrolou um grande desenho da planta da cabina do avião e colocou-o no centro da mesa. — Muito bem, Já estamos prontos para o trabalho preliminar. E, para começar, vamos passar as pessoas em revista, uma por uma, e examinar as probabilidades e... mais importante ainda... as possibilidades.

— Para começar, podemos eliminar aqui o M. Poirot. Isso reduz o número a onze.

Poirot sacudiu tristemente a cabeça.

— Meu amigo, você tem uma índole confiante demais. Não se deve confiar em ninguém... em ninguém mesmo.

— Bem, se faz questão, nós o incluiremos — retrucou Japp, bem-humorado. — Depois tem os comissários de bordo. Me parece muito implausível

que fosse qualquer um deles, do ponto de vista da probabilidade. Não é possível que tivessem tomado dinheiro emprestado em grande escala, e os dois possuem bons antecedentes... são ambos honestos e sóbrios. Me admiraria muitíssimo se tivessem algo a ver com o caso. Em compensação, do ponto de vista da possibilidade, precisamos incluí-los. Andavam de um lado para outro na cabina. Podiam perfeitamente ter ficado numa posição que lhes permitisse usar a tal zarabatana... do ângulo certo, quero dizer... embora eu não creia que o comissário de bordo pudesse atirar uma seta envenenada com uma zarabatana numa cabina cheia de gente sem ninguém perceber. Sei, por experiência, que a maioria das pessoas não enxerga um palmo adiante do nariz; mas tudo tem seu limite. Claro que, de certo modo, isso se aplica a qualquer um. Era loucura, rematada loucura, cometer um crime dessa maneira. Seria difícilimo que ninguém fosse notar. O sujeito que fez isso teve uma sorte dos diabos. Existem milhares de maneiras malditas e idiotas de cometer um crime...

Poirot, que estava sentado de olhos baixos, fumando tranqüilamente, intercalou uma pergunta:

— Você acha que foi uma maneira idiota de cometer um crime, é?

— Claro que foi. Uma rematada loucura.

— E no entanto... *deu certo*. Cá estamos nós três, sentados aqui, conversando sobre isso, mas não temos a mínima idéia de *quem cometeu o crime!* Isso é que é dar certo!

— Pura sorte — protestou Japp. — O criminoso podia ter sido visto por cinco ou seis pessoas.

Poirot sacudiu a cabeça, insatisfeito. Fournier olhou-o com curiosidade.

— Em que que o senhor está pensando, M. Poirot?

— *Mon ami* — respondeu Poirot, — o meu ponto de vista é o seguinte: um caso deve ser julgado pelos seus resultados. Esse deu certo. Esse é o meu ponto de vista.

— E no entanto — retrucou pensativo o francês, — parece quase um milagre.

— Milagre ou não, aconteceu — disse Japp. — Temos o laudo médico,

temos a arma; e se alguém me dissesse há uma semana atrás que eu ia investigar um crime em que uma mulher seria assassinada com uma seta embebida em veneno de cobra... ora, eu teria rido na cara! É um insulto... isso é o que esse crime é... um insulto.

Respirou fundo. Poirot sorriu.

— Talvez seja, um crime cometido por uma pessoa dotada de um senso de humor diabólico — comentou Fournier, pensativo. — É muito importante, em matéria de crime, ter uma idéia da psicologia do criminoso.

Japp bufou de leve ao ouvir a palavra psicologia, que não lhe agradava e que considerava suspeita.

— Eis aí o tipo de coisa que M. Poirot gosta de ouvir.

— Não, eu estou muito interessado no que ambos têm a dizer.

— Suponho que não duvide de que ela tenha sido assassinada dessa maneira? — perguntou-lhe Japp, desconfiado. — Conheço a sua mentalidade tortuosa.

— Não, não, meu amigo. A minha mentalidade, quanto a isso, está completamente tranqüila. O espinho envenenado que encontrei foi a *causa mortis* — isso é absolutamente certo. Mas mesmo assim, há umas coisas neste caso...

Parou, sacudindo perplexo a cabeça. Japp prosseguiu:

— Bem, voltando à vaca fria, não podemos eliminar por completo os comissários de bordo, mas eu acho pouco provável que qualquer um dos dois tenha algo a ver com isso. Não concorda, M. Poirot?

— Ah, você não se lembra do que eu disse. Eu... eu não eliminaria... que termo, *mon Dieu!*... ninguém a esta altura.

— Faça como bem entender. Agora, quanto aos passageiros. Começemos pelo fim, pela copa e pelos toaletes. Lugar nº 16. — Indicou a planta com um lápis. — É o da moça do salão de beleza, Jane Grey. Ganhou no Sweepstake irlandês... torrou tudo em Le Pinet. Isso significa que é uma jogadora. Ela *podia* ter-se visto apertada e pedido dinheiro emprestado à velha... mas também não parece plausível que fosse uma grande soma, ou que Madame Giselle pudesse saber de qualquer coisa que a prejudicasse. Parece uma pessoa muito

insignificante para o que estamos procurando. E eu não acho que uma ajudante de cabeleireiro tenha a menor oportunidade de conseguir veneno de cobra. Não se usa isso para tingir cabelos nem para massagens faciais. — De certo modo foi bastante errado usar veneno de cobra; limita muito o campo de escolha. Só umas duas pessoas entre cem seriam capazes de ter qualquer conhecimento do assunto e de obter esse troço.

— O que deixa uma coisa, ao menos, perfeitamente clara — disse Poirot.

Desta vez foi Fournier quem lançou-lhe um rápido olhar interrogativo.

Japp estava entretido com suas próprias idéias.

— Eu encaro o caso por esse prisma — disse ele: — O assassino tem que encaixar-se numa destas duas categorias: ou é um homem que já percorreu os lugares mais estranhos do mundo... que conhece algo sobre cobras, sobre as variedades mais mortíferas e sobre os costumes das tribos indígenas que usam o veneno para se livrar dos inimigos — essa é a primeira categoria.

— E a outra?

— A linha científica. Pesquisas. Esse negócio de *boomslang* é o tipo da coisa com que fazem experiências nos grandes laboratórios. Tive uma conversa com o Winterspoon. Pelo jeito o veneno de cobra — o de naja, para ser mais exato — é às vezes usado em remédios. Já foi empregado no tratamento da epilepsia com certo êxito. Há uma série de coisas que estão sendo feitas em matéria de investigação científica a propósito de mordidas de cobra.

— Interessante e sugestivo — comentou Fournier.

— É, mas vamos adiante. Miss Grey não se encaixa em nenhuma dessas categorias. No que diz respeito a ela, o motivo parece implausível, as oportunidades de obter o veneno... mínimas. A própria possibilidade de agir com a zarabatana, realmente muito duvidosa... quase impossível. Olhem só.

Os três se curvaram sobre a planta.

— Cá está o 16 — disse Japp. — E aqui o 2, onde Madame Giselle estava sentada, com uma porção de gente e lugares no meio. Se a moça não se afastou do seu assento — e todo mundo diz que ela não se afastou — ela não poderia, de modo algum, ter apontado o espinho para acertar Madame Giselle na

parte lateral do pescoço. Acho que se pode estar certo de que Miss Grey nada tem a ver com o caso.

“Muito bem, agora o 12, que fica em frente. É o do dentista, Norman Gale. Tudo o que se acaba de dizer se aplica praticamente a ele. Pessoa insignificante. Imagino que dispusesse de oportunidade um pouco melhor de conseguir veneno de cobra.

— Não é o tipo de injeção que os dentistas geralmente preferem — murmurou Poirot delicadamente. — Seria mais caso de matar que curar.

— O fato é que um dentista já tem bastante com que se divertir — comentou Japp, sorrindo. — Mesmo assim, calculo que ele pudesse freqüentar meios onde tivesse acesso a coisas muito interessantes em matéria de drogas. Talvez tenha algum amigo cientista. Mas quanto a *possibilidades*, está fora de toda cogitação. Ele de fato saiu do seu lugar, mas só para ir ao toalete... que fica na direção oposta. Ao voltar para o seu assento, no máximo chegou a este ponto do corredor aqui, e para disparar o espinho de uma zarabatana de maneira a acertar no pescoço da velha, teria que ser uma espécie de espinho privilegiado, capaz de fazer proezas e traçar uma curva em ângulo reto. Portanto *ele* está fora de toda cogitação.

— Concordo — disse Fournier. — Vamos adiante.

— Cruzemos o corredor. Dezessete.

— Era inicialmente onde eu devia sentar — explicou Poirot. — Cedi o lugar a uma das damas, que queria ficar perto da amiga.

— É a Hon. Venetia. Bem, e ela? É uma figura importante. Podia ter pedido dinheiro emprestado a Madame Giselle. Não dá impressão de ter nenhum segredo culposos em sua vida... mas talvez refreasse algum cavalo para que não vencesse uma corrida de obstáculos, ou sei lá como chamam. Teremos que prestar um pouco de atenção a ela. A *posição* é possível. Se Madame Giselle meio que virasse a cabeça para espiar pela janela, a Hon. Venetia podia dar um arremesso esportivo (ou será que se chama *sopro* esportivo?) em diagonal à outra extremidade da cabina. Mas seria um golpe de sorte. Acho até que ela teria de se levantar para fazer isso. E o tipo da mulher que anda por aí com armas no outono.

Não sei se atirar com arma de fogo adianta alguma coisa com uma zarabatana indígena. Creio que também seja uma questão de pontaria... e prática; e ela provavelmente tem amigos... masculinos... que já empreenderam grandes caçadas em tudo quanto é parte do mundo. Assim podia conseguir algum troço indígena esquisito. Mas que lengalenga parece tudo isso! Não tem a mínima *lógica*.

— De fato, não parece nada plausível — disse Fournier. — Mademoiselle Kerr... eu a vi hoje no inquérito... — Sacudiu a cabeça. — Não é fácil associá-la à idéia de um crime.

— Lugar nº 13 — disse Japp. — Lady Horbury. É uma possibilidade que não se pode descartar de todo. Sei de uma coisa a respeito dela que daqui a pouco vou lhes contar. Não me admiraria que tivesse um ou dois segredos culposos.

— Por coincidência sei que a dama em questão — disse Fournier — andou perdendo uma soma enorme na mesa de bacará em Le Pinet.

— Boa observação. Sim, ela é o tipo da incauta capaz de se meter com Madame Giselle.

— Concordo plenamente.

— Muito bem, pois... até aí, nada de mais. *Mas como foi que ela fez?* Também não saiu do seu lugar, não se esqueçam. Teria de se ajoelhar no assento e curvar-se sobre o encosto... com dez pessoas olhando para ela. Ah, droga, vamos adiante.

— Nove e dez — continuou Fournier, mudando o dedo de lugar na planta.

— M. Hercule Poirot e o Dr. Bryant — disse Japp. — Que tem M. Poirot a declarar em sua defesa? Poirot sacudiu tristemente a cabeça.

— *Mon estomac* — respondeu, patético. — Pena que o cérebro tenha que ser escravo do estômago.

— Eu também — concordou Fournier, solidário. — Não me sinto bem no ar.

Fechou os olhos e sacudiu eloqüentemente a cabeça.

— Então o Dr. Bryant. E ele? Figura importante em Harley Street. Não parece plausível que fosse procurar uma agiota francesa; mas nunca se sabe. E se

um médico faz qualquer bobagem, está perdido! É aí que entra a minha teoria científica. Um homem como Bryant, um profissional que ocupa uma posição proeminente, se dá com todo esse pessoal de pesquisas médicas. Ele pode afanar uma proveta contendo veneno de cobra com a rapidez de um relâmpago quando por acaso se encontra nalgum laboratório importante.

— Eles controlam essas coisas, meu caro — protestou Poirot. — Não é tão fácil como você pensa.

— Mesmo que controlem, um homem esperto é capaz de substituir por algo inócuo. Seria possível, porque ninguém desconfiaria de uma pessoa como Bryant.

— Tem muita razão no que diz — concordou Fournier.

— A única coisa é: por que é que ele chamou a atenção para aquilo? Por que não disse que a mulher tinha morrido de um ataque cardíaco... de morte natural?

Poirot tossiu. Os outros dois olharam interrogativamente para ele.

— Eu acho — disse ele, — que essa foi a primeira... impressão, digamos, que o doutor teve. Afinal de contas, parecia muito uma morte natural, possivelmente em consequência de uma mordida de marimondo; lembrem-se que havia um marimondo...

— Não há perigo de esquecer aquele marimondo — atalhou Japp. — O senhor está sempre batendo na mesma tecla.

— No entanto — prosseguiu Poirot, — por acaso reparei no espinho fatal e o apanhei do chão. Depois que encontramos aquilo, tudo indicava que era crime.

— De qualquer modo, o espinho terminaria sendo encontrado.

Poirot sacudiu a cabeça.

— Havia a possibilidade de que o assassino pudesse juntá-lo sem ser percebido.

— Bryant?

— Bryant ou outro qualquer.

— Hum... meio arriscado. Fournier discordou.

— O senhor diz isso agora, porque sabe que foi crime. Mas quando uma senhora morre subitamente de ataque cardíaco, se um homem deixa cair o lenço e se abaixa para apanhá-lo, quem vai notar o gesto ou pensar duas vezes sobre ele?

— De fato — concordou Japp. — Bem, creio que Bryant entra definitivamente para a lista de suspeitos. Ele podia inclinar a cabeça para o canto do assento e soprar a zarabatana... de novo no sentido diagonal, do outro lado da cabina. Mas como é que ninguém viu...! Em todo caso, não vou repisar nesse assunto. Seja lá quem for o culpado, *não foi visto*!

— E para isso, a meu ver, deve haver um motivo — retrucou Fournier. — Um motivo que, pelo que entendi — sorriu, — vai agradar a M. Poirot. Refiro-me a um motivo psicológico.

— Continue, meu caro — disse Poirot. — É interessante o que você está dizendo aí.

— Suponhamos — explicou Fournier, — que durante uma viagem de trem, a gente passasse por uma casa em chamas. Todos os olhos se voltariam logo para a janela. Todo mundo concentraria a atenção num determinado ponto. Num momento desses, alguém podia pegar um punhal e matar um homem, sem que ninguém visse.

— Lá isso é — disse Poirot. — Me lembro de um caso em que estive envolvido... um caso de envenenamento, onde se levantou essa mesma questão. Houve, como se diz, um momento psicológico. Se nós descobrirmos que houve um momento assim durante o vôo do *Prometeu*...

— Precisamos apurar isso interrogando os comissários de bordo e os passageiros — disse Japp.

— Sim. Mas se *houve* um momento psicológico assim, a dedução lógica é que a *causa* desse momento deve ter sido provocada pelo assassino. Ele tinha que ser capaz de produzir o efeito especial que causasse esse momento.

— Exatamente, exatamente — apoiou o francês.

— Pois então vamos tomar nota disso como ponto de referência para perguntas — disse Japp. — Estou chegando agora ao lugar nº 8... Daniel Michael Clancy.

Japp pronunciou o nome com certo prazer.

— Na minha opinião, ele é o suspeito mais provável que temos. Nada mais fácil para um autor de romances policiais que interessar-se por veneno de cobra e conseguir que algum químico confiante deixe que ele mexa na coisa, não é? Não se esqueçam de que ele passou pelo lugar de Madame Giselle... foi o único passageiro que fez isso.

— Eu lhe garanto, meu caro — disse Poirot, com ênfase, — que não esqueci esse detalhe.

Japp prosseguiu:

— Ele podia ter usado a zarabatana de uma distância bastante próxima, sem nenhuma necessidade de um “momento psicológico”, como o senhor disse. E tinha uma possibilidade muito grande de sair impune. Lembrem-se de que ele conhece tudo a respeito de zarabatanas... como ele mesmo disse.

— O que, pelo menos, dá para pensar.

— Pura esperteza — retrucou Japp. — E quanto à tal zarabatana que ele apresentou hoje, quem pode afirmar que é a mesma que comprou há dois anos atrás? A coisa toda me parece suspeitíssima. Não acho muito saudável alguém andar sempre às voltas com histórias de crime e detetives, imaginando tudo quanto é espécie de caso. Acaba metendo idéias na cabeça.

— Não há dúvida que um escritor tem que ter idéias na cabeça — concordou Poirot.

Japp voltou à planta do avião.

— O nº 4 era Ryder... o lugar logo em frente à morta. Acho que não foi ele. Mas não podemos deixá-lo de lado. Ele esteve no toalete. Ao voltar, podia desfechar um lance certeiro de uma distância bem próxima; a única coisa é que ele estaria bem junto daqueles tais arqueólogos, quando fizesse isso. Eles haviam de notar... seria inevitável.

Poirot sacudiu a cabeça, pensativo.

— Talvez você não conheça muitos arqueólogos. Se aqueles dois estivessem tendo uma discussão realmente absorvente sobre qualquer ponto importante... *eh bien*, meu caro, a concentração deles seria tão grande que

ficariam totalmente cegos e surdos ao mundo exterior. Estariam vivendo, sabe, lá por cinco mil e tantos antes de Cristo. Mil novecentos e trinta e cinco não teria a menor existência para eles.

Japp fez uma cara meio cética.

— Pois então passemos a eles. O que é que você pode nos informar sobre os Duponts, Fournier?

— M. Armand Dupont é um dos mais ilustres arqueólogos da França.

— Ah, mas isso não quer dizer nada. A posição deles na cabina é bastante boa do meu ponto de vista... do outro lado do corredor, mas um pouco mais à frente que a de Madame Giselle. E calculo que tenham andado por tudo quanto é parte, cavando coisas numa porção de lugares exóticos; o que facilitaria a oportunidade de se apoderarem de algum veneno indígena de cobra.

— Sim, é possível — disse Fournier.

— Mas não crê que seja plausível?

Fournier sacudiu a cabeça, em dúvida.

— M. Dupont vive para a profissão. É um entusiasta. Antes era antiquário. Desistiu de um negócio próspero para se dedicar às escavações. Tanto ele como o filho se dedicaram de corpo e alma à profissão deles. Me parece implausível... não direi impossível, depois das ramificações do caso Stavisky estou pronto a acreditar em tudo... *implausível* que estejam metidos nesse negócio.

— Muito bem — disse Japp.

Levantou a folha de papel em que tinha estado fazendo anotações e pigarreou.

— A nossa posição é a seguinte. *Jane Grey*. Probabilidades — mínimas. Possibilidades — praticamente nulas. *Gale*. Probabilidades — mínimas. Possibilidades — também praticamente nulas. *Miss Kerr*. Muito improvável. Possibilidades — duvidosas. *Lady Horbury*. Probabilidades — boas. Possibilidades praticamente nulas. *M. Poirot*. quase certamente o criminoso; a única pessoa a bordo que podia criar um momento psicológico.

Japp soltou uma boa gargalhada com a sua piadinha; Poirot sorriu com

indulgência e Fournier com um pouco de acanhamento.

Depois o detetive continuou:

— *Bryant*. Probabilidades e possibilidades — boas. *Clancy*. Motivo duvidoso — probabilidades e possibilidades realmente ótimas. *Ryder*. Probabilidades incertas — possibilidades bastante razoáveis. *Os dois Duponts*. Probabilidades mínimas quanto ao motivo — boas quanto aos meios de obter veneno. Possibilidades — boas. — Acho que é um resumo perfeitamente aceitável, com os dados de que dispomos. Teremos que fazer uma porção de sindicâncias rotineiras. Vou começar pelo Clancy e o Bryant... pra descobrir a situação deles... se andaram mal de vida em qualquer época passada... se pareciam preocupados ou nervosos ultimamente... os movimentos deles no ano passado... toda essa espécie de coisa. Farei o mesmo com o Ryder. Depois não convém deixar os outros completamente de lado. Vou pedir ao Wilson para dar uma olhada neles. M. Fournier se encarregará dos Duponts.

O agente da Sûreté concordou com a cabeça.

— Fique sossegado... deixe isso comigo. Voltarei hoje à noite a Paris. Talvez se consiga alguma coisa de Elise, a criada de Madame Giselle, agora que sabemos um pouco mais sobre o caso. Vou também verificar, com o maior cuidado, os movimentos de Madame Giselle. Será bom saber onde ela andou durante o verão. Sei que esteve uma ou duas vezes em Le Pinet. Talvez se obtenham informações a respeito dos contatos dela com algumas das pessoas inglesas envolvidas no caso. Ah, é, há muita coisa a fazer.

Ambos olharam para Poirot, que estava absorto com seus pensamentos.

— Vai também nos ajudar, M. Poirot? — perguntou Japp. Poirot levantou-se.

— Sim, acho que gostaria de ir junto com M. Fournier a Paris.

— *Enchanté* — disse o francês.

— Só queria saber o que o senhor anda maquinando — comentou Japp, olhando com curiosidade para Poirot. — Ficou muito calado durante a nossa conversa. Está com algumas de suas ideiazinhas, hem?

— Uma ou duas, uma ou duas; mas é muito difícil.

— Fale sobre elas.

— Uma coisa que me preocupa — disse Poirot devagar — é o lugar onde a zarabatana foi encontrada.

— Pudera! Por pouco trancavam o senhor na cadeia. Poirot sacudiu a cabeça.

— Não me refiro a isso. Eu não me preocupo com o fato de ter sido encontrada debaixo do meu assento... mas sim de ter sido escondida debaixo de *qualquer* assento.

— Não vejo nada de mais — retrucou Japp. — O criminoso, seja lá quem for, teria de escondê-la nalgum lugar. Não poderia se arriscar a que fosse encontrada em poder dela

— *Evidemmènt*. Mas talvez você tenha notado, meu caro, quando examinou o avião, que embora as janelas não possam ser abertas, existe em cada uma delas um exaustor... um círculo de pequenos buracos redondos no vidro, que podem ser abertos ou fechados girando-se um leque de vidro. Esses buracos são de uma circunferência suficiente para permitir a passagem da nossa zarabatana. Nada mais simples do que se livrar dela desse modo, não é? Ia cair na terra lá embaixo, e seria extremamente difícil que algum dia a encontrassem.

— Já sei de uma objeção a essa hipótese... o assassino teve medo de ser visto. Se empurrasse a zarabatana pelo exaustor, alguém podia notar.

— Pois é — disse Poirot. — Ele não teve medo de ser visto com a zarabatana nos lábios para desfechar a seta fatal, mas *teve* medo de ser visto empurrando a zarabatana pela janela!

— Parece absurdo, reconheço — disse Japp, — mas a questão é que ele *de fato* escondeu a zarabatana atrás da almofada de um assento. Quanto a isso não se pode negar.

Poirot não contestou, e Fournier perguntou com curiosidade:

— Isso lhe dá alguma idéia? Poirot curvou a cabeça, confirmando.

— Dá, digamos, motivo para uma especulação mental.

E endireitou com os dedos distraídos o tinteiro não utilizado que a mão impaciente de Japp tinha deixado meio torto. Depois, erguendo subitamente a

cabeça perguntou:

— *A propos*, você tem aquela lista pormenorizada dos pertences dos passageiros que lhe pedi para fazer?

8 - A LISTA

— Sou homem de palavra — respondeu Japp.

Sorriu, enfiou a mão no bolso e retirou um maço de papel datilografado.

— Cá está. Não falta nada... até o mínimo detalhe! E confesso que tem uma coisa bastante curiosa nela. Só lhe direi depois que terminar de ler tudo.

Poirot espalhou as folhas em cima da mesa e começou a ler. Fournier aproximou-se e espiou por cima do ombro dele:

James Rider.

Bolsos. — Lenço de linho com monograma. Carteira de dinheiro, de couro de porco — sete notas de uma libra, três cartões de visita. Carta do sócio George Ebermann fazendo votos que “o empréstimo tenha sido negociado com êxito... do contrário estamos falidos”. Carta com assinatura de Maudie, marcando encontro no *Trocadero* na noite seguinte (papel vagabundo, caligrafia de analfabeta). Cigarreira de prata. Caixa de fósforos. Caneta-tinteiro. Molho de chaves. Chave Yale. Troco miúdo em dinheiro francês e inglês.

Pasta de documentos. — Maço de papéis sobre negócios de cimento. Exemplar de *Taça Inútil* (proibido neste país). Uma caixa de Cura-Resfriados Imediato.

Dr. Bryant.

Bolsos. — Dois lenços de linho. Carteira de dinheiro contendo 20 libras e 500 francos. Troco miúdo em dinheiro francês e inglês. Livro de compromissos. Cigarreira, Isqueiro. Caneta-tinteiro. Chave Yale. Molho de chaves.

Flauta no estojo.

Carregando as *Memórias de Benvenuto Cellini* e *Les Maux de l'Oreille*.

Norman Gale.

Bolsos. — Lenços de seda. Carteira contendo 1 libra e 600 francos. Troco miúdo. Cartões comerciais de duas firmas francesas — fabricantes de instrumentos dentários. Caixa de fósforos Bryant & May — vazia. Isqueiro de prata. Cachimbo de urze branca. Sacola de borracha para fumo. Chave Yale.

Pasta de documentos. — Avental de linho branco. Dois pequenos espelhos odontológicos. Rolos dentários de algodão em rama. *La Vie Parisienne*. *The Strand Magazin*. *The Autocar*.

Armand Dupont.

Bolsos. — Carteira contendo 1.000 francos e 10 libras. Óculos no estojo. Troco miúdo em dinheiro francês. Lenço de algodão. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Cartões numa caixinha. Palito.

Pasta de documentos. — Manuscrito de discurso a ser pronunciado perante a Sociedade Real Asiática. Duas publicações arqueológicas alemãs. Duas folhas de desenhos de cerâmica. Tubos ocos ornamentados (consta que são cabos de cachimbo curdo). Pequena bandeja de vime. Nove fotografias soltas — todas de cerâmica.

Jean Dupont.

Bolsos. — Carteira de dinheiro contendo 5 libras e 300 francos. Cigarreira. Piteira (marfim). Isqueiro. Caneta-tinteiro. Dois lápis. Pequena agenda, cheia de anotações apressadas. Carta em inglês de L. Marriner convidando para almoçar num restaurante perto de Tottenham Court Road. Troco miúdo em francês.

Daniel Clancy.

Bolsos. — Lenço (manchado de tinta). Caneta-tinteiro (vazando). Carteira de dinheiro contendo 4 libras e 100 francos. Três recortes de jornais tratando de crimes recentes (um envenenamento por arsênico e dois desfalques). Duas cartas de agentes imobiliários com detalhes sobre propriedades no campo.

Livro de compromissos. Quatro lápis. Canivete. Três contas quitadas e quatro por pagar. Carta de “Gordon” em papel do vapor *Minotauro*. Enigma de palavras cruzadas, deixado pela metade, recortado do *Times*. Agenda com sugestões para enredos. Troco miúdo em moeda italiana, francesa, suíça e inglesa. Conta de hotel de Nápoles, quitada. Grande molho de chaves.

No bolso do casacão. — Notas manuscritas de *Crime no Vesúvio*. Bradshaw continental. Bolas de golfe. Par de meias. Escova de dentes. Conta de hotel de Paris quitada.

Miss Kerr.

Bolsinha. — Batom. Duas piteiras (uma de marfim e uma de jade). Pluma de pó-de-arroz. Cigarreira. Caixa de fósforos. Lenço. 2 libras. Troco miúdo. Metade de uma carta de crédito. Chaves.

Frasqueira. — De onagro. Frascos, escovas, pentes etc. Equipamento de manicura. Sacola de toalete contendo escova de dentes, esponja, dentifrício em pó, sabonete. Duas tesouras. Cinco cartas de família e amigos em inglês. Dois romances de Thauchnitz. Fotografia de dois *spaniels*.

Carregava a *Vogue* e a *Good Housekeeping*.

Miss Grey.

Bolsa. — Batom, *rouge*, pluma de pó-de-arroz. Chave Yale e uma de baú. Lápis. Cigarreira. Piteira. Caixa de fósforos. Dois lenços. Conta de hotel (Le Pinet), quitada. Livrinho, *Frases Francesas*. Carteira de dinheiro, 100 francos e 10 libras. Troco miúdo francês e inglês. Uma ficha de cassino no valor de 5 francos.

No bolso do casacão de viagem. — Seis postais de Paris, dois lenços e uma echarpe de seda. Carta assinada “Gladys”. Tubo de aspirina.

Lady Horbury.

Bolsinha. — Dois batons, *rouge*, pluma de pó-de-arroz. Lenço. Três notas de 6 libras. Troco miúdo (francês). Um anel de brilhantes. Cinco selos

franceses. Duas piteiras. Isqueiro com estojo.

Frasqueira — Equipamento de maquilagem completo. Jogo de manicura (em ouro) primoroso. Pequeno frasco com rótulo (à tinta) de pó bórico.

Quando Poirot chegou ao fim da lista, Japp apontou para o último item.

— Nosso homem foi vivo. Ele achou que isto aí não combinava muito com o resto. Pó bórico uma ova! O pó branco no frasco era cocaína.

Poirot arregalou um pouco os olhos. Sacudiu lentamente a cabeça.

— Talvez não tenha muito que ver com o nosso caso — disse Japp. — Mas não é preciso dizer que uma mulher viciada em cocaína não tem muitas reservas morais. Seja como for, tenho a impressão de que Sua Excelência não hesitaria diante de nada para conseguir o que quisesse, apesar de todo esse negócio de fragilidade feminina. Mesmo assim, duvido que tivesse coragem de levar a cabo uma coisa dessas; e, francamente, não sei como lhe seria *possível*. A coisa toda é meio difícil.

Poirot recolheu as folhas soltas datilografadas e releu-as do princípio ao fim. Depois largou-as com um suspiro.

— A julgar por isso aí — disse, — parece não haver a menor dúvida a respeito de quem cometeu o crime... E no entanto não vejo *por quê*, nem mesmo *como*.

Japp olhou-o fixamente.

— Vai me dizer que só pela leitura disso aí já descobriu quem foi?

— Acho que sim.

Japp tirou-lhe os papéis das mãos e leu tudo de novo, passando cada folha a Fournier à medida que ia terminando. Depois jogou-as com força sobre a mesa e encarou Poirot.

— Está querendo divertir-se à minha custa, Monsieur Poirot?

— Não, não. *Quelle idée!*

O francês, por sua vez, pousou as folhas na mesa.

— E você, Fournier?

O francês sacudiu a cabeça.

— Posso ser burro — respondeu, — mas não vejo como essa lista pode nos servir de grande coisa.

— Em si, não — disse Poirot. — Mas ligando com certos aspectos do caso, não? Bem, pode ser que eu esteja enganado... redondamente enganado.

— Mas explique a sua teoria — pediu Japp. — Seja como for, estou interessado em ouvi-la.

Poirot sacudiu a cabeça.

— Não... como você diz, é uma teoria... apenas uma teoria. Eu esperava encontrar um determinado objeto nessa lista. *Eh bien*, encontrei. Está aí; mas parece indicar a direção errada. A pista certa para a pessoa errada. Isso significa que há muito trabalho a ser feito, e realmente tem muita coisa que ainda me é obscura. Não consigo ver claro; só alguns fatos parecem sobressair e encaixar de uma forma significativa. Você não é da mesma opinião? Não, estou vendo que não. Que cada um trabalhe, pois, de acordo com suas próprias idéias. Não tenho *certeza* nenhuma, isso eu lhe garanto, apenas uma certa suspeita...

— Pois eu acho que o senhor não sabe o que está dizendo — retrucou Japp, levantando-se. — Bem, por hoje chega. Eu fico com a parte de Londres, você volta a Paris, Fournier... e quanto ao nosso M. Poirot?

— Ainda desejo acompanhar M. Fournier a Paris... agora mais do que nunca.

— Mais do que nunca...? Eu só gostaria de saber que espécie de verme está lhe roendo o crânio.

— Verme? *Ce n'est pas joli, ça !*

Fournier apertou cerimoniosamente a mão de Poirot.

— Desejo-lhe uma boa noite, e muito obrigado pela sua deliciosa hospitalidade. Nos encontramos então amanhã de manhã em Croydon?

— Exatamente. *À demain*.

— Tomara — disse Fournier — que ninguém nos mate durante o vôo.

Os dois detetives se retiraram.

Poirot permaneceu um pouco como num sonho. Depois levantou-se, desfez todos os traços de desordem, esvaziou os cinzeiros e endireitou as

cadeiras.

Dirigiu-se a uma mesa de canto e pegou um número do *Sketch*. Folheou as páginas até achar a que procurava.

— “Dois adoradores do sol” — dizia a legenda. — “A Condessa de Horbury e Mr. Raymond Barradough em Le Pinet.” Olhou para as duas figuras risonhas em traje de banho, de braço.

— Será? — disse Hercule Poirot. — Talvez se pudesse fazer algo nesse sentido... É, talvez.

9 - ELISE GRANDIER

No dia seguinte fez um tempo tão bom que o próprio Hercule Poirot teve de reconhecer que o seu *estomac* estava perfeitamente tranqüilo.

Desta vez viajaram pelo vôo das 8h45m, com destino a Paris.

Além de Poirot e Fournier, havia sete ou oito passageiros na cabina e o francês aproveitou a viagem para fazer algumas experiências. Tirou do bolso um pedacinho de bambu e durante o percurso levou-o três vezes aos lábios, apontando em determinada direção. Uma curvando-se para trás no canto do assento, outra com a cabeça ligeiramente virada para o lado, e a terceira ao voltar do compartimento de toalete; e em cada ocasião deparou com um ou outro passageiro olhando-o meio espantado. Na última vez, de fato, parecia que todos os olhares na cabina convergiam para ele.

Fournier recostou-se no assento, desanimado, e não sentiu muito consolo ao perceber que Poirot divertia-se flagrantemente com a história.

— Está achando graça, meu caro? Mas há de concordar que a gente tem de experimentar, não?

— *Evidemment!* Na verdade, admiro a sua meticulosidade. Nada como a demonstração visual. A gente desempenha o papel do assassino com a zarabatana e o resultado é perfeitamente claro. Todos vêem!

— Nem *todos*.

— Em certo sentido, não. Em cada ocasião, há *alguém* que *não vê*; mas

para um crime ter êxito, isso não basta. É preciso se estar relativamente seguro de que *ninguém* verá.

— O que é impossível, em circunstâncias normais — disse Fournier. — Por isso me apego à teoria de que deve ter havido uma circunstância *excepcional*... o momento psicológico! *Tem* que ter havido um momento psicológico em que a atenção geral estivesse matematicamente fixa noutra coisa.

— O nosso amigo, o inspetor Japp, vai fazer sindicâncias minuciosas nesse sentido.

— O senhor não concorda comigo, M. Poirot?

Poirot hesitou um pouco e depois respondeu lentamente:

— Eu concordo que houve... que deve ter havido uma razão psicológica para que ninguém visse o assassino... Mas as minhas idéias estão seguindo um rumo ligeiramente diferente das suas. Eu acho que neste caso os meros fatos visuais podem ser ilusórios. Feche os olhos, meu caro, em vez de arregalá-los. Use os olhos do *espírito*, e não os do *corpo*. Ponha a funcionar a sua massa cinzenta... E deixe que ela lhe mostre *o que realmente aconteceu*.

Fournier encarou-o com curiosidade.

— Não estou entendendo, M. Poirot.

— É porque está tirando deduções de coisas que *viu*. Não há nada que engane mais que a observação.

Fournier tornou a sacudir a cabeça e espalmou as mãos.

— Desisto. Não consigo entender o que o senhor quer dizer.

— O nosso amigo Giraud insistiria para que não prestasse atenção às minhas fantasias. “Seja ativo”, diria ele. “Ficar sentado pensando numa poltrona é método de quem já perdeu o vigor da mocidade.” Mas eu afirmo que um cão novo fica freqüentemente tão ávido pela pista que chega a passar por ela sem perceber... Para ele, é facílimo se enganar de rumo. Pronto, eis aí um ótimo palpite que acabo de lhe dar...

E recostando-se, Poirot fechou os olhos, talvez para pensar, mas é absolutamente certo que cinco minutos depois estava dormindo profundamente.

Ao chegarem a Paris, dirigiram-se logo ao nº 3 da Rua Joliette.

A Rua Joliette fica na margem sul do Sena. Não havia nada que distinguísse o nº 3 das outras casas. Um velho *concierge* os fez entrar e cumprimentou Fournier de mau-humor.

— Puxa, a polícia de novo! Encrencas e mais encrencas. Isso ainda vai trazer má fama para esta casa.

E retirou-se resmungando para o seu apartamento.

— Vamos ao escritório de Madame Giselle — disse Fournier. — É no primeiro andar.

Tirou uma chave do bolso enquanto falava e explicou que a polícia francesa havia tomado a precaução de trancar e lacrar a porta enquanto aguardava o resultado do inquérito inglês.

— Não, eu temo — disse Fournier, — que aqui não haja nada que nos sirva de auxílio.

Arrancou o lacre, destrancou a porta, e entraram. O escritório de Madame Giselle era um apartamento pequeno e abafado. Tinha um cofre meio antiquado a um canto, uma escrivaninha de aspecto comercial e várias cadeiras estofadas em mau estado. A única janela estava imunda e parecia extremamente provável que jamais tivesse sido aberta.

Fournier deu de ombros ao olhar em torno.

— Está vendo? — disse. — Nada. Absolutamente nada. Poirot contornou a escrivaninha. Sentou-se na cadeira e olhou para Fournier. Passou delicadamente a mão na superfície da madeira, depois na parte de baixo.

— Tem uma campainha aqui — disse.

— Sim, ela toca lá na portaria.

— Ah, uma sábia precaução. Os clientes de Madame às vezes podiam tornar-se turbulentos.

Abriu uma ou duas gavetas. Continham papel de correspondência, um calendário, canetas e lápis, mas nenhum documento e nada de caráter pessoal.

Poirot limitou-se a olhá-los por cima.

— Não vou insultá-lo, meu caro, examinando tudo minuciosamente. Tenho certeza de que, se houvesse algo aqui, já teria sido encontrado. — Fitou o

cofre do outro lado da sala. — Não é um modelo muito eficaz, não acha?

— Meio obsoleto — concordou Fournier.

— Estava vazio?

— Estava. Aquela maldita empregada tinha destruído tudo.

— Ah, é, a empregada. A tal empregada de confiança. Precisamos falar com ela. Esta sala, como o senhor diz, não tem nada a nos dizer. Significativo isso, não lhe parece?

— Significativo em que sentido, M. Poirot?

— No sentido em que não há nela nenhum toque pessoal... Acho interessante isso.

— Ela não era o que se pode chamar de uma mulher de sentimentos — disse Fournier, mordaz.

Poirot levantou-se.

— Venha — disse, — vamos falar com a tal empregada... essa empregada de toda a confiança.

Elise Grandier era uma mulher baixa e robusta, de meia-idade, de rosto corado e olhinhos astutos que se desviaram com a rapidez de uma flecha da fisionomia de Fournier para a do seu companheiro e vice-versa.

— Sente-se, Mademoiselle Grandier — disse Fournier.

— Obrigada, Monsieur. — Sentou-se calmamente.

— M. Poirot e eu voltamos hoje de Londres. O inquérito... isto é, as investigações a respeito da morte de Madame... foi efetuado ontem. Não há a menor sombra de dúvida: Madame foi envenenada.

A francesa sacudiu gravemente a cabeça.

— O que o senhor está dizendo é terrível, Monsieur. Madame envenenada? Quem seria capaz de imaginar uma coisa dessas?

— É nisso talvez que Mademoiselle pode nos ajudar.

— Claro, Monsieur, naturalmente que farei tudo o que puder para auxiliar a polícia. Mas não sei de nada... absolutamente nada.

— Sabe se Madame tinha inimigos? — disse Fournier com veemência.

— Isso não é verdade. Por que iria tê-los?

— Ora, vamos, Mademoiselle Grandier — retrucou Fournier, irônico. — A profissão de prestamista... acarreta certos dissabores.

— Sim, de fato. Às vezes os clientes de Madame não eram lá muito razoáveis — concordou Elise.

— Faziam cenas, hem? Eles a ameaçavam? A empregada sacudiu a cabeça.

— Não, não, nisso o senhor se engana. Não eram *eles* que ameaçavam. Choramingavam... queixavam-se... protestavam que não podiam pagar... tudo isso, sim. — A voz dela exprimia intenso desprezo.

— Quem sabe, às vezes, Mademoiselle — disse Poirot, — não podiam pagar.

Elise Grandier deu de ombros.

— Possivelmente. Isso é problema deles! Em geral, no fim terminavam pagando.

Havia certa satisfação no seu tom.

— Madame Giselle era uma mulher dura — disse Fournier.

— E com razão.

— Mademoiselle não sente compaixão pelas vítimas?

— Vítimas... vítimas... — Elise falava com impaciência. — O senhor não compreende. Então alguém precisa contrair dívidas além de suas posses, vir correndo pedir emprestado, e depois achar que pode ficar com o dinheiro de presente? Isso não tem cabimento! Madame sempre foi justa e honesta. Ela emprestava... e esperava ser paga. Nada mais justo. Ela mesma não tinha dívidas. Sempre pagava pontualmente o que devia. Nunca, nunca houve nenhuma conta pendente. E quando o senhor diz que Madame era uma mulher dura isso não é verdade! Madame era generosa. Dava donativos às irmãs de caridade, sempre que apareciam por aqui. E às instituições beneficentes. Quando a mulher do Georges, o porteiro, ficou doente, Madame pagou para que ela fosse para um hospital no campo.

Parou, o rosto corado de raiva.

— O senhor não compreende — repetiu. — Não, o senhor não

compreende Madame de jeito nenhum.

Fournier esperou um pouco, até que a indignação dela passasse e então disse:

— Mademoiselle comentou que os clientes de Madame *no fim* geralmente terminavam pagando. Sabe de que meios ela usava para forçá-los?

Ela deu de ombros.

— Não sei de nada, Monsieur... absolutamente nada.

— Mas sabia o suficiente para queimar os papéis de Madame.

— Segui as instruções que ela me deu. Se algum dia, disse ela, lhe acontecesse um acidente, ou adoecesse e morresse nalgum lugar longe da casa, eu devia destruir os seus papéis de negócios.

— Os papéis no cofre lá embaixo? — perguntou Poirot.

— Exatamente. Os papéis de negócios.

— E estavam no cofre lá embaixo?

Sua persistência fez Elise avermelhar de novo.

— Obedeci as instruções de Madame — respondeu.

— Eu sei — disse Poirot, sorrindo. — Mas os papéis não estavam no cofre, não é? Aquele cofre é muito antiquado demais... qualquer amador seria capaz de abri-lo. Os papéis estavam guardados noutro lugar... no quarto de Madame, talvez?

Elise hesitou um momento e depois respondeu:

— Sim, exatamente. Madame sempre fingia para os clientes que guardava os papéis no cofre, mas na realidade aquilo era um subterfúgio. Tudo ficava no quarto de Madame.

— Quer nos mostrar onde?

Elise levantou-se e os dois homens foram atrás. O quarto era uma peça de tamanho razoável, mas tão cheio de móveis grandes e ornamentados que dificultava a liberdade de movimentos. Num canto havia um enorme baú antigo. Elise ergueu a tampa e tirou um vestido de alpaca com combinação de seda, já fora de moda. Na parte interna havia um bolso fundo.

— Os papéis estavam aqui dentro, Monsieur — explicou. — Ficavam

num grande envelope lacrado.

— Você não me contou nada disso — disse Fournier com energia, — quando eu lhe perguntei há três dias atrás.

— Peço perdão, Monsieur. O senhor me perguntou onde andavam os papéis que deviam estar no cofre. Eu lhe disse que tinha queimado tudo. O que era verdade. O lugar exato onde ficavam guardados parecia não ter importância.

— De fato — retrucou Fournier. — Compreenda, Mademoiselle Grandier, esses papéis não deviam ter sido queimados.

— Obedeci as ordens de Madame — repetiu Elise, mal-humorada.

— Sim, sei que agiu na melhor das intenções — disse Fournier, conciliatório. — Agora, Mademoiselle, quero que preste bem atenção ao que vou dizer: *Madame foi assassinada*. É bem possível que o assassino, ou assassinos, seja alguém sobre quem ela possuísse certas informações prejudiciais. E que estivessem nos tais papéis que Mademoiselle queimou. Vou lhe fazer uma pergunta, que não deve ser respondida irrefletidamente. É possível... *realmente, na minha opinião, é provável e muito compreensível...* que tenha dado uma olhada nesses papéis antes de lançá-los ao fogo. Se for esse o caso, ninguém a culpará por ter feito isso. Pelo contrário, qualquer informação que tiver obtido pode ser do maior auxílio para a polícia e de grande serventia material para levar o criminoso à justiça. Portanto, Mademoiselle, não tenha medo de responder sinceramente. Antes de queimar os papéis, não deu uma olhada neles?

Elise respirou fundo. Curvou-se para a frente e falou enfaticamente.

— Não, Monsieur — disse. — Não olhei, nem li nada. Queimei o envelope sem tirar o lacre.

10 - O LIVRINHO PRETO

Fournier encarou-a fixamente durante alguns instantes; depois, verificando que estava falando a verdade, virou-se com um gesto de desânimo.

— Pena — disse. — Mademoiselle agiu honestamente, mas é uma pena.

— Nada posso fazer, Monsieur. Sinto muito. Fournier sentou-se e tirou

uma agenda do bolso.

— Quando eu lhe perguntei antes, Mademoiselle me disse que não sabia o nome dos clientes de Madame. No entanto, há pouco contou que choramingavam e pediam clemência. Portanto, sabia *algo* sobre esses tais clientes de Madame Giselle, não?

— Deixe-me explicar, Monsieur. Madame nunca mencionou nenhum nome. Jamais discutia seus negócios. Mas mesmo assim, a gente é humana, não é? Havia exclamações... comentários. Às vezes Madame me falava como se estivesse sozinha.

Poirot curvou-se para a frente.

— Daria para nos citar um exemplo, Mademoiselle... — pediu.

— Deixe-me ver... ah, sim... digamos que chegasse uma carta. Madame abre. Dá uma risada rápida, sarcástica, dizendo: “Pode chorar e se lastimar à vontade, minha requintada senhora. Mesmo assim, terá de pagar.” Ou então, para mim: “Que idiotas! Que idiotas! Imaginar que eu emprestaria grandes somas sem tomar as devidas precauções. Possuir informações é gozar de segurança, Elise. Possuir informações é dispor de poder”. Diria qualquer coisa nesse estilo.

— Os clientes de Madame que vinham cá, nunca viu nenhum deles?

— Não, Monsieur... ao menos praticamente. Eles eram atendidos só no primeiro andar, compreende? E muitas vezes depois que escurecia.

— Madame Giselle tinha estado em Paris antes de viajar para a Inglaterra?

— Tinha acabado de regressar a Paris na véspera.

— Aonde tinha ido?

— Havia passado quinze dias em Deauville, Le Pinet, Paris-Plage e Wimereux... o giro que sempre costumava fazer em setembro.

— Agora, Mademoiselle, pense bem. Ela não disse *nada*... absolutamente nada que pudesse servir para alguma coisa?

Elise refletiu um pouco. Depois sacudiu a cabeça.

— Não, Monsieur — respondeu. — Não consigo me lembrar de nada. Madame estava muito bem disposta. Disse que os negócios andavam correndo

bem. A viagem tinha sido rendosa. Depois me pediu para telefonar à Universal Airlines para marcar passagem para a Inglaterra no dia seguinte. O vôo da manhã estava lotado, mas ela conseguiu lugar no do meio-dia.

— Ela não falou sobre o que pretendia fazer na Inglaterra? Havia alguma urgência?

— Oh, não, Monsieur. Madame costumava ir à Inglaterra com bastante frequência. Geralmente me avisava na véspera.

— Nenhum cliente procurou Madame naquela noite?

— Creio que veio um, Monsieur, mas não tenho certeza. O Georges talvez saiba. Madame nada me disse.

Fournier tirou várias fotografias do bolso — na maioria instantâneos tirados por jornalistas, de diversas testemunhas saindo da sala do tribunal.

— Reconhece alguns destes aqui, Mademoiselle?

Elise pegou-as e examinou-as uma a uma. Por fim sacudiu a cabeça.

— Não, Monsieur.

— Então temos que tentar com o Georges.

— Sim, Monsieur. Infelizmente, o Georges não enxerga muito bem. É uma pena.

Fournier levantou-se.

— Bem, Mademoiselle, se nos der licença, vamos embora... isto é, se estiver absolutamente certa de que não há nada... mas nada mesmo... que tenha esquecido de mencionar.

— Eu?... Que... que poderia haver? Elise parecia aflita.

— Está entendido, então. Venha, M. Poirot. Como assim? Procura alguma coisa?

Poirot estava de fato perambulando pelo quarto, meio como se andasse fazendo uma pesquisa.

— De fato — disse Poirot. — Procuro algo que não vejo.

— O que é?

— Retratos. Retratos dos amigos de Madame Giselle... da família dela.

Elise sacudiu a cabeça.

— Madame não tinha família. Estava sozinha no mundo.

— Ela tinha uma filha— disse Poirot, categórico.

— Ah, é mesmo. De fato, tinha. Elise suspirou.

— Mas não há uma fotografia dessa filha? — insistiu Poirot.

— Oh, Monsieur não compreende. É verdade que Madame tinha uma filha, mas isso foi há muito tempo, sabe? Eu até creio que Madame nunca mais viu essa filha depois que cresceu.

— Como assim? — perguntou Fournier, ríspido. Elise lançou as mãos para o alto num gesto expressivo.

— Sei lá. Foi no tempo que Madame era moça. Me contaram que na época ela era bonita... bonita e pobre. Talvez tenha sido casada; talvez não. Eu acho que não. Decerto tomaram alguma providência com a criança. Quanto à Madame, ela teve varíola... ficou muito doente... quase morreu. Quando se restabeleceu, havia perdido a beleza. Tinham-se acabado as loucuras, os romances. Madame tornou-se uma mulher de negócios.

— Mas ela deixou o dinheiro dela para essa filha?

— Nada mais justo — respondeu Elise. — Para quem se deve deixar o dinheiro, senão para os descendentes da gente? Os laços sangüíneos sempre se fazem sentir; e Madame não tinha amigos. Estava sempre sozinha. O dinheiro era a sua paixão... ganhar cada vez mais. Gastava pouquíssimo. Não tinha amor ao luxo.

— Ela lhe deixou uma herança, sabia?

— Mas sim, já me informaram. Madame sempre foi generosa. Todos os anos me dava uma boa soma além do meu salário. Sou muito grata a Madame.

— Bem — disse Fournier, — agora temos de ir embora. Na saída falarei mais um pouco com o Georges.

— Como queira.

Fournier retirou-se.

Poirot deu outra volta pelo quarto, depois sentou-se e fixou o olhar em Elise.

Diante daquele exame, a francesa ficou ligeiramente inquieta.

— Tem mais alguma coisa que Monsieur deseje saber?

— Mademoiselle Grandier — disse Poirot, — sabe quem assassinou a sua patroa?

— Não, Monsieur. Juro por Deus.

Falava com a maior seriedade. Poirot olhou-a de um jeito inquisitivo, depois baixou a cabeça.

— *Bien* — disse. — Acredito. Mas uma coisa é saber, desconfiar é outra. Não tem nenhuma idéia... uma *idéia* apenas... de quem poderia ter feito uma coisa dessas?

— Não tenho a mínima idéia, Monsieur. Já disse isso ao agente da polícia.

— Mademoiselle podia dizer uma coisa a ele e outra a mim.

— Por que diz isso, Monsieur? Por que eu iria fazer uma coisa dessas?

— Porque uma coisa é dar informações à polícia e outra é dá-las a uma pessoa particular.

— Sim — admitiu Elise. — Lá isso é.

Uma sombra de indecisão turvou-lhe o rosto. Parecia estar pensando. Observando-a atentamente, Poirot curvou-se para a frente e disse:

— Quer que lhe diga uma coisa, Mademoiselle Grandier? Faz parte da minha profissão não acreditar em nada do que me dizem... em nada, isto é, que não seja *provado*. Eu não desconfio primeiro dessa pessoa e depois daquela. Desconfio de *todo mundo*. Quem tiver relação com um crime é considerado criminoso por mim até que se prove que está inocente.

Elise Grandier lhe fez uma carranca de raiva.

— Pretende dizer que desconfia que eu... *eu*... assassinei Madame? Essa não! É preciso ter uma maldade incrível para imaginar uma coisa dessas!

Seus seios enormes arfavam tumultuosamente.

— Não, Elise — disse Poirot. — Eu não desconfio que você tenha assassinado Madame. Seja lá quem for que a assassinou, foi um dos passageiros do avião. Portanto, não foi a sua mão que praticou o ato. Mas você podia ter sido

cúmplice antes da ação. Podia ter transmitido a alguém os detalhes da viagem de Madame.

— Não transmiti. Juro que não.

Poirot ficou novamente olhando-a um pouco em silêncio, depois sacudiu a cabeça.

— Acredito em você — disse. — Mas, mesmo assim, tem algo que você está escondendo. Ah, tem, sim! Escute, eu vou lhe dizer uma coisa. Em todos os casos de natureza criminosa a gente depara com o mesmo fenômeno ao interrogar as testemunhas. *Ninguém conta tudo.* Às vezes... até com frequência... trata-se de algo inócuo, algo, talvez, sem a menor relação com o crime; mas... torno a repetir... sempre tem *qualquer coisa*. É o que acontece com você. Ah, não negue! Eu sou Hercule Poirot e *sei*. Quando o meu amigo, M. Fournier, lhe perguntou se você tinha certeza de que não havia esquecido de mencionar nada, você se perturbou. Respondeu sem querer, por uma evasiva. De novo há pouco, quando insinuei que poderia me contar algo que não quis contar à polícia, você, da maneira mais flagrante, refletiu muito antes de responder. Portanto, há *alguma coisa*. Quero saber o que é.

— Não é nada de importância.

— Possivelmente não. Mas, em todo caso, não vai me dizer o que é? Lembre-se — continuou, ao vê-la hesitar, — que não sou da polícia.

— Sim, de fato — disse Elise Grandier. Vacilou mas prosseguiu: — Monsieur, estou numa situação difícil. Não sei o que Madame gostaria que eu fizesse.

— Diz o ditado que duas cabeças juntas raciocinam melhor do que separadas. Não quer trocar idéias comigo? Examinemos o problema.

A mulher ainda olhava em dúvida para ele.

— Você é um excelente cão de guarda, Elise. Pelo que vejo, é uma questão de lealdade com sua falecida patroa?

— Exatamente, Monsieur. Madame confiava em mim. Desde que comecei a trabalhar para ela, sempre segui suas instruções ao pé da letra.

— Você sentia gratidão, não é, por algum grande serviço que ela lhe

prestou?

— Monsieur é muito perspicaz. Sim, de fato. Não me acanho de confessar. Eu tinha sido enganada, Monsieur, roubada em minhas economias... e havia uma criança. Madame foi ótima para mim. Ela providenciou para que o bebê fosse criado por gente boa, numa granja... onde nada lhe faltaria, Monsieur, no meio de pessoas honestas. Foi então, nessa ocasião, que ela me disse que também era mãe.

— Ela não lhe contou que idade tinha a criança, onde se achava, não deu nenhum detalhe?

— Não, Monsieur, ela falou como se fosse uma parte da sua vida que estivesse completamente encerrada. Era melhor assim, disse. A menina estava em boas mãos e aprenderia um ofício ou uma profissão. E também herdaria o dinheiro dela, quando morresse.

— Não contou mais nada a respeito dessa criança, ou do pai?

— Não, Monsieur, mas eu tenho uma idéia...

— Fale, Mademoiselle Elise.

— É apenas uma idéia, compreende?

— Perfeitamente, perfeitamente.

— Eu acredito que o pai da criança era inglês.

— O que foi que lhe deu, exatamente, essa impressão?

— Nada definido. Só que sempre havia um ressentimento na voz de Madame quando ela se referia aos ingleses. Acho, também, que nas suas transações de negócio ela gostava de ter qualquer inglês sob o seu poder. É apenas uma impressão...

— Sim, mas talvez seja de grande valia. Abre caminho a várias possibilidades... E a sua própria criança, Mademoiselle Elise? Era menina ou menino?

— Menina, Monsieur. Mas ela morreu... já faz cinco anos.

— Ah... meus pêsames. Houve uma pausa.

— E agora, Mademoiselle Elise — disse Poirot, — o que é essa tal coisa que até agora se absteve de mencionar?

Elise levantou-se e saiu do quarto. Voltou poucos minutos depois com um livrinho de capa preta, em frangalhos, na mão.

— Este livrinho era de Madame. Ela o levava por toda parte. Quando estava de partida para a Inglaterra, não conseguiu achá-lo. Não se lembrava onde o havia deixado. Depois que ela foi embora, eu o encontrei. Tinha caído atrás da cabeceira da cama. Levei-o para o meu quarto, a fim de guardá-lo até que Madame regressasse. Queimei os papéis assim que soube da morte de Madame, mas não queimei o livro. Não havia instruções quanto a isso.

— Quando soube da morte de Madame?

Elise hesitou um pouco.

— Foi a polícia que lhe informou, não foi? — perguntou Poirot. — Eles vieram cá examinar os papéis de Madame. Encontraram o cofre vazio e você lhes disse que tinha queimado tudo, mas na verdade foi só depois que queimou os papéis.

— De fato, Monsieur — confessou Elise. — Enquanto eles examinavam o cofre eu retirei os papéis do baú. Disse que estavam queimados, sim. Afinal de contas, era praticamente verdade. Queimei-os na primeira oportunidade. Tinha de executar as ordens de Madame. Compreende a minha dificuldade, Monsieur? Não dirá nada à polícia? Podia ter sérias consequências para mim.

— Eu creio que Mademoiselle agiu com a melhor das intenções. Mesmo assim, compreenda, é uma pena... uma grande pena. Mas não adianta lamentar o que não tem mais remédio, e não vejo necessidade de comunicar a hora exata da destruição ao nosso caro M. Fournier. Agora vejamos se há alguma coisa neste livrinho que possa nos ajudar.

— Acho que não, Monsieur — disse Elise, sacudindo a cabeça. — São lembretes pessoais de Madame, sim, mas só tem números. Sem os documentos e arquivos, esses dados são incompreensíveis.

Entregou, a contragosto, o livro a Poirot. Ele folheou-o. Havia anotações a lápis numa exótica letra deitada. Pareciam todas do mesmo tipo. Um número seguido por alguns pormenores descritivos, como por exemplo:

CX 256. Casada com coronel. Lotado na Síria. Fundos regimentais.

GF 342. Deputado francês. Ligações com Stavisky.

Os apontamentos pareciam ser todos do mesmo gênero. Havia vinte, talvez, ao todo. No fim do livro estavam marcados lembretes a lápis de datas ou lugares, tais como:

Le Pinet, segunda-feira. Cassino, 10h30m. Hotel Savoy, 5 horas. A.B.C. Fleet Street, 11 horas.

Nenhum deles era completo em si mesmo, e pareciam ter sido anotados menos como verdadeiros encontros marcados do que como auxílios à memória de Giselle.

Elise observava Poirot, ansiosa.

— Ao meu ver, Monsieur, isso aí não significa nada. Para Madame era compreensível, mas não para um simples leitor.

Poirot fechou o livro e guardou-o no bolso.

— Isso pode ser valiosíssimo, Mademoiselle. Fez muito bem em me entregar. E a sua consciência pode ficar absolutamente tranqüila. Madame nunca lhe pediu para queimar esse livro?

— Lá isso é verdade — lembrou-se Elise, animando um pouco as suas feições.

— Portanto, na falta de instruções, o seu dever é entregar isso à polícia. Vou combinar com M. Fournier para que ninguém culpe Mademoiselle por não ter feito isso antes.

— Monsieur é muito gentil.

Poirot levantou-se.

— Agora vou-me embora para reunir-me ao meu colega. Só uma última pergunta. Quando reservou lugar no avião para Madame Giselle, telefonou para o aeroporto em Le Bourget ou para o escritório da companhia?

— Telefonei para o escritório da Universal Airlines, Monsieur.

— Que, se não me engano, fica no Boulevard des Capucines, não é?

— Exatamente, Monsieur. Boulevard des Capucines, 254.

Poirot anotou o número na sua agenda, e depois, com um cumprimento amável, retirou-se.

11 - O AMERICANO

Fournier travava uma forte discussão com o velho Georges. O detetive parecia furioso e aborrecido.

— Isso é bem da polícia — resmungou o velho na sua voz grossa e rouca. — Não param de perguntar sempre a mesma coisa para a gente. Que esperam? Que mais cedo ou mais tarde a gente desista de dizer a verdade e comece a pregar mentiras? Mentiras propícias, naturalmente, que convenham aos interesses de *ces Messieurs*.

— Não são mentiras que eu quero, mas a verdade.

— Muito bem, pois é o que estou lhe dizendo. Sim, uma mulher veio realmente falar com Madame na véspera dela partir para a Inglaterra. O senhor me mostra essas fotografias, me pergunta se reconheço a tal mulher entre elas. Eu repito o que já lhe disse antes... eu não enxergo direito... já estava ficando escuro... eu não vi de perto. Não reconheci a tal senhora. Se eu a tivesse visto cara a cara, provavelmente não a reconheceria. Pronto! É a quarta ou quinta vez que repito isso.

— E não consegue nem se lembrar se era alta ou baixa, morena ou loura, moça ou velha? Essa é difícil de acreditar.

Fournier falava com impaciente sarcasmo.

— Pois não acredite, ora. Que me interessa? Já se viu... andar às voltas com a polícia! Que vergonha. Se Madame não tivesse sido assassinada lá pelas nuvens, no mínimo o senhor ia dizer que eu, Georges, a tinha envenenado. A polícia é assim mesmo.

Poirot evitou uma resposta indignada, ao pé da letra, por parte de Fournier, enfiando taticamente o braço no do amigo.

— Venha, *mon vieux* — disse. — O estômago reclama. Uma refeição simples, mas satisfatória, é o que recomendo. Digamos *omelette aux champignons, sole à la Normande* — um queijo de Port Salut, e vinho tinto para acompanhar. Que vinho, exatamente?

Fournier olhou o relógio.

— De fato — concordou. — Já é uma hora. Conversando aqui com este

animal... — Lançou um vivo olhar a Georges.

Poirot sorriu, à guisa de consolo, para o velho.

— Está entendido — disse. — A mulher anônima não era alta nem baixa, nem loura nem morena, nem magra nem gorda, mas isto ao menos você pode nos informar: era elegante?

— Elegante? — repetiu Georges, meio surpreso.

— Você já respondeu — disse Poirot. — Ela era *elegante*. E tenho a impressão, meu amigo, de que ela ficaria muito bem em traje de banho.

Georges arregalou os olhos.

— Em traje de banho? Que negócio é esse de traje de banho?

— Uma pequena idéia minha. Uma mulher bonita fica ainda mais bonita em traje de banho. Não concorda? Olhe aqui.

Entregou ao velho uma página rasgada do *Sketch*.

Houve uma breve pausa. O velho teve um leve sobressalto.

— Concorda, não é? — perguntou Poirot.

— Os dois estão bastante bem — disse o velho, devolvendo a folha. — Daria quase no mesmo se estivessem absolutamente sem nada.

— Ah — fez Poirot. — É que hoje em dia descobriu-se que a ação do sol sobre a pele é benéfica. Isso é muito conveniente.

Georges condescendeu em soltar uma gargalhada rouca, e afastou-se, enquanto Poirot e Fournier saíam para a rua banhada de sol.

Durante a refeição prevista por Poirot, o pequeno belga mostrou o livrinho preto de lembretes.

Fournier ficou todo entusiasmado, embora nitidamente irritado com Elise. Poirot explicou a atitude dela.

— É natural... perfeitamente natural. A polícia? É sempre uma palavra que mete medo a essa classe de gente. Envolve-os no que eles não sabem. Acontece o mesmo em toda parte... em qualquer país.

— É nisso que o *senhor* leva vantagem — disse Fournier. — O investigador particular arranca mais coisas das testemunhas do que se consegue através dos canais competentes. Contudo, há o reverso da medalha. Nós temos as

fichas oficiais... todo o sistema de uma organização imensa à nossa disposição.

— Portanto vamos trabalhar juntos como amigos — retrucou Poirot, sorrindo. — Esta omelete está deliciosa.

No intervalo entre a omelete e o peixe, Fournier folheou as páginas do livrinho de capa preta. Depois fez uma anotação a lápis na sua agenda.

Olhou para Poirot.

— Já leu tudo isto aqui?

— Não, apenas dei uma olhada. Permite? Pegou o livrinho.

Quando o queijo foi colocado diante deles, Poirot largou o livrinho sobre a mesa e os dois se entreolharam.

— Tem alguns apontamentos... — começou Fournier.

— Cinco — atalhou Poirot.

— Concordo... cinco. E leu em sua agenda:

CL 52. Aristocrata inglesa. Marido. RT 362. Médico. Harley Street. MR 24. Antiguidades falsificadas. XVB 724. Inglês. Desfalque. GF 45. Tentativa de homicídio. Inglês.

— Excelente, meu caro — disse Poirot. — Nossos cérebros funcionam juntos à perfeição. De todos os apontamentos nesse livrinho aí, esses cinco me parecem ser os únicos que podem ter qualquer relação com as pessoas que viajavam a bordo daquele avião. Vamos examiná-los um por um.

— *Aristocrata inglesa. Marido* — disse Fournier. — Isso pode aplicar-se perfeitamente a Lady Horbury. Ao que me consta, é uma jogadora inveterada. Nada mais plausível que fosse pedir dinheiro emprestado a Madame Giselle. Os clientes dela, em geral, eram desse tipo. A palavra *marido* pode ter dois sentidos. Ou Giselle esperava que o marido saldasse as dívidas da mulher, ou então tinha algum poder sobre Lady Horbury, um segredo que ameaçava revelar ao marido da dama.

— Exatamente — disse Poirot. — Uma dessas duas alternativas talvez se aplique ao caso. Eu, pessoalmente, me inclino pela segunda, sobretudo porque seria capaz de apostar que a mulher que visitou Giselle na véspera da viagem aérea foi Lady Horbury.

— Ah, o senhor acha, é?

— Sim, e tenho a impressão de que você também acha. A meu ver há um toque cavalheiresco na atitude do nosso *concierge*. A persistência dele em não se lembrar de absolutamente nada a respeito da visitante me parece bastante significativa. Lady Horbury é uma mulher extremamente bela. Além disso, eu notei o sobressalto... ah, quase imperceptível... que ele teve quando eu lhe mostrei aquele retrato dela em traje de banho no *Sketch*. Sim, foi Lady Horbury que estive em casa de Giselle naquela noite.

— Seguiu-a de Le Pinet até Paris — disse Fournier, lentamente. — Dá impressão de que estava bem desesperada.

— Sim, sim, creio que pode ser verdade.

Fournier olhou-o com curiosidade.

— Mas isso não encaixa com as suas idéias pessoais, hem?

— Meu caro, como já lhe disse, eu tenho o que estou convencido que é a pista certa indicando a pessoa errada... Me sinto totalmente no escuro. Minha pista não pode estar errada; e no entanto...

— Não quer me contar o que é? — sugeriu Fournier.

— Não, porque eu posso, sabe, estar enganado... completa e irremediavelmente enganado. E nesse caso seria capaz de levá-lo, também, pelo caminho errado. Não, é melhor que cada um siga suas próprias idéias. Continue a ler os tópicos que escolheu no livrinho.

— *RT 362. Médico. Harley Street* — leu Fournier.

— Uma pista possível do Dr. Bryant. Não há muita coisa para a gente se basear, mas não devemos negligenciar essa linha de investigação.

— Que, naturalmente, será a tarefa do inspetor Japp.

— E minha — disse Poirot. — Também estou metido nisso.

— *MR 24. Antiguidades falsificadas* — leu Fournier. — É um exagero, talvez, mas é possível que se aplique aos Duponts. Mal posso acreditar. M. Dupont é um arqueólogo de fama mundial. Possui grande renome.

— O que lhe facilitaria enormemente as coisas — retrucou Poirot. — Pense um pouco, meu caro Fournier, quão grande tem sido o renome, quão

elevados os sentimentos, e quão digna de admiração a vida da maioria dos trapaceiros célebres... *antes de serem descobertos!*

— De fato, nada mais verdadeiro — concordou o francês com um suspiro.

— Uma excelente reputação — disse Poirot — é o requisito indispensável do ofício de trapaceiro. Eis aí uma idéia interessante. Mas voltemos à nossa lista.

— *XVB 724* é muito ambíguo. *Inglês. Desfalque.*

— Não ajuda muito — concordou Poirot. — Quem dá desfalque? Um procurador? Um funcionário de banco? É sempre alguém que exerce um cargo de confiança numa firma comercial. Dificilmente um escritor, um dentista ou um médico. Pode ser que depois de cometer o desfalque ele tenha pedido dinheiro emprestado a Giselle para não deixar que percebessem o roubo. Quanto ao último apontamento — *GF 45. Tentativa de homicídio. Nacionalidade inglesa...* isso nos dá um campo muito amplo. Escritor, dentista, médico, homem de negócios, comissário de bordo, ajudante de cabeleireiro, aristocrata de berço e educação... qualquer um desses poderia ser *GF 45*. Realmente, só os Duponts ficam isentos por causa da nacionalidade.

Chamou o garçom com um gesto e pediu a conta.

— E aonde vamos agora, meu caro? — perguntou.

— À Sûreté. Talvez tenham novidades para mim.

— Ótimo. Eu o acompanho. Depois há uma pequena investigação que quero fazer por conta própria, na qual você, talvez, possa me auxiliar.

Na Sûreté Poirot reencontrou o Chefe da Força de Detetives, que tinha conhecido alguns anos antes no decurso de um de seus casos. M. Gilles mostrou-se muito afável e cortês.

— Folgo em saber que o senhor está interessado neste caso, M. Poirot.

— Por Deus, meu caro M. Gilles, a coisa aconteceu sob minhas próprias barbas. Isso é um insulto, não concorda? Hercule Poirot a dormir enquanto se comete um crime!

M. Gilles sacudiu discretamente a cabeça.

— Esses aviões! Num dia de mau tempo não oferecem a mínima estabilidade. Eu mesmo já passei uma ou duas vezes por sérios dissabores.

— Dizem que um exército avança segundo seu estômago — disse Poirot.
— Mas até que ponto as delicadas circunvoluções do cérebro são influenciadas pelo aparelho digestivo? Quando me vejo atacado pelo *mal de mer*, eu, Hercule Poirot, sou uma criatura sem massa cinzenta, sem ordem, nem método... um simples membro da raça humana um pouco abaixo da inteligência média! É deplorável, mas que se há de fazer? E por falar nisso, como vai o meu bom amigo Giraud?

Ignorando prudentemente o significado das palavras “por falar nisso”, M. Gilles respondeu que Giraud continuava progredindo em sua carreira.

— É extremamente zeloso. Tem uma energia incansável.

— Sempre teve — retrucou Poirot. — Corria de um lado para outro. Até parecia um azougue. Ora aqui, ora ali, por toda parte. Nunca parava um só instante para ter tempo de pensar.

— Ah, M. Poirot, esse é o seu fraco. Um homem como Fournier faz mais o seu gênero. Ele pertence à nova escola... tudo pela psicologia. O senhor vai gostar disso.

— Vou mesmo.

— Ele domina muito bem o inglês. Foi por isso que o mandamos a Croydon para auxiliar nesse caso. Um caso interessantíssimo, M. Poirot. Madame Giselle era uma das pessoas mais populares de Paris. E o modo como morreu... incrível! Uma seta envenenada, desfechada por uma zarabatana num avião! Francamente! Como é possível acontecer uma coisa dessas?

— Exatamente — exclamou Poirot. — Exatamente. O senhor acertou em cheio. Colocou o dedo na ferida... Ah, cá está o nosso bom Fournier. E com novidades, pelo visto.

A cara habitualmente tristonha de Fournier tinha um aspecto vivo e agitado.

— Sim, de fato. Um antiquário grego, chamado Zeropoulos comunicou a venda de uma zarabatana com setas três dias antes do crime. Monsieur —

curvou-se respeitosamente para o seu chefe. — eu me proponho a ir agora mesmo interrogar esse homem.

— Pois vá — aprovou Gilles. — M. Poirot não quer ir junto?

— Sem dúvida — prontificou-se Poirot. — Isso está ficando interessante... muito interessante.

A loja de M. Zeropoulos ficava na Rua St. Honoré. Passava por ser um antiquário de alta classe. Havia uma porção de objetos de Rages e outras cerâmicas persas; uns dois bronzes do Luristão, uma série de jóias hindus de qualidade inferior, prateleiras de sedas e bordados de vários países, e uma vasta proporção de contas e artigos baratos egípcios, sem o mínimo valor. Era o tipo da casa onde se pode gastar um milhão de francos num objeto que vale a metade dessa quantia, ou dez francos num objeto que vale apenas cinquenta *centimes*. Era freqüentada principalmente por turistas americanos e conhecedores bem informados.

M. Zeropoulos, baixo e atarracado, tinha olhinhos pretos e quando começava a falar não parava mais.

Os cavalheiros eram da polícia? Estava encantado em recebê-los. Quem sabe não preferiam entrar em seu gabinete particular? Sim, tinha vendido uma zarabatana com setas — uma curiosidade sul-americana — “os cavalheiros compreendem, eu vendo um pouco de tudo! Tenho minhas especialidades. A Pérsia, por exemplo. M. Dupont, o ilustre M. Dupont, pode confirmar o que eu digo. Ele vem sempre ver a minha coleção... para verificar as novas compras que fiz... e emitir seu parecer sobre a autenticidade de certas peças duvidosas. Que homem! Que cultura! Que olho! Que *sensibilidade*! Mas estou me desviando do assunto. Tenho a minha coleção... a minha valiosa coleção que todos os *connoisseurs* conhecem... e também tenho... ora, francamente, Messieurs, vamos chamá-lo logo de lixo! Lixo estrangeiro, bem entendido, um bocadinho de tudo... dos mares do sul, da Índia, do Japão, de Bornéu. Pouco importa! Em geral não tenho preço fixo para essas coisas. Se alguém fica interessado, faço meus cálculos e peço uma determinada quantia, que naturalmente regateiam, e no fim

me contento com a metade. E mesmo assim, por que não confessar?, obtenho bons lucros! Esses artigos eu compro de marinheiros, geralmente por preços irrisórios.

M. Zeropoulos tomou fôlego e continuou, feliz da vida, encantado consigo mesmo, com sua importância e com a fluência da sua narrativa.

— Fazia uns dois anos que eu tinha aqui essa zarabatana e as setas. Estavam ali naquela bandeja, junto com um colar de conchas e um cocar de pele-vermelha, uns dois ídolos de madeira tosca e umas contas de jade de qualidade inferior. Ninguém tinha reparado, ninguém notou-a, até que me entra esse tal americano e pergunta o que é.

— Um americano? — exclamou logo Fournier.

— Sim, sim, um americano... inequivocamente um americano. E nem do melhor tipo, tampouco... não entende de nada e só quer uma curiosidade para levar para casa. Ele é do tipo que enriquece os vendedores de contas no Egito... que compra os camafeus mais grotescos que já saíram da Tchecoslováquia. Pois bem, eu logo vejo a força dele, explico-lhe os costumes de certas tribos, os venenos mortíferos que usam, e friso o quanto é raro aparecer uma coisa dessa espécie no mercado. Ele pergunta o preço e eu digo. É o meu preço para americanos, não tão alto como antigamente (sim, porque infelizmente eles tiveram a depressão por lá). Espero que ele vá pechinchar, mas no mesmo instante ele paga o que eu pedi. Fico estupefato. Que pena; podia ter pedido mais! Entrego-lhe a zarabatana e as setas enroladas num embrulho e ele leva tudo embora. Acabou-se. Mas depois, quando leio no jornal sobre esse crime espantoso, começo a pensar... sim, começo a pensar muito. E comunico à polícia.

— Nós lhe ficamos sumamente gratos, M. Zeropoulos — disse Fournier cortesmente. — Essa zarabatana com as setas... o senhor acha que seria capaz de identificá-las? De momento estão em Londres, compreende? Mas lhe será dada a oportunidade de identificá-las.

— A zarabatana era mais ou menos deste tamanho — M. Zeropoulos mediu um comprimento na sua escrivaninha, — e desta grossura... que nem esta caneta aqui. Tinha uma cor clara. Havia quatro setas. Eram espinhos longos,

pontiagudos, ligeiramente desbotados na ponta, com um lacinho de seda vermelha em cada um deles.

— *Vermelha?* — perguntou Poirot, incisivo.

— Sim, Monsieur. Um vermelho cereja... meio desbotado.

— Que estranho — comentou Fournier. — Tem certeza de que nenhum deles tinha um lacinho preto e amarelo?

— Preto e amarelo? Não, Monsieur. O antiquário sacudiu a cabeça.

Fournier olhou para Poirot. Havia um estranho sorriso de satisfação no rosto do homenzinho.

Fournier perguntou-se por quê. Seria porque Zeropoulos estava mentindo, ou teria outra explicação?

— É bem provável — observou, em tom de dúvida, — que essa zarabatana e as setas nada tenham a ver com o caso. Há uma possibilidade muito vaga, talvez. Mesmo assim, gostaria que me descrevesse esse americano da melhor maneira possível.

Zeropoulos espalmou um par de mãos orientais.

— Era um americano comum. Falava fanhoso. Não sabia francês. Mascava chiclete. Usava óculos de aro de tartaruga. Era alto e, tenho a impressão, não muito velho.

— Louro ou moreno?

— É difícil dizer. Estava de chapéu.

— Seria capaz de reconhecê-lo se o visse de novo? Zeropoulos pareceu hesitante.

— Não sei. Há tantos americanos que aparecem por aqui. Não tinha nada de especial.

Fournier mostrou-lhe a coleção de instantâneos, mas foi inútil. Zeropoulos achava que nenhum deles era o homem.

— Uma tentativa infrutífera, pelo jeito — comentou Fournier, ao saírem da loja.

— É possível, sim — concordou Poirot. — Mas não creio. As etiquetas de preço eram do mesmo formato e há um ou dois pontos de interesse na história

e nas observações de M. Zeropoulos. E agora, meu caro, depois de participar de uma tentativa infrutífera, seja tolerante e acompanhe-me noutra.

— Onde?

— No Boulevard des Capucines.

— Deixe-me ver, isso é...

— A agência da Universal Airlines.

— Claro. Mas já fizemos indagações perfunctórias lá. Não puderam nos informar nada que interessasse.

Poirot bateu-lhe de leve no ombro.

— Ah, pois é, mas uma resposta depende muito da maneira de perguntar. Vai ver que não sabiam as perguntas que deveriam ter feito.

— E o senhor sabe?

— Bem, tenho uma certa ideiazinha.

Não quis explicar mais nada e não demorou muito chegaram ao Boulevard des Capucines.

A agência da Universal Airlines era pequena. Havia um homem moreno e elegante atrás de um balcão de madeira bem envernizado e um garoto de cerca de quinze anos sentado diante de uma máquina de escrever.

Fournier apresentou suas credenciais e o homem, que se chamava Jules Perrot, declarou-se inteiramente à sua disposição.

Por sugestão de Poirot, o pequeno datilógrafo foi mandado para o canto mais distante.

— É muito sigiloso o que temos a dizer — explicou. Jules Perrot ficou numa agitação eufórica.

— Pois não, Messieurs.

— Trata-se do assassinato de Madame Giselle.

— Ah, sim, eu me lembro. Acho que já respondi algumas perguntas sobre o assunto.

— Precisamente, precisamente. Mas é necessário apurar os fatos com toda a exatidão. Agora, Madame Giselle reservou seu lugar... quando?

— Creio que isso já ficou esclarecido. Ela marcou a passagem pelo telefone, no dia 17.

— Era para o vôo das 12 horas no dia seguinte?

— Sim, Monsieur.

— Mas, segundo me disse a criada dela, foi para o vôo das 8h45m da manhã que Madame reservou passagem.

— Não, não... quer dizer, o que aconteceu foi o seguinte. A criada de Madame pediu para o vôo das 8h45m, mas como já estava lotado, nós lhe reservamos lugar no das 12.

— Ah, compreendo. Compreendo.

— Sim, Monsieur.

— Compreendo... compreendo... mas mesmo assim é estranho... positivamente estranho.

O funcionário fitou-o sem atender.

— É só que um amigo meu resolveu ir para a Inglaterra de uma hora para outra, e foi no vôo das 8h45m naquela manhã, e o avião estava semivazio.

M. Perrot folheou alguns papéis. Assou o nariz.

— Provavelmente o seu amigo se equivocou de data. Na véspera ou no dia seguinte...

— Absolutamente. Foi na data do crime, porque meu amigo ainda comentou que se tivesse perdido o avião, como quase perdeu, teria terminado sendo um dos passageiros do *Prometeu*.

— Ah, é? Mas que estranho. Naturalmente, às vezes as pessoas não chegam à última hora, e aí então, é lógico, há lugares vazios... e depois às vezes ocorrem confusões. Tenho que entrar em contato com Le Bourget. Eles nem sempre são cuidadosos...

O olhar levemente inquiridor de Hercule Poirot pareceu descontrolar Jules Perrot. Ficou imóvel. Olhava de um lado para outro. Uma pequena gota de suor brotou-lhe da testa.

— Duas explicações bastante possíveis — retrucou Poirot, — mas, não sei porque, acho que não são verdadeiras. Não lhe parece que seria melhor

confessar logo tudo?

— Mas confessar o quê? Não entendo o que o senhor quer dizer.

— Ora, vamos. Me entende, sim, e muito bem. Trata-se de um caso de homicídio... de *homicídio*, M. Perrot. Não se esqueça, por favor. Qualquer informação que ocultar lhe poderá ser muito prejudicial... muito prejudicial mesmo. A polícia leva muito a sério essas coisas. O senhor está impedindo que se faça justiça.

Jules Perrot encarou-o boquiaberto. Suas mãos tremiam.

— Vamos — disse Poirot, com voz autoritária, despótica. — Queremos informações precisas, por favor. Quanto lhe pagaram e quem foi que pagou?

— Não fiz por mal... não tinha a mínima idéia... jamais imaginei...

— Quanto, e por quem?

— Cinco mil francos. Eu não conhecia o sujeito. Eu... isso vai me arruinar...

— O que pode arruiná-lo é não falar. Ande, vamos, o pior nós já sabemos. Conte-nos exatamente como foi que aconteceu.

O suor escorrendo-lhe pela testa, Jules Perrot explicou rapidamente, de maneira convulsa.

— Não fiz por mal... Palavra de honra, não fiz por mal. Entrou um homem aqui. Disse que ia para a Inglaterra no dia seguinte. Queria conseguir um empréstimo com... com Madame Giselle, mas não queria que o encontro fosse premeditado. Disse que assim teria melhores chances. E que sabia que ela também ia para a Inglaterra no dia seguinte. Eu só tinha que dizer a ela que o vôo da manhã estava lotado e lhe dar o lugar nº 2 no *Prometeu*. Juro, Messieurs, que não vi nada de mal nisso. Que diferença podia fazer?... os americanos são assim mesmo, pensei... fazem negócios da maneira mais extravagante...

— Americanos? — atalhou Fournier, incisivo.

— Sim, esse Monsieur era americano.

— Descreva-o.

— Alto, curvado, com cabelo grisalho, óculos de aro grosso e um pequeno cavanhaque.

— Ele também comprou passagem?

— Sim, Monsieur, o lugar nº 1... ao lado do... do que eu devia reservar para Madame Giselle.

— Que nome ele deu?

— Silas... Silas Harper.

— Não havia nenhum passageiro com esse nome, e ninguém ocupou o lugar nº 1.

Poirot sacudiu de leve a cabeça.

— Eu vi pelo jornal que não havia ninguém com esse nome. Foi por isso que achei não haver necessidade de tocar no assunto. Uma vez que o tal sujeito não viajou no avião...

Fournier lançou-lhe um olhar de frieza.

— O senhor ocultou informações valiosas que deveria ter contado à polícia — disse. — Isso é um assunto gravíssimo.

E junto com Poirot saiu da agência, deixando Jules Perrot de olhos arregalados e com cara de medo.

Lá fora na calçada, Fournier tirou o chapéu e fez uma medida.

— Parabéns, M. Poirot. Como teve essa idéia?

— Duas frases separadas. Uma hoje de manhã, no avião, quando ouvi um passageiro comentar que tinha viajado no dia do crime, no vôo matinal, num avião praticamente vazio. A segunda frase foi pronunciada por Elise, quando disse que havia telefonado à agência da Universal Airlines e que não havia lugar no vôo de manhã cedo. Ora, essas duas declarações não combinavam uma com a outra. Eu me lembrei de ter ouvido o comissário de bordo do *Prometeu* dizer que costumava ver Madame Giselle no vôo matinal... portanto era óbvio que ela sempre viajava pelo avião das 8h45m. “*Mas alguém queria que ela fosse no das 12 horas...* alguém que ia viajar no *Prometeu*. Por que o funcionário informou que o vôo matinal estava lotado? Um engano, ou uma mentira proposital? Optei pela segunda hipótese... e tinha razão.”

— Este caso está ficando cada vez mais intrigante — exclamou Fournier.

— Primeiro parece que andamos na pista de uma mulher. Agora é um homem.

Esse tal americano...

Parou e olhou para Poirot.

O pequeno belga assentiu suavemente com a cabeça.

— Sim, meu caro — disse. — É tão fácil passar por americano... aqui em Paris! Uma voz anasalada... o chiclete... o pequeno cavanhaque... os óculos de aro grosso... todos os acessórios do americano clássico que se vê no palco...

Tirou do bolso a página que tinha arrancado do *Sketch*.

— Que que está olhando?

— Uma condessa em traje de banho.

— Acha que...? Mas não, ela é *petite*, bonita, frágil... não poderia passar por um americano alto e encurvado. Já foi atriz, claro, mas interpretar um papel desses é inconcebível. Não, meu amigo, essa idéia não serve.

— Eu nunca disse que servia — retrucou Hercule Poirot. E continuou olhando seriamente para a página impressa.

12 - EM HORBURY CHASE

Lord Horbury deteve-se junto do aparador e serviu-se distraidamente de rins.

Stephen Horbury tinha vinte e sete anos de idade, cabeça estreita e queixo comprido. Dava exatamente a impressão do que era: o tipo do homem esportivo que ama o ar livre, sem nada de espetacular em matéria de inteligência. Bondoso, levemente pedante, intensamente leal e irresistivelmente tenaz.

Levou de volta para a mesa o prato cheio e começou a comer. Não demorou muito, abriu um jornal, mas logo, com uma carranca, largou-o de lado. Afastou o prato inacabado, tomou um pouco de café e pôs-se em pé. Parou um instante, hesitante, depois com leve aceno da cabeça saiu da sala de jantar, cruzou o amplo saguão e subiu a escada. Bateu numa porta e esperou.

— Entre — gritou uma nítida voz aguda dentro do quarto.

Lord Horbury entrou.

Era um vasto e belo quarto de dormir que dava para o lado sul da casa.

Cicely Horbury estava na cama — um leito enorme, elizabetano, de carvalho esculpido. Ela também causava uma impressão lindíssima com os louros cabelos crespos entre os reposteiros de *chiffon* cor-de-rosa. Na mesa de cabeceira via-se a bandeja com restos do suco de laranja e de café. Estava abrindo algumas cartas. A criada andava de um lado para outro.

Qualquer homem pode ser desculpado se a sua respiração se acelera um pouco ao se ver confrontado com tanta beleza; mas o lindo quadro formado pela sua esposa não abalou Lord Horbury de maneira alguma.

Houve época, três anos atrás, quando a deslumbrante beleza de Cicely teria feito disparar as emoções do rapaz. Tinha estado louco, desvairado, perdidamente apaixonado. Tudo isso havia acabado. Tinha sido louco. Agora estava curado.

— Stephen! Que surpresa — exclamou Lady Horbury.

— Preciso falar com você a sós — retrucou, abrupto.

— Madeleine — pediu Lady Horbury à criada. — Deixe isso aí. Saia.

— *Très bien*, Madame — murmurou a francesinha lançando um rápido olhar de curiosidade pelo rabo do olho a Lord Horbury, e saiu do quarto.

Lord Horbury esperou que fechasse a porta, depois disse:

— Quero saber, Cicely, exatamente o que é que há por trás dessa idéia de vir para cá?

Lady Horbury encolheu os belos ombros esguios.

— Afinal de contas, por que não?

— Por que não? Me parece que há uma série de motivos.

— Ora, motivos... — murmurou a esposa.

— Sim, motivos. Já esqueceu que combinamos que, do jeito que as coisas iam, seria melhor desistir dessa farsa de morar juntos? Você ficaria com a casa na cidade e uma pensão generosa... extremamente generosa. Dentro de certos limites, poderia fazer o que quisesse. Por que esta volta repentina? Cicely tornou a encolher os ombros.

— Achei... melhor.

— Quer dizer, imagino, que é por dinheiro?

— Meu Deus — exclamou Lady Horbury, — como odeio você. Você é o homem mais mesquinho do mundo.

— Mesquinho? Mesquinho, você diz, quando é por causa de você e de suas extravagâncias insensatas que Horbury está hipotecada?

— Horbury... Horbury... é só o que lhe interessa! Cavalos, caçadas, tiros, colheitas e velhos fazendeiros enfadonhos. Deus, que vida pra uma mulher.

— Há mulheres que gostam.

— Sim, como Venetia Kerr, que até já tem cara de cavalo. Você devia ter casado com uma mulher assim.

Lord Horbury foi até a janela.

— É um pouco tarde para dizer isso. Casei com você.

— E não pode sair desta — disse Cicely, com uma risada maliciosa, triunfante. — Você gostaria de se ver livre de mim, mas não pode.

— Será que precisamos discutir tudo isso de novo? — retrucou ele.

— Como você é cheio de bobagens! A maioria dos meus morre de rir quando eu conto o tipo de coisas que você diz.

— Pouco se me dá. Vamos voltar ao motivo principal da nossa discussão... o seu motivo para vir cá?

Mas a esposa se fez de desentendida.

— Você declarou pelos jornais que não se responsabilizaria pelas minhas dívidas. Acha que foi muito cavalheiresco de sua parte?

— Lamento ter sido forçado a tomar essa providência. Eu preveni você, não se esqueça. Paguei duas vezes. Mas há limite para tudo. A sua paixão insensata pelo jogo... ora, para que discutir? Mas quero saber mesmo o que levou você a vir para Horbury. Você sempre detestou este lugar, morrendo de tédio aqui.

— Mudei de idéia — retrucou Cicely Horbury com o rostinho carrancudo. — Recentemente.

— Mudou... recentemente? — Repetiu as palavras, pensativo, depois fez bruscamente a pergunta: — Cicely, você andou pedindo dinheiro emprestado àquela velha francesa agiota?

— Qual? Não sei o que você está dizendo.

— Sabe perfeitamente. Eu me refiro à mulher que foi assassinada no avião que vinha de Paris... o avião em que você viajou para voltar para cá. Você tinha pedido dinheiro emprestado a ela?

— Não, claro que não. Que idéia!

— Ora, Cicely, não se faça de ingênua. Se essa mulher lhe emprestou dinheiro, seria melhor confessar logo. Lembre-se de que esse assunto ainda não está encerrado. O veredicto no inquérito foi de homicídio premeditado por pessoa ou pessoas desconhecidas. A polícia de ambos os países está em ação. É só uma questão de tempo para apurarem a verdade. A mulher decerto tinha arquivos dos negócios que fazia. Se surgir qualquer coisa que ligue você a ela, devemos estar preparados de antemão. Precisamos consultar ffoulkes² sobre o assunto, (ffoulkes, ffoulkes, Wilbraham & ffoulkes eram os advogados que há gerações e gerações tratavam dos bens da família Horbury.)

— Não prestei depoimento naquele maldito tribunal, declarando que nunca tinha ouvido falar na mulher?

— Acho que isso não prova grande coisa — retrucou o marido, sarcástico. — Se de fato teve negócios com essa tal Giselle, pode ter certeza de que a polícia descobrirá.

Cicely soergueu-se irritada na cama.

— Quem sabe você pensa que fui eu que a matou... ficando de pé lá naquele avião a soltar setas de uma zarabatana contra ela?! Não faltava mais nada, que loucura!

— A coisa toda parece doida — concordou Stephen, pensativo. — Só quero que você compreenda a sua posição.

— Que posição? Não há posição alguma. Você não acredita em nada do que eu digo. E abominável. E por que toda essa preocupação comigo, de uma hora para outra? Como se você se importasse muito com o que me acontece mesmo. Você não gosta de mim. Me odeia. Ficaria feliz se eu morresse amanhã. Para que fingir?

² Era costume medieval inglês usar duas consoantes minúsculas em lugar de uma maiúscula.

— Não está exagerando um pouco? Em todo caso, por mais retrógrado que me imagine, acontece que me preocupo muito com o nome de minha família... um sentimento fora de moda, que você provavelmente despreza. Mas nada posso fazer.

E virando-se abruptamente, saiu do quarto.

As têmporas lhe latejavam. As idéias se sucediam rapidamente na sua cabeça.

“Não gostar? Odiar? Sim, de fato. Eu ficaria feliz se ela morresse amanhã? Meu Deus, sim! Me sentiria como alguém que fosse solto da prisão. Que coisa mais estranha e bestial é a vida! Quando a vi pela primeira vez em *Faça Logo*, que criança, que criança adorável ela parecia! Tão loura e tão linda... Maldito idiota imaturo! Fiquei louco por ela... doido... Dava impressão de ser tudo o que havia de adorável e doce, e o tempo todo era o que é agora... vulgar, malévola, rancorosa, frívola... Hoje não consigo nem achá-la linda.”

Assobiou e um *spaniel* veio correndo, olhando-o com adoração nos olhos sentimentais.

— Velha *Betsy* querida — disse acariciando as longas orelhas felpudas.

E pensou: “Que engraçado ser depreciativo chamar uma mulher de cadela. Uma cadela como você, *Betsy*, vale mais que quase todas as mulheres que já conheci na vida.”

Enfiando um velho chapéu de pesca na cabeça, saiu da casa em companhia da cachorra.

Esse passeio a esmo em torno da herdade aos poucos foi lhe acalmando os nervos em frangalhos. Bateu de leve no pescoço do seu cavalo de caça favorito, trocou uma palavra com o treinador, depois foi à Casa da Granja e conversou com a mulher do agricultor. Ia caminhando por uma senda estreita, com *Betsy* atrás, quando encontrou Venetia Kerr montada em sua égua baia.

Venetia ficava ótima a cavalo. Lord Horbury olhou-a com admiração, carinho e uma estranha sensação de volta ao lar.

— Olá, Venetia — disse.

— Olá, Stephen.

— Onde você andou? Lá na pista?

— Sim, ela está se desenvolvendo bem, não acha?

— Magnificamente. Viu aquela de dois anos que comprei no leilão de Chattisley?

Conversaram durante alguns minutos sobre cavalos e depois ele disse:

— A propósito, a Cicely está aí.

— Aqui em Horbury?

Demonstrar surpresa não fazia parte do código de Venetia, mas não pôde dissimulá-la do tom de sua voz.

— Sim apareceu ontem à noite.

Houve um silêncio entre ambos. Por fim Stephen disse:

— Você esteve no tal inquérito, Venetia. Como... como... hum... é que foi?

Ela refletia um pouco.

— Bem, ninguém falou grande coisa, se é que você me entende.

— A polícia não quis revelar nada, não é?

— Pois é.

— Deve ter sido bastante desagradável para você.

— Bem, não posso dizer que tenha me agradado muito. Mas não foi um bicho de sete cabeças. O juiz até que foi camarada.

Stephen fustigou a sebe, distraído.

— Escute aqui, Venetia, você não tem *nenhuma* idéia de quem pudesse ter sido?

Venetia Kerr sacudiu vagorosamente a cabeça.

— Não. — Parou um instante, procurando a maneira melhor e mais delicada de exprimir por palavras o que queria dizer. Por fim encontrou-a com uma risadinha: — Em todo o caso, não foi a Cicely nem eu. Quanto a isso tenho certeza. Ela me teria visto e eu a teria visto.

Stephen também teve de rir.

— Então não há dúvida — comentou, bem-humorado. Quis levar a coisa na brincadeira, mas ela notou o tom de alívio em sua voz. Portanto ele *tinha*

andado refletindo... Procurou pensar noutra coisa.

— Venetia — disse Stephen. — Eu já conheço você há muito tempo, não é?

— Hum, é. Lembra-se daquelas horríveis aulas de dança que a gente ia quando criança?

— Como não. Acho que posso falar certas coisas para você...

— Claro que pode. — Hesitou, depois continuou num tom calmo, prosaico. — Imagino que seja a Cicely, não?

— Sim. Olhe aqui, Venetia. A Cicely não andou envolvida, de jeito nenhum, com essa tal Giselle?

— Não sei — respondeu Venetia, devagar. — Eu estive no sul da França, não se esqueça. Ainda não soube dos mexericos de Le Pinet.

— O que é que você acha?

— Bem, para falar com franqueza, não me surpreenderia.

Stephen sacudiu a cabeça, pensativo.

— Mas você precisa se preocupar com isso? — perguntou Venetia delicadamente. — Quero dizer, vocês levam uma vida quase independente um do outro, não levam? Isso é problema dela, e não seu.

— Enquanto ela for minha mulher, é lógico que também seja problema meu.

— Não daria para vocês... hum... combinarem um divórcio?

— Uma tramóia, você quer dizer? Duvido que ela aceitasse.

— Você se divorciaria dela, se tivesse oportunidade?

— Se ela me desse motivo, certamente que sim. Falava com amargura na voz.

— Creio que ela sabe disso — comentou Venetia, pensativa.

— Sabe, sim.

Ficaram calados. “Ela não passa de uma sem-vergonha! Quanto a isso tenho certeza. Mas é precavida. Astuta como ninguém.”

— Quer dizer que não adianta? — perguntou em voz alta.

Ele sacudiu a cabeça. — Se eu fosse livre, Venetia, você casaria comigo?

Olhando bem para frente, entre as orelhas da montaria, Venetia respondeu numa voz cuidadosamente isenta de emoção:

— Creio que sim.

Stephen! Sempre amara Stephen, desde os velhos tempos das aulas de dança, das crias e dos ninhos de passarinho. E Stephen gostava dela, mas não o suficiente para impedir que se apaixonasse perdidamente, desvairadamente, loucamente por uma sem-vergonha de uma corista esperta e calculista...

— Nós dois podíamos ter uma vida maravilhosa... — disse Stephen.

Desfilavam cenas diante dos olhos dele: caçadas... chá com bolinhos... o cheiro de terra úmida e das folhas... filhos... Todas as coisas que Cicely nunca partilhara com ele, que Cicely nunca lhe dera. Uma espécie de bruma embaciou-lhe os olhos. Depois ouviu Venetia falando, ainda naquela voz monótona, inexpressiva:

— Stephen, se você quiser... por que não? Se fôssemos embora juntos, a Cicely teria que se divorciar de você.

— Santo Deus — interrompeu, furioso, — você pensa que eu deixaria que você fizesse uma coisa dessas?

— Eu não me importaria.

— Pois eu sim. Falava com decisão.

“Então pronto, pensou Venetia. Que pena, realmente. Está irremediavelmente arraigado a seus preconceitos, mas até que isso é simpático. Não gostaria que ele fosse diferente.”

— Bom, Stephen — disse em voz alta, — tenho que ir andando.

Esporeou delicadamente a montaria. Ao se virar para abanar para Stephen, seus olhos se cruzaram e naquele olhar estava todo o sentimento que as palavras cautelosas tinham evitado.

Quando dobrou a curva da senda, Venetia deixou cair o chicote. Um homem que vinha caminhando juntou-o e entregou-lhe com uma medida exagerada.

— Um estrangeiro — pensou, ao agradecer-lhe. — Tenho a impressão de que já vi essa cara.

Metade da sua imaginação passou em revista os dias de veraneio em Juan les Pins, enquanto a outra metade pensava em Stephen.

Foi só ao chegar a casa que a memória de repente arrancou-a com um sobressalto do seu devaneio:

“O homenzinho que me cedeu o lugar no avião. No inquérito disseram que ele era detetive” E logo em seguida lhe veio outra idéia: *“Que estará ele fazendo aqui?”*

13 - NO ANTOINE

Jane apresentou-se no Antoine, no dia seguinte ao inquérito, com certo receio.

A pessoa acostumada a receber o tratamento de M. Antoine chamava-se, na realidade, Andrew Leech, e sua única pretensão à nacionalidade estrangeira consistia em ter tido uma mãe judia; acolheu-a com uma carranca de mau agouro.

Já se lhe tornara uma segunda natureza falar em inglês arrevesado assim que cruzava os portais de Bruton Street.

Classificou Jane de rematada *imbécile*. Afinal de contas, por que tinha querido viajar de avião? Que idéia! Essa leviandade ia trazer danos incalculáveis para o seu estabelecimento. Depois de desabafar por completo o seu mau humor, permitiu que Jane escapasse, enquanto Gladys, a amiga, piscava-lhe acintosamente o olho.

Gladys era uma loura etérea de modos altaneiros e voz profissional suave, distante. Na intimidade, tornava-se rouca e brincalhona.

— Não se impressione, meu bem — disse a Jane. — O brutalhão está sentado na cerca, cuidando para ver de que lado vai cair. E eu tenho a impressão de que não vai ser do jeito que ele espera. Tchauzinho, querida, aí vem aquela velha danada, maus olhos a vejam. No mínimo está que é uma fera, como sempre. Tomara que não tenha trazido aquele maldito cão fraldeiro.

Logo depois ouvia-se a voz de Gladys com seu timbre suave, distante...

— Bom dia, Madame. Não trouxe junto aquele encanto de pequinês?

Vamos começar pelo xampu, para depois ficarmos prontas para M. Henry?

Jane tinha acabado de entrar na cabine contígua, onde uma mulher de cabelos acajus, sentada à sua espera, examinava o rosto no espelho, comentando com uma amiga:

— Querida, a minha cara hoje está um verdadeiro *horror*, está mesmo...

A amiga, que folheava entediada as páginas de um *Sketch* de três semanas atrás, retrucou desinteressada:

— Você acha, meu bem? A mim me parece que está como sempre.

À entrada de Jane, a amiga entediada interrompeu o lânguido exame que fazia do *Sketch*, submetendo-a a um olhar penetrante.

Depois disse:

— Está sim, querida. Tenho certeza.

— Bom dia, Madame — disse Jane com a vivacidade frívola que esperavam dela e que agora já era capaz de manter do modo mais maquinal, sem o mínimo esforço. — Faz muito tempo que não vemos a senhora por aqui. Suponho que tenha estado no estrangeiro.

— Antibes — disse a mulher de cabelo acaju, que por sua vez encarava Jane com franca curiosidade.

— Que beleza — comentou Jane com falso entusiasmo. — Deixe-me ver, é xampu e penteado, ou a senhora vai tingir?

Momentaneamente distraída de seu exame minucioso, a mulher de cabelo acaju inclinou-se para frente e olhou atentamente o cabelo.

— Acho que dá para agüentar ainda outra semana. Céus, que susto que estou!

— Ora, querida — retrucou a amiga, — o que é que você queria a esta hora da manhã?

— Ah! — exclamou Jane, — espere até que M. Georges termine o serviço com a senhora.

— Diga-me uma coisa — a mulher tornou a encará-la, — é você a moça que prestou depoimento ontem no inquérito... a moça que estava no avião?

— Sou, sim senhora.

— Que coisa tremendamente emocionante! Conte-me tudo. Jane fez o máximo para agradar.

— Bem, Madame, foi meio horrível, realmente...

Lançou-se à narrativa, respondendo as perguntas à medida que surgiam. Como era a velha? Verdade que havia dois detetives franceses a bordo e que a coisa toda relacionava-se com escândalos do governo francês? Lady Horbury também estava no avião? Era de fato tão bonita como diziam? Quem é que ela, Jane, achava mesmo que tinha cometido o crime? Diziam que a coisa toda estava sendo abafada por motivos oficiais, etc, etc...

Esse primeiro transe foi apenas o precursor de vários outros do mesmo gênero. Todo mundo queria ser atendido pela “moça que estava no avião”. Para depois dizer às amigas: “Minha cara, positivamente sensacional. A moça lá do meu cabeleireiro é a *tal* do avião... Sim, se eu fosse você ia lá... eles penteiam muito bem... Jeanne, é o nome dela... meio baixinha, olhos enormes. Ela conta tudo para você, é só pedir com jeito...

No fim de semana Jane sentiu que os nervos começavam a ceder sob aquela tensão. Às vezes parecia-lhe que, se tivesse de repetir a história mais uma vez, teria de gritar ou agredir a curiosa com o secador.

Terminou porém encontrando o melhor meio de aliviar seu estado de ânimo. Abordou M. Antoine e, ousadamente pediu aumento de salário.

— Tem coragem de me pedir isso, quando é só por compaixão que mantenho você aqui, depois de andar às voltas num caso de homicídio? Muita gente, menos compassiva do que eu, teria logo despedido você.

— Bobagem — retrucou Jane calmamente. — Sou uma atração neste salão e o senhor sabe disso. Se quiser que vá embora, eu vou. Posso conseguir facilmente o que estou pedindo no *Henri* ou na *Maison Richet*.

— E quem é que vai saber que você foi para lá? Afinal, que importância você tem?

— Falei com alguns jornalistas durante o inquérito — disse Jane. — Qualquer um deles daria toda a publicidade necessária à minha mudança de salão.

Por temer que de fato sucedesse isso, M. Antoine atendeu de má vontade às exigências de Jane. Gladys aplaudiu entusiasticamente a amiga.

— Bravos, querida — disse ela. — Desta vez Ikey Andrew saiu perdendo para você. Se a gente não sabe se defender quando é preciso, não sei onde vamos parar. Peito, querida, isso é o que você tem, e eu admiro você por isso.

— Claro que sei me defender — retrucou Jane, levantando o queixinho pugnaz. — Não fiz outra coisa a vida inteira.

— Falta de sorte, querida — disse Gladys. — Mas continue enfrentando o Ikey Andrew. Ele vai gostar ainda mais de você, realmente. Não vale a pena ser boazinha... mas eu acho que nós duas não temos que nos preocupar muito com isso.

A partir daí, a narrativa de Jane, repetida diariamente com pequenas variações, transformou-se no equivalente de um papel representado no palco.

O jantar e o teatro combinados com Norman Gale se efetuaram tal como estava previsto. Foi uma dessas noites maravilhosas em que cada palavra e confiança trocada parecia revelar um laço de simpatia e gostos similares.

Gostavam de cachorros e detestavam gatos. Ambos odiavam ostras e adoravam salmão defumado. Gostavam de Greta Garbo e detestavam Katharine Hepburn. Não gostavam de mulheres gordas e realmente admiravam cabelos negros como azeviche. Detestavam esmalte de unhas vermelho demais. E vozes estridentes, restaurantes barulhentos e gente de cor³. Preferiam o ônibus ao metrô.

Parecia quase milagre que duas pessoas pudessem ter tantos pontos em comum.

Um dia no Antoine, ao abrir a bolsa, Jane deixou cair uma carta de Norman. Quando a ajuntou, levemente ruborizada, Gladys não perdeu a oportunidade.

— Quem é o seu namorado, querida?

— Não sei o que você quer dizer — retorquiu Jane, cada vez mais

³ Lembrem-se: o livro foi escrito em 1935, quando o racismo ainda era politicamente correto.

vermelha.

— Essa não! Com certeza vai me dizer que essa carta aí é do tio-avô da sua mãe. Não nasci ontem. Quem é ele, Jane?

— É uma pessoa... um homem... que conheci em Le Pinet.

Um dentista.

— Dentista — disse Gladys com a maior repugnância. — No mínimo tem dentes branquíssimos e vive sorrindo.

Jane foi obrigada a confessar que de fato tinha.

— E o rosto bem bronzeado — continuou Gladys. — Talvez da praia ou de alguma loção, dessas que se compram barato nas drogarias. *Os Homens Bonitos são Ligeiramente Bronzeados*. Os olhos parecem direitos. Mas um dentista! Ora, na hora do beijo, você teria a impressão que ele ia dizer: “Abra mais um pouco, por favor.”

— Não seja besta, Gladys.

— Não precisa ser tão suscetível, meu bem. Estou vendo que o caso é sério. Sim, Mr. Henry, já vou... Sujeito chato! Do jeito que dá ordens por aqui, até parece que é o Todo-Poderoso!

A carta era para convidá-la para jantar no sábado à noite. Na hora do almoço do dia marcado, quando Jane recebeu o salário já aumentado, sentiu-se incrivelmente bem disposta.

— E pensar — disse consigo mesma, — que eu vinha tão preocupada aquele dia no avião. Tudo saiu da maneira mais espetacular... A vida é mesmo uma maravilha.

Sentia-se tão eufórica que resolveu ser extravagante e foi almoçar no restaurante da esquina e saborear a comida ao som de música.

Sentou-se a uma mesa de quatro lugares, sendo que dois já estavam ocupados por uma mulher de meia-idade e um rapaz. A mulher terminava de comer. Não demorou muito pediu a conta, recolheu uma vasta coleção de embrulhos e retirou-se.

Jane, como de costume, leu um livro enquanto comia. Levantando os

olhos ao virar uma página, reparou que o rapaz sentado à sua frente encarava-a com a máxima atenção, e no mesmo instante percebeu que o rosto dele lhe era vagamente familiar.

No momento exato em que fez estas descobertas, o rapaz surpreendeu-lhe o olhar e cumprimentou-a.

— Desculpe-me. Mademoiselle não me reconhece?

Jane olhou-o mais atentamente. Tinha uma fisionomia infantil, clara, atraente mais por causa da extrema mobilidade do que por qualquer pretensão à beleza.

— Verdade que não fomos apresentados — continuou o rapaz, — a menos que se possa chamar de apresentação um crime e o fato de termos prestado depoimento na sala do tribunal.

— Mas lógico — disse Jane. — Que burrice a minha! Achei que conhecia o seu rosto. Você se chama...?

— Jean Dupont — respondeu o rapaz, fazendo uma pequena mesura engraçada, mas bastante simpática.

Ocorreu a Jane a lembrança fugaz de um dos ditos de Gladys, expresso talvez sem muita finura.

— Quando um camarada anda atrás da gente, pode ter certeza que aparece outro. Parece ser uma lei da natureza. Às vezes são três, e até quatro.

Ora, Jane tinha sempre levado uma vida austera, de muito trabalho (meio semelhante à descrição subsequente de moças desaparecidas: “Era uma garota inteligente, alegre, sem amizades masculinas”.) Jane tinha sido “uma garota inteligente, alegre, sem amizades masculinas”. Agora dava impressão de que essas amizades masculinas surgiam de tudo quando era lado. Não havia dúvida. O rosto de Jean Dupont ao se debruçar sobre a mesa denotava mais do que simples interesse cortês. Dir-se-ia mais do que satisfeito — encantado.

— Mas ele é francês — pensou consigo mesma, com uma ponta de desconfiança. — Sempre dizem que se deve tomar cuidado com os franceses.

— Continua, então, na Inglaterra? — perguntou, maldizendo-se no íntimo pela extrema futilidade da observação.

— Pois é. Meu pai foi fazer uma conferência em Edinburgo e também estivemos visitando alguns amigos. Mas agora... amanhã... regressamos à França.

— Ah, sim.

— A polícia ainda não prendeu ninguém? — perguntou Jean Dupont.

— Não, ultimamente não tem saído nada nos jornais. Decerto desistiram.

Jean Dupont sacudiu a cabeça

— Não, não, não fariam isso. Eles trabalham em silêncio — fez um gesto expressivo — no escuro.

— Não fale assim — pediu Jane, inquieta. — Fico apavorada.

— É, não é uma sensação muito agradável, ter estado tão perto quando um crime foi cometido... — Acrescentou: — E eu estava ainda mais perto do que você. Pertíssimo, mesmo. As vezes nem gosto de lembrar...

— Quem você acha que foi? — perguntou Jane. — Tenho pensado muito nisso.

Jean Dupont deu de ombros.

— Eu é que não fui. Ela era feia demais!

— Bem — retrucou Jane, — garanto que você preferiria matar uma mulher feia do que uma bonita, não?

— De maneira alguma. Quando uma mulher é bonita e a gente gosta dela... se ela procede mal... provoca ciúmes, um ciúme louco. “Muito bem”, a gente diz, “vou matá-la. Sempre será uma satisfação.”

— E é?

— Isso, Mademoiselle, eu não sei, porque ainda não experimentei. — Deu uma risada, depois sacudiu a cabeça. — Mas uma mulher feia como Giselle... quem se dá ao trabalho de matá-la?

— Sim, é um ponto de vista — disse Jane. Franziu a testa. — Mas parece terrível imaginar que talvez já tivesse sido jovem e bonita.

— Eu sei, eu sei. — Tornou-se subitamente sério. — É a grande tragédia da vida, que as mulheres envelheçam.

— Parece que você pensa bastante sobre as mulheres e a beleza delas — comentou Jane.

— Natural. É o assunto mais interessante que existe. Você estranha por ser inglesa. Um inglês pensa primeiro no trabalho... na sua função, como ele diz... depois no esporte que pratica, e por último... mas bem por último... na sua mulher. É sim, é isso mesmo. Ora, imagine que num hotelzinho da Síria havia um inglês, cuja esposa tinha adoecido. Ele precisava se apresentar no Iraque numa determinada data. *Eh bien*, você acredita que ele deixou a mulher e seguiu viagem para cumprir pontualmente com “o seu dever”? E tanto ele como ela acharam isso perfeitamente normal; pareceu-lhes um gesto nobre, abnegado. Mas o médico, que não era inglês, achou que o sujeito era um bárbaro. Uma esposa, uma criatura humana... isso devia vir em primeiro lugar; cumprir com o seu dever... é muito menos importante.

— Não sei — disse Jane. — Creio que o trabalho da gente tem de ter prioridade.

— Mas por quê? Está vendo, você também tem o mesmo ponto de vista. Cumprindo com o dever a gente ganha dinheiro... ao passo que condescendendo e cuidando de uma mulher a gente gasta... portanto o último é muito mais nobre e idealista que o primeiro.

Jane deu uma risada.

— Ah, bem — disse. — Eu acho que preferia ser considerada como simples luxo e comodismo, do que ser considerada rigidamente como um Dever Absoluto. E que um homem sentisse que estava gostando de cuidar de mim, em vez de me encarar como uma obrigação que precisasse ser cumprida.

— Mademoiselle, ninguém seria capaz de sentir isso em sua companhia.

Jane corou de leve ante a sinceridade do tom do rapaz.

— Só estive antes na Inglaterra uma vez — prosseguiu ele logo. — Foi muito interessante para mim outro dia no... inquérito, vocês dizem, não é?... analisar três mulheres jovens e belas, tão diferentes entre si.

— Que achou de todas nós? — perguntou Jane, divertindo-se.

— A tal Lady Horbury... ah, conheço bem aquele tipo. É muito exótico... e caro, caríssimo. A gente vê em torno da mesa de bacará... o rosto delicado, a expressão tensa... e logo se sabe... se adivinha perfeitamente como ele ficará,

digamos, daqui a quinze anos. Aquela vive à procura de sensações. De grandes cartadas, de drogas, talvez... *Au fond*, é desinteressante!

— E Miss Kerr?

— Ah, é muito, muito inglesa. É o tipo a que qualquer lojista da Riviera logo dá crédito; são bem perspicazes os nossos lojistas. As roupas dela são muito bem talhadas, mas meio masculinas. Ela anda como se fosse dona do mundo. Não é que seja pretensiosa... é apenas inglesa. Sabe de que parte da Inglaterra vem tudo quanto é espécie de gente? Palavra! Já encontrei algumas como ela no Egito. “Quê? Os Fulanos estão aqui? Os Fulanos de Yorkshire? Ah, os Fulanos de Shropshire.”

Era ótimo mímico. Jane riu do sotaque arrastado, bem educado.

— E depois... eu — disse.

— E depois você. E eu disse comigo mesmo: “Que bom, que ótimo seria se um dia eu pudesse revê-la”. E cá estou, sentado à sua frente. Os deuses às vezes dispõem as coisas muito bem.

— Você é arqueólogo, não é? — perguntou Jane. — Escava coisas?

E prestou a máxima atenção enquanto Jean Dupont falava sobre o seu trabalho.

Por fim Jane deu um pequeno suspiro.

— Você esteve em tantos países. Viu tanta coisa. Parece tudo tão fascinante. E eu nunca irei a parte alguma, nem verei nada.

— Você gostaria disso... de ir para o estrangeiro... de ver os lugares selvagens do mundo? Não se esqueça de que não poderia mandar encrespar o cabelo.

— Ele encrespa por si — disse Jane, rindo.

Olhou o relógio e chamou às pressas a garçonete para pedir a conta.

— Mademoiselle — perguntou Jean Dupont com certo embaraço, — será que consentiria... como já lhe falei, regresso à França amanhã... jantar hoje comigo?

— Lamento muito, mas não posso. Vou jantar com outra pessoa.

— Ah, que pena! Pretende ir de novo a Paris em breve?

— Creio que não.

— E eu, que não sei quando estarei outra vez em Londres! Que tristeza.

Ficou um instante em pé, segurando a mão de Jane.

— Espero revê-la, sinceramente — declarou, e parecia estar falando sério mesmo.

14 - EM MUSWELL HILL

Mais ou menos à mesma hora em que Jane saía do Antoine, Norman Gale dizia num amável tom profissional:

— Acho que está um pouco sensível... Avise se doer... Manobrou a broca com mão habilidosa.

— Pronto, acabou-se. Miss Ross?

Miss Ross surgiu imediatamente a seu lado, mexendo uma mistura branca numa plaquinha.

Norman Gale completou a obturação e disse:

— Deixe-me ver, é na próxima terça-feira que tem de vir para fazer as outras?

A cliente, lavando fervorosamente a boca, irrompeu numa longa explicação. Ia viajar — desculpe — teria de cancelar a próxima consulta. Sim, ela o informaria quando voltasse.

E saiu do gabinete às pressas.

— Bem — disse Gale, — por hoje é só.

— Lady Higginson telefonou — disse Miss Ross, — avisando que não pode vir na hora marcada para a semana que vem. Não quis marcar outra. Ah, e o coronel Blunt não pode vir na quinta.

Norman Gale assentiu com a cabeça. Seu rosto enrijeceu.

Todos os dias a mesma coisa. Gente telefonando. Desmarcando consultas. Tudo quanto é espécie de desculpas — indo para fora — para o estrangeiro — um resfriado — talvez não esteja aqui...

Pouco importava o pretexto que davam, o verdadeiro motivo Norman

acabava de ver, da maneira mais inconfundível, no olhar da última cliente ao estender a mão para pegar a broca... um olhar súbito de pânico...

Poderia ter escrito num papel os pensamentos da mulher: “Ah, meu Deus, claro que ele estava naquele avião quando a tal mulher foi assassinada... Só queria saber... A gente sempre ouve falar em pessoas que perdem a cabeça e cometem os crimes mais insensatos. Realmente, não se pode ter certeza. O sujeito é capaz de ser um lunático homicida. Sempre ouvi dizer que têm a mesma aparência das outras pessoas... Acho que desde o início me pareceu que ele tinha um olhar meio esquisito...”

— Bem — disse Gale, — pelo jeito a semana que vem vai ser muito calma, Miss Ross.

— É, uma porção de gente desistiu das consultas. Ah, bem, o senhor estava precisando de descanso. Trabalhou tanto no começo do verão.

— Mas não parece que vou ter oportunidade de trabalhar muito no outono, não é?

Miss Ross não respondeu. Salva pela campainha do telefone, saiu do gabinete para ir atender.

Norman soltou alguns instrumentos no esterilizador, pensando seriamente.

“Vejam a situação. Nada de rodeios. Sob o ponto de vista profissional, essa história quase me arruinou. Engraçado, para Jane até que foi bom. Tem gente que vai lá de propósito, só para ficar olhando de boca aberta para ela. Pensando bem, é isso que está errado aqui... eles *têm* de ficar de boca aberta para mim, e não gostam! Que horrível sensação de desamparo que dá a cadeira de dentista. Se o dentista se visse atacado de uma fúria homicida...

“Que negócio estranho que é um assassinato! A gente pensa que é uma questão perfeitamente normal — e não é. Afeta tudo quanto é tipo de coisas estranhas que nunca se imaginaria... Voltando aos fatos. Como dentista, parece que estou quase arruinado... Que aconteceria, me pergunto, se prendessem a tal Horbury? Os meus clientes voltariam correndo? Difícil dizer. Depois que o mal está feito... Ora, que importa? Não estou ligando. Estou, sim... por causa de

Jane... Jane é um encanto. Quero tê-la. E não posso... por enquanto... Que abominável contratempo.”

Sorriu.

“Acho que tudo vai dar certo... Ela gosta de mim... Há de esperar... Droga. Irei para o Canadá... é isso mesmo... e ganharei dinheiro lá.”

Riu sozinho.

Miss Ross entrou de novo no gabinete.

— Era a Mrs. Lorrie. Diz que sente muito...

— ... mas talvez tenha de ir para Timbuctu — completou Norman. — *Vive les rats!* É melhor procurar outro emprego, Miss Ross. Pelo jeito o navio vai ao fundo.

— Ah, Mr. Gale, nem pensar em desertar do senhor...

— Boa moça. Seja como for, não é um rato. Mas palavra, estou falando sério. Se não acontecer nada que esclareça essa situação, terei de fechar o consultório.

— *É preciso* que se faça alguma coisa! — afirmou Miss Ross com veemência. — Acho a polícia uma *desgraça*. Eles nem ao menos se esforcem.

Norman riu.

— Acho que estão se esforçando, sim.

— Alguém devia fazer algo.

— Exatamente. Até eu cheguei a pensar em fazer... embora não saiba bem o quê.

— Ah, Mr. Gale, o senhor devia. É tão inteligente.

“Não há dúvida de que sou um herói para ela — pensou Norman. — Bem que ela gostaria de me ajudar nas minhas andanças de detetive; mas tenho outra parceira em vista.”

Foi nessa mesma noite que jantou em companhia de Jane. Quase sem querer, fingiu estar com ótima disposição, mas Jane era sagaz demais para se deixar enganar. Notou seus súbitos momentos de distração, o pequeno cenho franzido entre as sobrancelhas, a repentina contração da boca.

— Norman — perguntou, afinal, — as coisas estão indo mal?

Ele lançou-lhe um olhar rápido e depois virou a cabeça para outro lado.

— Bom, não se pode dizer que estejam ótimas. É a pior época do ano.

— Não se faça de idiota — retrucou Jane abruptamente.

— Jane!

— Estou falando sério. Pensa que não vejo que você anda horrivelmente preocupado?

— Não ando horrivelmente preocupado. Apenas chateado.

— Quer dizer que os clientes estão relutando...

— A entregar os dentes a um possível assassino? Sim.

— Que injustiça cruel!

— Pois é, de fato. Porque francamente, Jane, sou um cientista muito bom mesmo. E não sou nenhum assassino.

— Que maldade. Alguém devia fazer algo.

— Foi o que a minha enfermeira, Miss Ross, disse hoje de manhã.

— Como é que ela é?

— Miss Ross?

— Sim.

— Ah, sei lá. Alta... um feixe de ossos... nariz meio parecido com um cavalo de balanço... terrivelmente incompetente.

— Tem jeito de ser simpática — comentou Jane, caridosa. Norman, acertadamente, tomou isso como um elogio à sua diplomacia, pois os ossos de Miss Ross não eram realmente tão assustadores quanto descrevera, e ela possuía uma cabeça ruiva extremamente atraente, mas achou, com razão, que não convinha esclarecer esse último detalhe com Jane.

— Eu gostaria de fazer *algo* — disse. — Se eu fosse o herói de um romance, encontraria uma pista ou andaria atrás de alguém.

Jane de repente puxou-o pela manga.

— Olhe, lá está Mr. Clancy... você sabe, o escritor... sentado sozinho junto daquela parede. Nós podíamos sair atrás dele.

— Mas não íamos ao cinema?

— Deixe o cinema pra lá. Tenho uma espécie de impressão de que isso

pode ser *sério*. Você disse que queria andar atrás de alguém, e eis aí alguém que se presta para isso. Nunca se sabe. Talvez a gente descubra algo.

O entusiasmo de Jane era contagioso. Norman aderiu ao plano com bastante presteza.

— Como você diz, nunca se sabe — retrucou. — Em que ponto do jantar ele está? Não posso ver direito sem virar a cabeça, e não quero ficar encarando.

— Mais ou menos como nós — respondeu Jane. — É melhor nos apressarmos um pouco e aí podemos pagar a conta e estaremos preparados para sair na mesma hora que ele.

Optaram por esse plano. Quando por fim o pequeno Mr. Clancy se levantou e cruzou a porta em direção a Dean Street, Norman e Jane saíram praticamente nas suas pegadas.

— Caso ele tome um táxi — explicou Jane.

Mas Mr. Clancy não tomou nenhum táxi. Sobraçando o casacão (e ocasionalmente permitindo que arrastasse pelo chão), perambulou tranqüilamente pelas ruas de Londres. Ia numa marcha meio desordenada. Às vezes avançava com passo decidido, outras diminuía-o a ponto de quase parar. Uma vez, no momento exato de atravessar a rua, ficou completamente imóvel, o pé pairando sobre a sarjeta e dando a nítida impressão de um filme em câmara lenta.

Seu rumo, também, era desordenado. A certa altura dobrou tantas vezes à direita que chegou realmente a passar duas vezes pela mesma rua.

Jane sentia-se animadíssima.

— Viu? — disse, entusiasmada. — Ele tem medo de estar sendo seguido. Anda querendo nos despistar.

— Você acha?

— Lógico. Ninguém fica caminhando num círculo vicioso por outro motivo.

— Oh!

Tinham virado a esquina depressa demais e quase esbarrado na sua presa. Estava parado, olhando um açougue, que se achava, naturalmente, fechado, mas parecia haver qualquer coisa mais ou menos à altura do primeiro andar atraindo a

atenção de Mr. Clancy.

— Perfeito — exclamou em voz alta. — Exatamente o que eu queria. Que sorte!

Tirou um livrinho do bolso e anotou qualquer coisa com todo o cuidado. Depois recomeçou a caminhar com passo enérgico, cantarolando baixinho.

Agora dirigia-se positivamente para Bloomsbury. Às vezes, quando virava a cabeça, os dois perseguidores podiam ver-lhe o movimento dos lábios.

— Aqui tem coisa — disse Jane. — Ele está muito preocupado. Fala sozinho e nem nota.

Enquanto ele esperava o sinal para cruzar a rua, Norman e Jane apressaram o passo.

Era bem verdade: Mr. Clancy estava falando sozinho. Tinha o rosto pálido e tenso. Norman e Jane conseguiram distinguir algumas palavras entrecortadas:

— Por que ela não fala? Por quê? Deve haver um *motivo*... O sinal ficou verde. Ao chegarem à calçada oposta, Mr. Clancy disse:

— Agora entendo. Lógico. É por isso que ela precisa ser eliminada!

Jane beliscou Norman com força.

Mr. Clancy agora caminhava depressa. O casacão arrastava-se sem remédio. O pequeno escritor avançava a largos passos, aparentemente ignorando a presença das duas pessoas na sua pista.

Finalmente, com desconcertante brusquidão, parou diante de uma casa, abriu a porta com a chave e entrou.

Norman e Jane se entreolharam.

— Isso aí é a casa dele — disse Norman. — Cardington Square, 47. Foi o endereço que ele deu no inquérito.

— Ah, bem — retrucou Jane, — talvez daqui a pouco ele saia de novo. E, seja como for, nós ouvimos *algo*. Alguém... uma mulher... vai ser eliminada, e tem uma outra que não quer falar. Ah, meu Deus, isso está me soando tremendamente parecido com um romance policial.

— Boa noite — disse uma voz no meio da escuridão.

O dono da voz deu um passo à frente. Um par de bigodes magníficos surgiu à luz do lampião.

— *Eh bien* — disse Hercule Poirot. — Que noite ótima para caçar, não é?

15 - EM BLOOMSBURY

Dos dois jovens espantados, quem se recobrou primeiro foi Norman Gale.

— Claro — disse, — é Monsieur... Monsieur Poirot. Ainda continua tentando limpar seu nome, Mr. Poirot?

— Ah, não esqueceu a nossa pequena conversa? E é do pobre Mr. Clancy que desconfiam?

— E o senhor também — frisou Jane, — senão não estaria aqui.

Olhou-a pensativo um instante.

— Mademoiselle já refletiu algum dia sobre o homicídio? Quer dizer, já refletiu sobre isso de maneira abstrata... a sangue-frio, desapaixadamente?

— Acho que jamais tinha pensado numa coisa dessas até bem recentemente — respondeu Jane.

Hercule Poirot concordou com a cabeça.

— Sim, agora está pensando nisso porque um homicídio a atingiu pessoalmente. Mas eu, eu já venho lidando com o crime há muitos anos. Tenho meu próprio método de encarar as coisas. O que é que vocês acham que seja mais importante para se levar em conta quando se tenta solucionar um assassinato?

— Encontrar o assassino — respondeu Jane.

— Fazer justiça — disse Norman Gale. Poirot sacudiu a cabeça.

— Há coisas mais importantes do que encontrar o assassino. E justiça é uma bela palavra, mas às vezes torna-se difícil saber exatamente o que se quer dizer com isso. Na minha opinião, o importante é absolver o inocente.

— Ah, naturalmente — concordou Jane. — Nem precisa dizer. Se alguém é acusado falsamente...

— Nem isso sequer. *Pode não haver nenhuma acusação.* Mas enquanto não se provar que uma pessoa é culpada fora de qualquer dúvida possível, todos os que se acham relacionados com o crime ficam expostos a sofrer das formas mais variadas.

— Como isso é verdade — exclamou Norman Gale, com ênfase.

— A quem o diz! — fez coro Jane. Poirot olhou para os dois.

— Compreendo. Vocês já descobriram isso por conta própria.

De repente ficou apressado.

— Ora vamos, tenho negócios a tratar. Uma vez que nossos objetivos são os mesmos, façamos os três uma combinação. Daqui a pouco pretendo visitar o nosso engenhoso amigo Mr. Clancy. Sugiro que Mademoiselle me acompanhe... disfarçada de minha secretária. Aqui tem, Mademoiselle, um bloco e um lápis para a estenografia.

— Não sei estenografia — explicou Jane, boquiaberta.

— Lógico que não sabe. Mas é viva... inteligente... e sabe fazer sinais plausíveis a lápis no bloco, não sabe? Ótimo. Quanto a Mr. Gale, sugiro que se encontre conosco dentro de uma hora, digamos. Na parte de cima de *Monseigneur*? *Bon!* Aí compararemos os resultados.

E no mesmo instante adiantou-se para a campainha e apertou-a.

Ligeiramente confusa, Jane seguiu-o, de bloco em punho.

Gale abriu a boca, como que para protestar, depois pareceu mudar de idéia.

— Muito bem — disse. — Dentro de uma hora, no *Monseigneur*.

A porta foi aberta por uma mulher idosa, de aspecto meio sinistro, toda de preto.

— Mr. Clancy está? — perguntou Poirot. Ela recuou e Poirot e Jane entraram.

— Da parte de quem?

— Mr. Hercule Poirot.

A mulher austera conduziu-os ao segundo andar e os fez passar a uma sala.

— Mr. Air Kule Poirot — anunciou.

Poirot percebeu logo o alcance da declaração de Mr. Clancy em Croydon quanto ao fato de não ser um homem ordeiro. A sala, muito comprida, com três janelas de um lado e estantes e prateleiras de livros nos outros, estava que era um caos. Espalhados por todos os cantos, viam-se papéis, arquivos de papelão, bananas, garrafas de cerveja, livros abertos, almofadas de sofá, um trombone, vários objetos de porcelana, gravuras e uma desconcertante profusão de canetas-tinteiros. — No meio dessa profissão de fé, Mr. Clancy lutava com uma câmara fotográfica e um rolo de filme.

— Santo Deus! — exclamou, levantando a cabeça quando as visitas foram anunciadas. Largou a câmara e o rolo de filme prontamente caiu no chão, desenrolando-se todo. Adiantou-se de mão estendida. — Muito me alegre em vê-lo, realmente.

— Lembra-se de mim, espero? — disse Poirot. — Esta é a minha secretária, Miss Grey.

— Como vai, Miss Grey? — Apertou-lhe a mão e depois virou-se de novo para Poirot. — Mas claro que me lembro... ao menos... ora, onde foi mesmo? No Clube dos Piratas?

— Fomos companheiros de viagem num vôo procedente de Paris numa certa ocasião fatal.

— Mas claro — exclamou Mr. Clancy. — E Miss Grey também! Só que não tinha me dado conta de que era sua secretária. De fato, lembro-me vagamente que ela trabalhava num salão de beleza... qualquer coisa no gênero.

Jane olhou ansiosa para Poirot.

Ele se mostrou perfeitamente à altura da situação.

— Exato — disse. — Como secretária eficiente que é, Miss Grey às vezes tem que assumir certos empregos de caráter provisório... compreende?

— Lógico — respondeu Mr. Clancy. — Estava esquecendo. O senhor é detetive... dos autênticos. Nada de Scotland Yard. Investigação particular. Mas sente-se, por favor, Miss Grey. Não, aí não; acho que tem suco de laranja nessa cadeira. Se eu trocar esse arquivo de lugar... Ah, meu Deus, agora derrubei tudo.

Não faz mal. Sente-se aqui, M. Poirot... é isso mesmo, não é?... Poirot? O encosto não está *realmente* quebrado. Apenas range um pouco quando a gente se encosta nele. Bem, talvez seja melhor não se encostar *demais*. Pois é, um detetive particular, que nem o meu Wilbraham Rice. O público se tomou de amores pelo Wilbraham Rice. Ele rói as unhas e vive comendo bananas. Não sei por que inventei de fazer com que roesse as unhas logo de saída... de fato é meio repugnante... mas que se há de fazer? Ele começou roendo as unhas e agora tem de roer sempre, em tudo quanto é livro. Tão monótono. As bananas ainda vá; a gente se diverte um bocadinho com elas... criminosos escorregando na casca. Eu também como bananas... foi daí que veio a idéia Mas não rão as unhas. Quer um pouco de cerveja?

— Não, obrigado.

Mr. Clancy suspirou, sentou-se e fitou Poirot seriamente.

— Acho que sei o motivo de sua visita... o assassinato de Giselle. Tenho pensado muito sobre o caso. Pode-se dizer o que quiser, é assombroso... setas envenenadas e uma zarabatana num avião. Uma idéia que eu mesmo já usei, como lhe disse, tanto em livro como em forma de conto. Claro que foi uma ocorrência muito chocante, mas devo confessar, M. Poirot, que fiquei empolgado... positivamente empolgado.

— Entendo perfeitamente — disse Poirot, — que o crime deve tê-lo atraído profissionalmente, Mr. Clancy.

Mr. Clancy ficou radiante.

— Exato. A gente seria capaz de pensar que todos... mesmo a polícia oficial... poderiam compreender isso! Mas que esperança. Suspeita... foi só o que eu consegui, tanto do inspetor como durante o inquérito. Me dou o trabalho de ajudar o curso da justiça, e a única coisa que recebo em troca é a mais palpável e obstinada suspeita!

— Em todo caso — retrucou Poirot, sorrindo, — parece que não abalou muito o senhor.

— Ah — exclamou Mr. Clancy. — Pois é, mas tenho os meus métodos, Watson. Perdoe-me chamá-lo de Watson. Não pretendia ofendê-lo. Interessante,

a propósito, como a técnica do amigo idiota pegou. Pessoalmente, acho que andaram valorizando demais as histórias de Sherlock Holmes. As falácias... as falácias verdadeiramente espantosas que há nessas histórias... Mas o que eu estava dizendo?

— O senhor dizia que tinha seus métodos.

— Ah, é. — Mr. Clancy curvou-se para a frente. — Eu vou aproveitar aquele inspetor... como é o nome dele, Japp?... pois é, eu vou aproveitá-lo no meu próximo livro. Devia ver o jeito do Wilbraham Rice lidar com ele.

— Entre uma banana e outra, podia-se dizer.

— Entre uma banana e outra... essa foi ótima — Mr. Clancy deu risada.

— Monsieur leva uma grande vantagem como escritor — disse Poirot. — Pode reviver suas sensações pelo expediente da palavra impressa. Tem o poder da pena contra seus inimigos.

Mr. Clancy balançou-se suavemente na cadeira.

— Sabe — disse, — começo a achar que esse crime vai de fato me dar sorte. Estou escrevendo a coisa exatamente como se passou... só como ficção, é lógico, e vou intitulá-lo de *O Mistério do Correio Aéreo*. Com retratos perfeitos de todos os passageiros. Será um êxito de livraria... basta publicar a tempo.

— Não tem medo de ser processado por calúnia, ou coisa que o valha? — perguntou Jane.

Mr. Clancy virou-se radiante para ela.

— Não, não, minha cara. Claro que, se eu apresentasse um dos passageiros como o criminoso... bem, então eu ficaria exposto a uma ação judicial de compensação pelos danos. Mas aí é que está a melhor parte de tudo... o último capítulo revela uma solução totalmente imprevista.

Poirot curvou-se ansioso para a frente.

— E qual é essa solução? Mr. Clancy tornou a rir.

— Engenhosa — respondeu. — Engenhosa e sensacional. Disfarçada de piloto, uma moça entra no avião em Le Bourget e consegue viajar clandestinamente debaixo do assento de Madame Giselle. Leva junto uma ampola do gás mais recente. Ela solta isso... todo mundo fica inconsciente

durante três minutos... sai do esconderijo... atira a seta envenenada, e salta de pára-quedas pela porta traseira da cabina.

Jane e Poirot pestanejaram.

— Como é que ela não fica também inconsciente com o gás? — estranhou Jane.

— Usando máscara — explicou Mr. Clancy.

— E ela cai no canal?

— Não precisa ser no canal... farei com que seja na costa francesa.

— Mas, seja como for, ninguém pode se esconder debaixo de um assento; não tem espaço.

— No meu avião vai ter — afirmou Mr. Clancy.

— *Épatant* — disse Poirot. — E o motivo do crime?

— Ainda não decidi — respondeu Mr. Clancy, pensativo. — Provavelmente Giselle arruinou o amante da moça, e ele se matou.

— E onde que ela conseguiu o veneno?

— Essa é a parte realmente inteligente — disse Mr. Clancy. — A moça é uma encantadora de serpentes. Ela extrai a peçonha da sua cascavel predileta.

— *Mon Dieu!* — exclamou Hercule Poirot. — Não lhe parece, talvez, *um pouco* sensacional demais?

— Não há nada que seja sensacional demais — retrucou Mr. Clancy. — Sobretudo quando se trata de flechas envenenadas dos índios sul-americanos. Eu sei que de fato era suco orgânico de cobra; mas o princípio é o mesmo. Afinal de contas, ninguém exige que um romance policial seja idêntico à vida real. Olhe as coisas que saem nos jornais... totalmente sem graça.

— Ora, vamos, Monsieur, não me diga que acha esse nosso pequeno caso totalmente sem graça!

— Não — reconheceu Mr. Clancy. — Sabe, às vezes não consigo acreditar que aquilo realmente aconteceu.

Poirot puxou a cadeira que rangia um pouco mais perto do anfitrião. E baixou a voz, em tom quase confidencial.

— Mr. Clancy, o senhor é um homem de inteligência e imaginação. A

polícia, como diz, o tem encarado com suspeita. Dispensaram o seu auxílio. Mas eu, Hercule Poirot, preciso de sua opinião.

Mr. Clancy corou de prazer.

— Francamente, é muita bondade sua. Parecia alvoroçado e contente.

— O senhor estudou criminologia. Suas idéias serão valiosas. Tenho o maior interesse em saber quem, a seu ver, cometeu o crime.

— Bom... — Mr. Clancy hesitou, apanhou maquinalmente uma banana e começou a comê-la. Depois, perdendo a animação que revelava no rosto, sacudiu a cabeça. — Pois é, M. Poirot, trata-se de uma coisa completamente diversa. Quando a gente escreve, pode-se inventar à vontade, o assassino é quem a gente bem entende; mas é evidente que na vida real há uma pessoa humana. Não se tem nenhum domínio sobre os fatos. Creio, sabe, que eu seria uma negação como detetive.

Sacudiu tristemente a cabeça e jogou a casca de banana à lareira.

— Mas não seria divertido examinarmos juntos o caso? — sugeriu Poirot.

— Ah, isso sim.

— Para começar, suponhamos que tivesse que arriscar um palpite; quem escolheria?

— Ah, bem, imagino que um dos dois franceses.

— Mas por quê?

— Ora, ela era francesa. De certo modo, parece mais plausível. E eles estavam sentados do lado oposto, a curta distância dela. Mas realmente não sei.

— Depende — lembrou Poirot, pensativo, — apenas do motivo.

— Claro... lógico. Pelo que vejo, o senhor classifica todos os motivos muito cientificamente, não?

— Sou antiquado em meus métodos. Sigo o velho ditado: procure quem lucra com o crime.

— Perfeitamente — concordou Mr. Clancy. — Mas tenho a impressão de que isso não se aplica muito ao nosso caso. Pelo que ouvi dizer, há uma filha que fica com a herança. Mas uma porção de gente a bordo poderia lucrar, sem

que se saiba... por exemplo, se devessem dinheiro a ela e não tivessem que restituí-lo.

— Exato — disse Poirot — E posso pensar noutras soluções. Suponhamos que Madame Giselle soubesse de alguma coisa... de uma tentativa de homicídio, por exemplo... por parte de uma dessas pessoas?

— Tentativa de homicídio? — estranhou Mr. Clancy. — Ora, por que tentativa de homicídio? Que idéia mais extravagante.

— Em casos como esse — retrucou Poirot, — deve-se pensar em tudo.

— Ah! — exclamou Mr. Clancy. — Mas não adianta pensar. A gente precisa *saber*.

— Tem razão... tem razão. Uma observação muito justa. — Depois acrescentou: — Desculpe-me, mas essa zarabatana que o senhor comprou...

— Maldita zarabatana — disse Mr. Clancy. — Antes nunca a tivesse mencionado.

— O senhor comprou-a, segundo diz, numa loja em Charing Cross Road, não? Por acaso não se lembra do nome dessa loja?

— Bem — respondeu Mr. Clancy; — pode ter sido a Absalom... ou a Mitchell & Smith. Não sei. Mas já contei tudo isso àquela peste de inspetor. A esta altura ele deve ter ido lá verificar.

— Ah — fez Poirot, — mas eu pergunto por um motivo bem diferente. É que eu quero comprar uma igual para fazer uma pequena experiência.

— Ah, compreendo. Mas não sei se mesmo assim encontrará outra igual. Eles não costumam ter jogos, sabe?

— Em todo caso, não custa tentar. Talvez Miss Grey possa fazer a gentileza de anotar esses dois nomes?

Jane abriu o bloco e executou rapidamente uma série de (esperava) rabiscos de aspecto profissional. Depois escreveu sub-repticiamente, por extenso, os nomes no verso da folha, para o caso de que as instruções de Poirot fossem para ser levadas ao pé da letra.

— E agora — declarou Poirot, — abusei demais da sua hospitalidade. Me despeço com mil agradecimentos por sua cortesia.

— Às ordens. Disponha — disse Mr. Clancy. — Pena que não aceitasse uma banana.

— O senhor é muito amável.

— Absolutamente. Para falar com franqueza, hoje estou me sentindo bastante contente. Encontrei um impasse num conto que comecei a escrever... que não tinha jeito de sair bem, e não conseguia imaginar um nome adequado para o criminoso. Queria um que fosse sugestivo. Pois, por pura casualidade, acabei de ver o nome que procurava na fachada de um açougue. Pargiter. Exatamente o que eu andava à procura. Tem uma espécie de autenticidade; e cerca de cinco minutos depois, consegui a outra coisa. Há sempre a mesma dificuldade em tudo quanto é história... por que que a moça se recusa a falar? O rapaz tenta forçá-la e ela responde que seus lábios estão selados. Nunca há uma razão verdadeira, naturalmente, para ela não desembuchar logo a coisa toda, mas tem que se procurar algo que não seja definitivamente idiota demais. Infelizmente, cada vez tem que ser diferente!

Sorriu, delicado, para Jane.

— Os sofrimentos de um escritor!

Passou por ela como uma flecha para chegar até uma estante de livros.

— Uma coisa o senhor tem que deixar que eu lhe dê. Voltou com um volume na mão.

— *A Pista da Pétala Escarlata*. Acho que mencionei em Croydon que este meu livro tratava de flechas envenenadas e setas indígenas.

— Muito obrigado. Quanta gentileza.

— De modo algum. Pelo que vejo — comentou Mr. Clancy de repente para Jane, — a senhora não usa o sistema Pitman de estenografia.

Jane ficou vermelha. Poirot acudiu logo.

— Miss Grey está muito atualizada. Ela usa o sistema mais recente, inventado por um tchecoslovaco.

— Não me diga! Que lugar fantástico deve ser a Tchecoslováquia. Parece que tudo vem de lá... sapatos, copos, luvas, e agora um sistema de estenografia. Simplesmente fantástico.

Apertou a mão dos dois.

— Gostaria de ter servido de maior ajuda. Deixaram-no na sala em desordem com um sorriso distraído nos lábios.

16 - PLANO DE AÇÃO

Na frente da casa de Mr. Clancy tomaram um táxi para ir ao *Monseigneur*, onde encontraram Norman Gale à espera.

Poirot pediu um pouco de *consommé* e um *chaud-froid* de galinha.

— Como é? — perguntou Norman. — Quais foram os resultados?

— Miss Grey — disse Poirot — mostrou-se a supersecretária.

— Acho que não me saí tão bem assim — retrucou Jane. — Ele notou o que eu estava fazendo quando passou por trás de mim. Sabe, ele deve ser muito observador.

— Ah, você percebeu? Nosso bom Mr. Clancy não é tão distraído quanto se supõe.

— O senhor queria mesmo aqueles endereços? — perguntou Jane.

— Sim... creio que podem ser úteis.

— Mas se a polícia...

— Ah, a polícia! Eu não faria as mesmas perguntas que eles fizeram. Embora, para ser franco, duvido que tenham perguntado alguma coisa. É que já sabiam que a zarabatana encontrada no avião tinha sido comprada em Paris por um americano.

— Em Paris? Por um americano? Mas não havia nenhum americano no avião.

Poirot sorriu, bondoso, para ela.

— Precisamente. Agora, só para tornar as coisas mais difíceis, temos um americano no meio. *Voilà tout*.

— Mas foi comprada por um homem? — perguntou Norman.

Poirot olhou-o com uma expressão um tanto estranha.

— Sim — disse, — foi *comprada* por um homem. Norman fez cara de

quem não entendeu.

— Em todo caso — disse Jane, — não foi Mr. Clancy. Ele já tinha conseguido uma, portanto não ia sair por aí à procura de outra.

Poirot concordou com a cabeça.

— É assim que se deve proceder. Desconfiar de todo mundo e aos poucos ir eliminando um por um, ou uma por uma, da lista.

— Quantos o senhor já eliminou até agora? — perguntou Jane.

— Não tantos quanto Mademoiselle é capaz de pensar — respondeu Poirot, piscando o olho. — Depende do motivo, sabe?

— Não houve nenhum...? — Norman Gale parou e depois acrescentou, à guisa de desculpa: — Não quero me intrometer em segredos oficiais, mas não há nenhum registro dos negócios dessa mulher?

Poirot sacudiu a cabeça.

— Todos foram queimados.

— Que lástima.

— *Evidemment*. Mas parece que Madame Giselle misturava um pouco de chantagem com a sua profissão de prestamista, e isso fornece um campo mais amplo. Suponhamos, por exemplo, que Madame Giselle estivesse a par de um delito qualquer... de uma tentativa de homicídio, digamos, por parte de alguém.

— Há algum motivo para supor uma coisa dessas?

— Mas sim — respondeu Poirot lentamente. — Há... uma das raras provas concretas que temos neste caso.

Olhou o semblante interessado de ambos e deu um pequeno suspiro.

— Ah, bem — disse, — fiquemos por aí mesmo. Vamos falar sobre outros assuntos... por exemplo, como essa tragédia abalou a vida de vocês dois, que são tão jovens.

— É horrível dizer uma coisa dessas, mas para mim até que foi ótimo — disse Jane.

Contou o seu aumento de salário.

— Como Mademoiselle diz, até que foi ótimo, mas provavelmente só por enquanto. Os próprios prodígios não são eternos. Não se esqueça.

Jane riu.

— Tem toda a razão.

— No meu caso, creio que será bem mais demorado — disse Norman.

Explicou a situação. Poirot ouviu, apiedado.

— É como diz — observou, pensativo, — será bem mais demorado. O sensacionalismo passa logo... o medo dura muito mais.

— Acha que eu devia resistir?

— Tem algum outro plano?

— Sim... desistir de tudo. Ir embora para o Canadá, ou qualquer outro lugar, e começar de novo.

— Tenho certeza de que seria uma pena — afirmou Jane. Norman olhou para ela.

Poirot, diplomaticamente, ficou absorto na galinha.

— Eu não quero ir — disse Norman.

— Se eu descobrir quem matou Madame Giselle, o senhor não precisa ir — retrucou Poirot, para animá-lo.

— Julga mesmo que descobrirá? — perguntou Jane. Poirot lançou-lhe um olhar de censura.

— Se a gente examina um problema com ordem e método, não deve haver dificuldade... de espécie alguma... para resolvê-lo — declarou severamente.

— Ah, compreendo — disse Jane, sem compreender nada.

— Mas eu resolveria esse problema mais depressa se alguém me ajudasse — acrescentou Poirot.

— Que tipo de ajuda?

Poirot ficou um instante calado. Depois esclareceu:

— Ajuda de Mr. Gale. E talvez, mais tarde, também de Mademoiselle.

— Que posso fazer? — perguntou Norman. Poirot olhou-o de soslaio.

— O senhor não vai gostar — respondeu, advertindo-o.

— De que se trata? — insistiu o rapaz, impaciente.

Com grande delicadeza, para não ofender suscetibilidades inglesas, Poirot usou do palito. Por fim explicou:

— Francamente, o que eu preciso é de um chantagista.

— Um chantagista? — exclamou Norman, encarando Poirot, como se não acreditasse no que tinha ouvido.

Poirot confirmou com a cabeça.

— Precisamente — disse. — Um chantagista.

— Mas para quê?

— *Par bleu!* Para fazer uma chantagem.

— Sim, mas contra quem? Por quê?

— Porque — respondeu Poirot — tenho meus motivos. Agora, contra *quem...* — Fez uma pausa, depois continuou, em tom calmo e prático: — Vou lhe explicar o meu plano. O senhor escreverá um bilhete... quer dizer, *eu* escreverei um bilhete, que o *senhor* copiará... à Condessa de Horbury. Marcando no envelope “particular”. No bilhete o senhor solicita uma entrevista. E pede que ela se lembre de ter viajado certa vez por via aérea para a Inglaterra. Mencionando ainda que determinadas transações de negócio de Madame Giselle passaram a suas mãos.

— E depois?

— E depois o senhor obterá a tal entrevista. À qual comparecerá, declarando certas coisas (que eu lhe direi), e exigindo... deixe-me ver... dez mil libras.

— Está doido!

— Absolutamente — retrucou Poirot. — Posso ser excêntrico, mas doido não.

— Suponhamos que Lady Horbury mande chamar a polícia? Eu serei preso.

— Ela não vai mandar chamar a polícia.

— Como é que o senhor *sabe*?

— *Mon cher*, eu sei, praticamente, tudo.

— Seja como for, não me agrada.

— O senhor não vai receber as dez mil libras... se isso lhe alivia a consciência — disse Poirot, piscando o olho.

— Sim, mas escute aqui, M. Poirot... isso é o tipo do empreendimento arriscado que pode me arruinar para o resto da vida.

— Que nada... eu lhe garanto como ela não manda chamar a polícia.

— É capaz de contar ao marido.

— Ela não vai contar ao marido, não.

— Não estou gostando disso.

— Prefere perder a clientela e arruinar sua carreira?

— Não, mas...

Poirot sorriu-lhe afavelmente.

— Sente uma repugnância invencível, não é? É perfeitamente natural. E também tem espírito cavalheiresco. Mas posso garantir-lhe que Lady Horbury não é digna de todos esses belos sentimentos... para usar o seu próprio idioma, ela não passa de uma carga bem desagradável.

— Mesmo assim, não é possível que seja a assassina.

— Porquê?

— Por quê? Porque nós teríamos visto. Jane e eu estávamos sentados logo ao lado.

— O senhor tem um excesso de idéias preconcebidas. Eu desejo apenas tirar as coisas a limpo; e para fazer isso, tenho que *saber*.

— Não me agrada a idéia de fazer chantagem com uma mulher.

— Ah, *mon Dieu*... ao que pode levar uma simples palavra! Não vai haver nenhuma chantagem. O senhor só tem que causar um determinado efeito. Depois disso, quando o terreno estiver preparado, eu entro em cena.

— Se me meter na prisão... — disse Norman.

— Não, não, não, me conhecem muito bem na Scotland Yard. Qualquer coisa que acontecer, eu assumo a responsabilidade. Mas não vai acontecer nada além do que eu previ.

Norman rendeu-se com um suspiro.

— Está bem, concordo. Mas não me agrada nem um pouco.

— Ótimo. Escreva o seguinte. Pegue um lápis. Ditou devagar.

— *Voilà* — disse. — Depois eu lhe explico o que deve dizer. Mademoiselle, diga-me uma coisa, nunca vai ao teatro?

— Vou sim, com bastante frequência — respondeu Jane.

— Perfeito. Assistiu, por exemplo, a uma peça chamada *Nas Antípodas*?

— Assisti. Faz mais ou menos um mês. Bastante boa. — Uma peça americana, não é?

— Lembra-se do papel de Harry, interpretado por Raymond Barraclough?

— Sim. Ele estava ótimo.

— Achou-o bonito, não?

— Tremendamente.

— Ah, *il est sex appeal*?

— Sem sombra de dúvida — concordou Jane, rindo.

— Só isso... ou também é bom ator?

— Ah, eu acho que ele também trabalha bem.

— Tenho que ir vê-lo — disse Poirot. Jane ficou olhando intrigada para ele.

Que homenzinho estranho — saltando de um assunto a outro, feito um pássaro de galho em galho!

Talvez tivesse percebido o que ela estava pensando, porque sorriu.

— Não aprova meus métodos, Mademoiselle?

— O senhor pula muito de uma coisa para outra.

— Nem tanto. Sigo o fio de minhas idéias logicamente, com ordem e método. Não se deve tirar conclusões precipitadas. É preciso *eliminar*.

— Eliminar? — exclamou Jane. — É isso que o senhor está fazendo? — Pensou um pouco. — Ah, já sei. O senhor eliminou Mr. Clancy...

— Talvez — disse Poirot.

— E eliminou nós dois; e agora, vai, talvez, eliminar Lady Horbury. Oh! Parou, como se uma idéia súbita lhe ocorresse.

— Que é, Mademoiselle?

— Aquela conversa de tentativa de homicídio? Era um *teste*?

— Mademoiselle é muito viva. Sim, aquilo fazia parte do meu fio de idéias. Eu menciono a tentativa de homicídio e fico observando Mr. Clancy, Mademoiselle e Mr. Gale... e nenhum dos três demonstra qualquer reação... nem ao menos batem uma pestana. E deixem-me dizer-lhes que eu não poderia ser enganado quanto a isso. Um assassino é capaz de estar preparado para enfrentar qualquer ataque que ele *preveja*. Mas nenhum de vocês sabia daquela anotação num livrinho de apontamentos. Portanto, como vêem, estou satisfeito.

— Que tipo de pessoa horrível e traiçoeira que o senhor é, M. Poirot. — disse Jane, levantando-se. — Nunca saberei o motivo das coisas que diz.

— Pois é simples. Quero descobrir coisas.

— Suponho que tenha meios muito inteligentes de descobri-las, não?

— Só existe um, realmente bem simples.

— Qual?

— Deixar que as pessoas contem para a gente.

Jane riu.

— Suponhamos que elas não queiram contar?

— Todo mundo gosta de falar sobre si mesmo.

— Creio que sim — concordou Jane.

— É por isso que tanto charlatão faz fortuna. Estimula os doentes a sentarem e a contarem coisas. Como eles caíram do carrinho de bebê quando tinham dois anos, e como a mãe estava comendo uma pêra e o sumo caiu no seu vestido cor de laranja, e como quando tinham um ano e meio eles puxavam a barba do pai; e aí ele diz para eles que agora não sofrerão mais de insônia, e ganha dois guinéus; eles vão-se embora, depois de se divertirem — ah, e quanto! — e talvez realmente durmam.

— Que ridículo — disse Jane.

— Não, não é tão ridículo quanto pensa. Baseia-se numa necessidade fundamental da natureza humana... a necessidade de falar... de se revelar. Mademoiselle mesma, não gosta de relembrar suas recordações de infância... de sua mãe e de seu pai?

— Isso não se aplica ao meu caso. Fui criada num orfanato.

— Ah, então é diferente. E não tem nada de alegre.

— Isso não significa que fôssemos como esses órfãos de caridade, que saem de capa e boina vermelha. Era até divertido, mesmo.

— Foi na Inglaterra?

— Não, na Irlanda... perto de Dublin.

— Então é irlandesa. Por isso tem o cabelo escuro e os olhos azuis-acinzentados, como se...

— Como se tivessem sido postos com um dedo sujo... — completou Norman, achando graça.

— *Comment?* Que foi que o senhor disse?

— É uma expressão a respeito dos olhos irlandeses... que eles foram postos com um dedo sujo.

— É mesmo? Não me parece elegante. E no entanto... é tão expressiva. — Fez uma mesura para Jane. — O efeito fica ótimo, Mademoiselle.

Jane riu enquanto se levantava.

— O senhor vai acabar me virando a cabeça, M. Poirot. Boa noite, e obrigada pelo jantar. Fica me devendo outro, se Norman for parar na cadeia como chantagista.

A idéia provocou uma carranca de Norman.

Poirot deu boa noite aos dois.

Quando chegou a casa, abriu uma gaveta com a chave e retirou uma lista de onze nomes.

Colocou um pequeno tracinho ao lado de quatro. Depois sacudiu a cabeça, pensativo.

— Acho que sei — murmurou consigo mesmo. — Mas preciso ter certeza. *Il faut continuer.*

17 - EM WANDSWORTH

Mr. Henry Mitchell tinha terminado de sentar-se para um jantar de lingüiças com *purê* de batatas quando recebeu uma visita.

Para certo assombro do comissário de bordo, o visitante em questão era o cavalheiro de vastos bigodes que havia sido um dos passageiros do vôo fatal.

M. Poirot mostrou-se muito afável e simpático. Insistiu para que Mr. Mitchell continuasse jantando, fez um cumprimento gentil a Mrs. Mitchell, que continuava imóvel em pé, encarando-o boquiaberta.

Aceitou a cadeira que lhe foi oferecida, comentou que estava muito quente para aquela época do ano e depois entrou delicadamente no assunto que o trazia ali.

— A Scotland Yard, receio, não está fazendo grandes progressos com o caso — explicou.

Mitchell sacudiu a cabeça.

— Foi uma coisa incrível, Monsieur... incrível. Não sei o que que eles podem ter para se basear. Ora, se nenhuma das pessoas a bordo viu nada, agora deve ser mais difícil ainda.

— Realmente, é como diz.

— O Henry tem andado tremendamente preocupado com isso — interveio a mulher. — De noite não consegue nem dormir.

O comissário de bordo explicou:

— O senhor sabe, a coisa ficou metida na minha cabeça. Horrível. A companhia tem sido muito direita. Devo confessar que a princípio fiquei com medo de perder o emprego...

— Henry, eles não fariam uma coisa dessas. Seria terrivelmente injusto.

A mulher parecia extremamente indignada. Vendia saúde, a tez muito rosada, e tinha vivos olhos escuros.

— As coisas nem sempre acontecem de uma maneira justa, Ruth. Mas mesmo assim tudo terminou melhor do que eu esperava. Não me culpam de nada. Eu, porém, fiquei com aquela sensação, não sei se o senhor me entende. Eu era o encarregado, por assim dizer.

— Compreendo o que está sentindo — afirmou Poirot, compadecido. — Mas garanto-lhe que são excessos de escrúpulos. O senhor não tem culpa de nada do que aconteceu.

— É o que *eu* digo, meu senhor — atalhou Mrs. Mitchell. Mitchell sacudiu a cabeça.

— Eu devia ter notado antes que a mulher estava morta. Se houvesse tentado acordá-la quando passei pela primeira vez com as contas...

— Não faria grande diferença. Segundo consta, a morte foi quase instantânea.

— Ele se preocupa tanto — disse Mrs. Mitchell. — Eu sempre falo para ele não encher a cabeça com essas coisas. Sabe lá que motivo têm os estrangeiros para andar se matando por aí; e se quiser saber a minha opinião, acho uma sujeira fazer isso num avião inglês.

Concluiu a frase bufando de modo indignado e patriótico. Mitchell sacudiu a cabeça, perplexo.

— Isso me pesa, por assim dizer. Toda vez que vou pro trabalho fico muito nervoso. E depois aquele inspetor da Scotland Yard que não parava de perguntar se não tinha ocorrido nada de estranho ou repentino durante o vôo. Me dá a sensação de que *devo* ter esquecido alguma coisa... e no entanto eu sei que não. Foi a viagem mais normal em todos os sentidos, até... até que *aquilo* aconteceu.

— Zarabatanas e setas... coisas de pagãos — sentenciou Mrs. Mitchell.

— Tem razão — concordou Poirot, dirigindo-se a ela com o ar lisonjeiro de estar impressionado com seus comentários. — Não é assim que se comete um crime inglês.

— Exatamente, meu senhor.

— Sabe, Mrs. Mitchell, estou quase adivinhando de que parte da Inglaterra a senhora é.

— Dorset, meu senhor. A pouca distância de Bridgeport. É de lá que eu sou.

— Justo — disse Poirot. — Um lugar lindo.

— Isso mesmo. Londres nem se compara com Dorset. A minha gente se radicou em Dorset há mais de duzentos anos... e eu, pode-se dizer, tenho Dorset no sangue.

— Pois é. — Virou-se outra vez para o comissário de bordo. — Há uma coisa que eu gostaria de lhe perguntar, Mitchell.

A testa do homem se contraiu.

— Já lhe disse tudo o que sei... sinceramente, Monsieur Poirot.

— Sim, sim... mas é uma questão insignificante. Eu só queria saber se não tinha nada na mesa... na mesa de Madame Giselle, bem entendido... fora de ordem?

— Quer dizer quando... quando eu a encontrei?

— É. As colheres e os garfos... o saleiro... qualquer coisa assim.

O homem sacudiu a cabeça.

— Não havia nada desse gênero nas mesas. Tudo tinha sido retirado, salvo as xícaras de café. Eu, pelo menos, não notei nada. Também pudera, com a atrapalhão em que fiquei. Mas a polícia deve saber, Monsieur; revistaram o avião de ponta a ponta.

— Ah, bem — disse Poirot. — Não tem importância. Qualquer hora dessas preciso ter uma conversa com o seu colega... o Davis.

— Ele agora está no vôo matinal das 8h45m, Monsieur.

— Essa história toda não o deixou muito perturbado?

— Bom, o senhor sabe, ele é um sujeito ainda novo. A meu ver, acho até que ele se divertiu com aquilo. A agitação, e todo mundo pagando bebida para ele e querendo saber a história toda.

— Não tem namorada? — perguntou Poirot. — Decerto deve ter ficado muito empolgada com a relação dele com o crime.

— Ele anda namorando a filha do velho Johnson lá no Crown and Feathers — disse Mrs. Mitchell. — Mas ela é uma pequena sensata... tem a cabeça no lugar. Não gosta desse negócio de se envolver com assassinatos.

— Um ponto de vista muito saudável — disse Poirot, levantando-se. — Bem, obrigado, Mr. Mitchell... e à senhora também, Mrs. Mitchell... e eu lhe peço, meu amigo, não se deixe impressionar muito por essa história.

Depois que ele foi embora, Mitchell comentou:

— Aqueles cabeçudos lá do júri acharam que tinha sido ele. Mas na

minha opinião, ele trabalha para o serviço secreto.

— Pois na minha — retrucou Mrs. Mitchell, — tem bolchevique no meio de tudo isso.

Poirot havia dito que precisava ter uma conversa com o outro comissário de bordo, Davis, qualquer hora dessas. Para dizer a verdade, poucas horas mais tarde ele a estava tendo no Crown and Feathers.

Fez a Davis a mesma pergunta que tinha feito a Mitchell.

— Não senhor, não havia nada em desordem. Virado, quer dizer? Esse tipo de coisa?

— Eu digo... bem, digamos que estivesse faltando algo na mesa... ou que houvesse algo que habitualmente não estaria ali...

— Houve *algo*... — respondeu Davis devagar, — eu notei quando fiz a limpeza, depois que a polícia já tinha examinado tudo... mas não creio que seja o tipo de coisa a que o senhor se refere. É só que a mulher morta estava com duas colheres de cafezinho no pires. Isso às vezes acontece quando a gente serve às pressas. Eu notei porque existe uma superstição em torno disso; dizem que duas colheres num pires é sinal de casamento.

— Não faltava nenhuma nos outros pires?

— Que eu tenha notado, não. Mitchell ou eu com certeza levamos a xícara e o pires para aquele lado... como já disse, às vezes a gente faz isso no meio da afobação. Há uma semana, eu coloquei dois jogos de facas e garfos para servir um prato de peixe. De modo geral, é melhor que deixar a mesa em falta, porque então a gente tem de interromper o que está fazendo para ir buscar a faca extra, ou seja lá o que for que se tiver esquecido.

Poirot fez mais uma pergunta — bastante engraçadas

— O que é que você acha das garotas francesas, Davis?

— Me contento com as inglesas, Monsieur.

E sorriu para uma garota loura e roliça atrás do balcão.

18 - EM QUEEN VICTORIA STREET

Mr. James Ryder ficou meio surpreso quando lhe trouxeram o cartão com o nome de M. Hercule Poirot.

Sabia que lhe era familiar, mas de momento não conseguiu lembrar por quê. Depois pensou consigo mesmo:

— Ah, *aquela* cara! — e mandou o escriturário fazer passar o visitante.

M. Hercule Poirot estava todo elegante. De bengala na mão e flor na lapela.

— Espero que me desculpe o incômodo — disse. — É sobre o caso da morte de Madame Giselle.

— Pois não — retrucou Mr. Ryder. — Bem, o que é que tem? Sente-se, por favor. Aceita um charuto?

— Não, obrigado. Sempre fumo meus próprios cigarros. Quem sabe não quer um?

Ryder olhou com desconfiança para os minúsculos cigarros de Poirot.

— Se não lhe faz diferença, acho que prefiro um dos meus. Seria capaz de engolir um desses aí por engano. — Riu com gosto. — O inspetor esteve aqui há alguns dias atrás — continuou, depois de acender o isqueiro. — Como esses caras são abelhudos. Só sabem se meter na vida alheia.

— Ah, mas eu creio que eles têm que obter informações — observou Poirot delicadamente.

— Não precisavam ser tão afrontosos assim, que diabo — insistiu Mr. Ryder, ressentido. — todo mundo tem suas suscetibilidades... e a sua reputação comercial a manter.

— Talvez o senhor esteja sendo um pouco sensível demais.

— Sim, mas eu me encontro numa situação delicada — disse Mr. Ryder. — Sentado ali onde eu estava, bem na frente dela... ora, parece suspeito, a meu ver. Que culpa tenho eu que o meu lugar fosse ali? Se soubesse que aquela mulher ia ser assassinada, nem teria vindo naquele avião. Mas não sei, não. Talvez viesse.

Ficou um instante pensativo.

— Há males que vêm para o bem, não é? — perguntou Poirot, sorrindo.

— Que engraçado o senhor dizer isso. De certo modo, não deixa de ter razão. Sim, porque ando às voltas com uma porção de preocupações. Me amofino muito. As pessoas insinuem coisas a meu respeito. Ora, por que logo *eu*? Sempre digo. Por que não vão importunar aquele Dr. Hubbard... Bryant, aliás? Os médicos é que podem conseguir venenos complicados que não deixam rastro. Onde que eu iria arrumar peçonha de cobra? Me diga!

— O senhor estava dizendo — lembrou Poirot, — que apesar de ter que aturar uma porção de inconvenientes...

— Ah, é, também teve o seu lado bom. Não me acanho de confessar que os jornais me pagaram uma bela soma. Essa coisa de testemunha ocular... embora a imaginação dos repórteres fosse bem mais fértil que a minha colaboração visual; mas isso não vem ao caso.

— É curioso — observou Poirot, — como um crime afeta a vida das pessoas que nada têm a ver com ele. O senhor, por exemplo... de uma hora para outra ganha uma soma de dinheiro totalmente inesperada... que talvez: tenha chegado no momento em que mais fazia falta.

— Dinheiro sempre faz falta — retrucou Mr. Ryder, olhando fixamente para Poirot.

— Às vezes a necessidade é inadiável. Por esse motivo os homens dão desfalques... apresentam escritas fraudulentas... — gesticulou, nervoso. — Surge tudo quanto é espécie de complicação.

— Ora, não vamos ficar tristes por causa disso — disse Mr. Ryder.

— De fato. Para que insistir no lado ruim, não é mesmo? Esse dinheiro foi um alívio para o senhor... já que não tinha conseguido levantar um empréstimo em Paris...

— Puxa, como que o senhor sabe disso? — perguntou Mr. Ryder irritado.

Hercule Poirot sorriu.

— De qualquer forma, é verdade.

— Lá isso é, mas não estou nada interessado em que isso se espalhe por

aí.

— Serei a própria discrição, lhe asseguro.

— E estranho — refletiu Mr. Ryder, — como uma quantia insignificante pode às vezes levar um homem à falência. Basta ele dispor de uma pequena soma para vencer uma crise... e se não consegue essa soma infinitesimal, seu crédito vai por água abaixo. Sim, é incrivelmente estranho. O dinheiro é estranho. O crédito é estranho. Pensando bem, a vida é estranha!

— Tem razão.

— Por falar nisso, sobre o que era que o senhor queria me falar?

— É um pouco delicado. Chegou aos meus ouvidos... no exercício da minha profissão, entende?... que apesar de seus desmentidos, o senhor *realmente* teve negócios com essa tal Giselle.

— Quem foi que disse isso? É mentira... uma deslavada mentira! Nunca vi aquela mulher.

— Puxa, mas que estranho!

— Estranho! É uma maldita calúnia. Poirot olhou-o, pensativo.

— Ah! — exclamou. — Preciso investigar esse assunto.

— Como assim? Aonde quer chegar? Poirot sacudiu a cabeça.

— Não se enfureça; deve ter havido... um engano.

— Claro que houve. Insinuar que ando metido com essas agiotas modernas da alta sociedade. Granfinas com dívidas de jogo... é disso que elas gostam.

Poirot levantou-se.

— Peço-lhe desculpas por ter-me deixado enganar. — Parou à porta. — A propósito, só por uma questão de curiosidade, o que foi que levou o senhor a chamar o Dr. Bryant de Dr. *Hubbard* há pouco?

— Palavra que não sei. Deixe-me ver... Ah, sim, acho que deve ter sido por causa da flauta. A cantiga infantil, sabe? O cão da velha Mãe Hubbard... *Mas quando ela voltou, ele estava tocando flauta.* É esquisito como a gente confunde os nomes.

— Ah, sim, a flauta... Essas coisas me interessam, compreende,

psicologicamente.

Mr. Ryder fungou ao ouvir a palavra psicologicamente. Aquilo lhe cheirava ao que chamava de bobagens da psicanálise. Olhou desconfiado para Poirot.

19 - MR. ROBINSON ENTRA E SAI DE CENA

A condessa de Horbury sentou-se diante do toucador do seu quarto de dormir em Grosvenor Square, nº 315. Escovas e caixas douradas, pote de creme para o rosto, caixas de pó-de-arroz — elegância requintada por todos os lados. Mas no meio desse luxo, Cicely Horbury mantinha-se imóvel, com os lábios secos e uma fisionomia em que o *rouge* aparecia em manchas que ficavam muito mal nas suas faces.

Releu a carta pela quarta vez.

“A Condessa de Horbury

Prezada senhora,

ref. à extinta Madame Giselle

Estou de posse de certos documentos que pertenceram à referida dama. Se a senhora ou Mr. Raymond Barraclough tiverem interesse no assunto, prontifico-me a visitá-la com o propósito de discutir a questão. Ou quem sabe prefere que eu trate do caso com seu marido?

Atenciosamente, John Robinson.”

Que asneira ficar relendo sempre a mesma coisa... Como se as palavras pudessem mudar de sentido. Pegou o envelope — dois aliás, o primeiro marcado “Particular”, e o segundo “Pessoal e Muito Confidencial”.

“Pessoal e Muito Confidencial”.

Que coisa mais abominável...

E aquela velha francesa mentirosa, que tinha jurado que “havia tomado todas as providências para proteger os clientes, caso falecesse repentinamente...”

Desgraçada... A vida era um inferno... um inferno...

— Santo Deus, meus nervos — pensou Cicely. — Não é justo. Não é justo...

Aproximou a mão trêmula de um frasco de tampa dourada...

— Isso vai me acalmar, me reanimar...

Aspirou o pó pelo nariz.

Pronto. Agora podia refletir! Que fazer? Falar com o homem, lógico. Embora, onde conseguir dinheiro? — talvez um golpe de sorte, naquela casa em Carlos Street...

Mas havia bastante tempo para pensar sobre isso mais tarde. Falar com o homem — descobrir o que ele sabe.

Foi até a escrivaninha e na sua letra grande e tosca escreveu às pressas:

A Condessa de Horbury apresenta seus cumprimentos a Mr. John Robinson e comunica que o receberá amanhã de manhã, às onze horas...

— Estou bem? — perguntou Norman. Avermelhou um pouco sob o olhar espantado de Poirot.

— Pelo amor de Deus — exclamou Hercule Poirot. — Que espécie de comédia é essa que está representando?

Norman Gale avermelhou ainda mais.

— O senhor disse que seria bom que eu me disfarçasse um pouco.

Poirot suspirou, depois pegou o rapaz pelo braço e levou-o até o espelho.

— Veja — disse. — É só o que lhe peço... veja! O que é que o senhor pensa que é... alguém fantasiado de Papai Noel para divertir as crianças? Admito que sua barba não seja branca; ela é preta... a cor dos vilões. Mas que barba... uma barba que clama aos céus! Uma barba ridícula, meu amigo, e presa da maneira mais imperfeita e improvisada! E depois, as suas sobrancelhas. Mas que mania de cabelos postiços é essa? De longe se sente o cheiro da cola; e se julga que alguém vai deixar de notar que pôs um pedaço de esparadrapo em cima desse dente, está redondamente enganado. Meu caro, o senhor positivamente não tem queda para interpretar o papel.

— Eu já trabalhei muito em teatro amador — protestou Norman Gale,

inflexível.

— Mal posso acreditar. Em todo caso, espero que não o tenham deixado pôr em prática as suas idéias sobre maquilagem. Mesmo atrás da ribalta, seu aspecto seria muito pouco convincente. Em Grosvenor Square, em plena luz do dia...

Poirot encolheu os ombros de maneira eloqüente como fecho da frase.

— Não, *mon ami* — continuou. — O senhor é um chantagista e não um comediante. Eu quero que Sua Excia. fique com medo... e não que morra de dar risada quando estiver na sua frente. Estou vendo que ficou magoado com o que acabo de dizer. Lamento, mas este é um momento em que não se pode recuar da verdade. Pegue isto e isto... — Impingiu-lhe vários potes. — Vá ao banheiro e vamos pôr fim ao que neste país vocês chamam de bobagem.

Arrasado, Norman Gale obedeceu. Quando voltou, um quarto de hora mais tarde, com o rosto vermelho como um pimentão, Poirot aprovou com a cabeça.

— *Très bien*. Acabou-se a farsa. Agora começa o negócio sério. Eu lhe permito usar um bigodinho. Mas, se me der licença, quero pregá-lo pessoalmente. Pronto... e reparta o cabelo de outro jeito... assim. Já fica bem. Agora deixe-me ver se ao menos sabe de cor o que irá dizer.

Escutou atentamente, depois sacudiu a cabeça.

— Está ótimo. *En avant...* e felicidades.

— Espero fervorosamente que sim. No mínimo vou encontrar um marido indignado e um punhado de guardas.

Poirot tranqüilizou-o.

— Não precisa ter medo. Tudo sairá às mil maravilhas.

— Isso é o que o senhor diz — resmungou Norman, relutante.

E desanimado, partiu para a desagradável missão.

Em Grosvenor Square foi conduzido a uma saleta no primeiro andar. Ali, ao cabo de alguns minutos, Lady Horbury fez sua entrada.

Norman preparou-se para o que desse e viesse. Não podia — de modo algum — demonstrar que era novo no ramo.

— Mr. Robinson? — perguntou Cicely.

— A seu dispor — respondeu Norman, curvando-se.

(Que droga — pensou, com raiva. — Até pareço um empregado de loja. Isso é pânico.)

— Recebi sua carta — disse Cicely.

Norman recobrou a calma.

O velho idiota achou que eu não sabia representar — pensou, sorrindo por dentro.

— Muito bem — retrucou em voz alta, meio insolente, — ...e então, como é, Lady Horbury?

— Não sei o que o senhor pretende.

— Ora, vamos. Será que vamos ter que entrar em pormenores? Todo mundo sabe como pode ser agradável um... bem, digamos, um fim de semana à beira-mar; mas os maridos quase nunca são da mesma opinião. Creio que a senhora, Lady Horbury, está perfeitamente ciente da prova que existe. Mulher fabulosa, aquela Giselle. Sempre dispondo do essencial. Provas de hotel, etc., são realmente o que há de melhor. Agora a questão é quem é que está mais interessado nelas... a senhora ou Lord Horbury? Eis aí o problema.

Ela continuou parada, trêmula, no mesmo lugar.

— Estou aqui para vender — disse Norman, a voz cada vez mais vulgar, à medida que se identificava de corpo e alma com o papel de Mr. Robinson. — A senhora vai comprar? Isso é o que interessa.

— Como foi que o senhor conseguiu essa... prova?

— Ora, francamente, Lady Horbury, isso não vem ao caso. O importante é que consegui.

— Não acredito sem ver. Me mostre.

— Ah, não. — Norman sacudiu a cabeça, com cara de safado. — Não trouxe nada comigo. Não sou tão bobo assim. Se fecharmos o negócio, aí a coisa muda. Eu lhe mostrarei tudo antes que me entregue o dinheiro. Bem como manda o figurino.

— Quan... quanto?

— Dez mil, dos melhores... em libras, e não dólares.

— Impossível. Nunca conseguirei arranjar uma soma dessas.

— É uma maravilha o que se pode conseguir quando a gente quer. As jóias já não atraem tanto como antigamente, mas as pérolas sempre têm o seu valor. Olhe aqui, só para obsequiá-la, deixo por oito mil. É a minha última palavra. E lhe dou dois dias para resolver.

— Repito-lhe que não posso conseguir o dinheiro. Norman suspirou e sacudiu a cabeça.

— Bem, nesse caso talvez Lord Horbury tenha o direito de saber o que está se passando. Creio que não me engano ao dizer que uma mulher divorciada não recebe pensão alimentícia, e Mr. Barraclough é um jovem ator muito promissor, mas que, por enquanto ainda não ganha nenhuma fortuna. Agora, nem mais uma palavra. Vou deixá-la resolver por sua conta; e lembre-se do que digo... não estou brincando.

Fez uma pausa e depois repetiu:

— Não estou brincando... tal como Giselle...

E aí então, rapidamente, antes que a pobre mulher pudesse retrucar, saiu da sala.

— Ufa! — exclamou Norman, ao chegar à rua. Secou a testa. — Ainda bem que tudo terminou.

Apenas uma hora mais tarde, trouxeram um cartão a Lady Horbury.

— M. Hercule Poirot.

Jogou-o longe.

— Quem é? Não quero falar com ele!

— Condessa, ele disse que veio aqui a pedido de Mr. Raymond Barraclough.

— Ah. — Fez uma pausa. — Muito bem, mande-o entrar. O mordomo se retirou e reapareceu.

— M. Hercule Poirot.

Vestido da maneira mais refinada, como um autêntico almofadinha, M.

Poirot entrou e curvou-se.

O mordomo fechou a porta. Cicely deu um passo à frente.

— Mr. Barraclough mandou o senhor...?

— Sente-se, Madame. — O tom era delicado, mas autoritário.

Maquinalmente, ela sentou-se. Ele ocupou a cadeira vizinha. Seus modos eram paternais e tranqüilizadores.

— Rogo-lhe, Madame, que me considere seu amigo. Vim adverti-la. Sei que a senhora se encontra às voltas com um grave problema.

— Eu não... — murmurou, quase sem voz.

— *Ecoutez*, Madame. Não lhe peço que me revele seus segredos. É desnecessário. Já os conheço. Essa é a condição essencial para ser um bom detetive... conhecer.

— Um detetive? — Arregalou os olhos. — Agora me lembro... o senhor estava no avião. Foi o senhor que...

— Exatamente, fui eu. Pois bem, Madame, vamos direto ao assunto. Tal como acabo de dizer, não quero forçá-la a me fazer confidências. Não será a senhora quem vai começar a contar coisas. Serei eu. Hoje de manhã, há menos de uma hora atrás, a senhora recebeu uma visita. Esse visitante... o nome dele não seria Brown, talvez?

— Robinson — disse Cicely, quase inaudível.

— Dá no mesmo... Brown, Smith, Robinson... cada vez ele usa um nome diferente. Ele veio cá para fazer chantagem contra a senhora, Madame. Tem em seu poder certas provas de... digamos... imprudência? Essas provas já estiveram sob a guarda de Madame Giselle. Agora esse tal sujeito as tem. Ele as oferece à senhora por sete mil libras, talvez.

— Oito.

— Oito, então. E para a senhora, Madame, não será fácil conseguir rapidamente essa soma, não é?

— Eu não posso... simplesmente não posso... Já estou endividada. Não sei o que fazer...

— Acalme-se, Madame. Vim ajudá-la. Ela olhou-o fixamente.

— Como sabe de tudo isso?

— Simplesmente, Madame, porque me chamo Hercule Poirot. *Eh bien*, não tenha medo... coloque-se em minhas mãos... eu tratarei desse tal Mr. Robinson.

— Sim — retrucou Cicely, veemente. — E quanto é que o senhor vai querer?

Hercule Poirot curvou-se.

— Eu lhe peço apenas o retrato, autografado, de uma dama belíssima...

— Ai, meu Deus! — exclamou ela. — Não sei o que fazer... Meus nervos... Ainda acabo enlouquecendo.

— Não, não, tudo vai bem. Confie em Hercule Poirot. Só que, Madame, eu preciso saber a verdade... absoluta... não esconda nada, senão ficarei com as mãos presas.

— Promete tirar-me deste apuro?

— Juro-lhe solenemente que nunca mais há de ouvir falar de novo em Mr. Robinson.

— Muito bem — disse ela. — Vou lhe contar tudo.

— Ótimo. Com que então, pediu dinheiro emprestado a tal Giselle?

Lady Horbury confirmou com a cabeça.

— Quando foi isso? Quando é que começou, digo?

— Faz dezoito meses. Eu estava num aperto.

— De jogo?

— É. Andava com uma falta de sorte incrível.

— E ela lhe emprestou tudo o que a senhora quis?

— A princípio não. Só uma pequena quantia para começar.

— Quem a recomendou?

— O Raymond... Mr. Barraclough me disse que tinha ouvido falar que ela emprestava dinheiro a senhoras da sociedade.

— Mas depois ela lhe emprestou mais?

— Sim... tudo quanto eu quis. Na ocasião parecia até um milagre.

— Era o tipo de milagre bem de Madame Giselle — comentou Poirot,

cáustico. — Presumo que antes disso a senhora e Mr. Barraclough haviam se tornado... hum... amigos?

— Sim.

— E a senhora estava muito preocupada de que o seu marido viesse a descobrir?

— O Stephen é um pedante — exclamou, irritada. — Já cansou de mim. Quer casar com outra. Ficaria radiante com a idéia de se divorciar.

— E a senhora não quis... se divorciar?

— Não. Eu... eu...

— A senhora gosta de sua posição... e também lhe agrada contar com uma renda muito ampla. Lógico. *Les femmes*, naturalmente, têm que tratar de seus próprios interesses. Continuando... aí então surgiu o problema do reembolso?

— Sim, e eu... eu não tinha dinheiro pra pagar. E depois a velha bruxa ficou impossível. Sabia a respeito de mim e do Raymond. Descobriu lugares, datas, tudo... não sei como.

— Tinha seus métodos — disse Poirot, cáustico. — E imagino que ameaçou enviar todas essas provas a Lord Horbury?

— E, a menos que eu pagasse.

— E a senhora não podia pagar?

— Não.

— E assim a morte dela veio mesmo a calhar?

— Pois é — respondeu Cicely Horbury, com toda a sinceridade, — parecia uma verdadeira maravilha.

— Ah, precisamente... uma verdadeira maravilha. Mas que deixou a senhora um pouco nervosa, talvez, não foi?

— Nervosa?

— Sim, porque afinal de contas, Madame, de todos os que se achavam a bordo do avião, a única pessoa que tinha motivo para desejar a morte dela era a senhora.

Ela prendeu bruscamente a respiração.

— Eu sei. Foi horrível. Fiquei nervosíssima por causa disso.

— Sobretudo por ter ido procurá-la na véspera, em Paris, e ter tido uma espécie de cena com ela, não?

— Aquela bruxa! Não queria ceder nem por nada. Acho até que estava se divertindo com a minha desgraça. Ah, ela era completamente abominável! Saí de lá feito um trapo.

— E no entanto, durante o inquérito, declarou que nunca a tinha visto antes.

— Ora, lógico, que mais que eu podia dizer? Poirot olhou-a, pensativo.

— A *senhora*, não, Madame.

— Tem sido medonho... só mentiras... mentiras... mentiras. Aquele horrendo inspetor, que não pára de vir aqui, me atormentando com perguntas. Mas eu me sentia bem segura. Logo vi que ele estava apenas atirando verde para colher maduro. Não sabia de nada.

— Não se deve perder tempo com conjecturas sem ter certeza.

— E depois — continuou Cicely, seguindo seu próprio fio de raciocínio, — me deu a sensação de que se alguma coisa *tinha* que transpirar, teria transpirado logo. Me senti segura... até chegar aquela carta horrível ontem.

— Não teve medo durante esse tempo todo?

— Claro que tive!

— Mas do quê? De ficar comprometida ou de ser presa por assassinato? Suas faces se tornaram lívidas.

— Assassinato... mas eu não... Ah, o senhor não pode acreditar *nisso*! Não fui eu quem matou a velha. Não fui!

— A *senhora* queria que ela morresse...

— Sim, mas não a matei... Ah, o senhor tem que acreditar em mim... tem que acreditar. Nunca arredei pé do meu lugar. Eu...

Não terminou a frase. Seus belos olhos azuis fixaram-se nele, implorantes.

Hercule Poirot sacudiu a cabeça, para tranquilizá-la.

— Eu acredito, Madame, por dois motivos... primeiro, porque a *senhora*

é mulher, e segundo por causa de... um marimbondo.

Ela arregalou os olhos.

— Marimbondo?

— Exatamente. Pelo que vejo, isso não tem sentido para a senhora. Pois bem, vamos tratar de resolver o seu problema. Eu me encarrego desse tal Mr. Robinson. Dou-lhe minha palavra que nunca mais há de ver ou ouvir falar nele. Vou dar cabo... como é que se diz, mesmo? da pele? não, do couro dele. Agora, em troca de meus serviços, peço-lhe que responda duas pequenas perguntas; Mr. Barraclough se encontrava em Paris na véspera do crime?

— Sim, jantamos juntos. Mas ele achou melhor que eu fosse sozinha falar com a mulher.

— Ah, ele achou, é? Agora, Madame, mais uma pergunta: o nome que a senhora usava no palco antes de se casar, Cicely Bland, era o seu nome verdadeiro?

— Não, o meu verdadeiro nome é Martha Jebb. Mas o outro...

— Soava melhor profissionalmente. E a senhora nasceu... onde?

— Em Doncaster. Mas por quê...

— Mera curiosidade. Desculpe. E agora, Lady Horbury, permite que lhe dê um conselho? Por que não combina com seu marido um divórcio discreto?

— E deixar que ele case com aquela mulher?

— E deixar que ele case com aquela mulher. A senhora tem bom coração, Madame; e além do mais, ficará segura... ah, tão segura... e o seu marido lhe pagará uma renda.

— Não muito grande.

— *Eh bien*, quando estiver livre, poderá casar com um milionário.

— Não há nenhum hoje em dia.

— Ah, não acredite nisso, Madame. Quem antes tinha três milhões, agora talvez tenha dois... *eh bien*, ainda é bastante.

Cicely riu.

— O senhor é muito persuasivo, M. Poirot. E tem realmente certeza de que aquele homem hediondo nunca mais há de me importunar?

— Dou-lhe a palavra de Hercule Poirot — prometeu solenemente o detetive.

20 - EM HARLEY STREET

O inspetor Japp percorreu Harley Street com passo rápido e parou diante de uma certa porta.

Pediu para falar com o Dr. Bryant.

— O senhor tem hora marcada?

— Não, mas entregue-lhe isto aqui. E escreveu num cartão oficial:

“Ficaria muito grato se pudesse dispor de alguns minutos para me atender. Prometo não demorar.”

Pôs o cartão dentro do envelope, que fechou e entregou ao mordomo.

Foi conduzido a uma sala de espera. Ali havia duas mulheres e um homem. Japp instalou-se e começou a ler um número antigo do *Punch*.

O mordomo voltou e, atravessando a sala, disse-lhe discretamente:

— Se o senhor não se importa de esperar um pouco, o doutor irá recebê-lo, mas ele está muito ocupado hoje de manhã.

Japp concordou com a cabeça. Não se importava absolutamente de esperar — de fato, a idéia até lhe era bem-vinda. As duas mulheres tinham começado a conversar. Possuíam, evidentemente, uma elevada opinião das habilidades do Dr. Bryant. Outros pacientes entraram. Não restava dúvida: o Dr. Bryant estava se saindo muito bem na sua profissão.

— Positivamente, o homem está enriquecendo — pensou Japp. — Não dá impressão de que precise andar pedindo dinheiro emprestado; mas é lógico que o empréstimo pode ter ocorrido há muito tempo. Seja como for, está com uma ótima clínica; qualquer escândalo levaria tudo por água abaixo. É a inconveniência de ser médico.

Quinze minutos depois, o mordomo reapareceu.

— O doutor vai recebê-lo agora.

Japp passou ao consultório do Dr. Bryant. — uma sala nos fundos da

casa com uma janela enorme. O médico estava sentado à sua escrivaninha. Levantou-se e apertou a mão do detetive.

O rosto sulcado de rugas mostrava sinais de cansaço, mas não parecia nada perturbado com a visita do inspetor.

— Em que lhe posso ser útil, inspetor? — perguntou, voltando ao seu lugar e indicando a Japp a cadeira oposta.

— Primeiramente, peço-lhe desculpas por vir aqui no horário de consultas, mas minha demora será breve, doutor.

— Não tem importância. Suponho que se trate da morte no avião?

— Justamente, doutor. Continuamos trabalhando no caso.

— Com algum resultado?

— Não tanto quanto gostaríamos. Vim mesmo fazer-lhe umas perguntas a respeito do método empregado. É essa história de veneno de cobra que não consigo entender.

— Não sou toxicólogo, sabe? — disse o Dr. Bryant, sorrindo. — Essas coisas não pertencem à minha especialidade. O senhor deve procurar o Winterspoon.

— Ah, mas o senhor compreende, doutor, o negócio é o seguinte. O Winterspoon é um especialista — e o senhor sabe como eles são. Usam de expressões que ninguém entende. Mas ao que me consta, há um aspecto clínico nessa história. É verdade que o veneno de cobra é às vezes aplicado na epilepsia?

— Também não sou especialista em epilepsia — disse o Dr. Bryant. — Mas creio que já se usaram injeções de peçonha de cobra no seu tratamento com ótimos resultados. Porém, como disse, isso de fato não pertence ao meu ramo de atividades.

— Sei... sei. Em suma, a situação é a seguinte: eu achei que o senhor, tendo estado no avião, se interessaria pelo caso. E me pareceu possível que também tivesse idéias pessoais sobre o assunto que me pudessem ser úteis. Não adianta muito eu ir procurar um especialista se não souber o que devo perguntar a ele.

O Dr. Bryant sorriu.

— Não deixa de ter certa razão, inspetor. Provavelmente não há ninguém que, depois de entrar em estreito contato com um homicídio, possa permanecer totalmente indiferente... Sim, confesso que estou interessado. Já refleti muito, e com calma, sobre o caso.

— E o que é que o senhor acha? Bryant sacudiu lentamente a cabeça.

— Fico espantado... a coisa toda parece quase... irreal... por assim dizer. Que maneira mais absurda de cometer um crime. Seria difícilimo para o assassino não ser visto. Deve ser uma pessoa com absoluto descaso pelo perigo.

— Tem toda a razão.

— A escolha do veneno também é espantosa. Como seria possível ao suposto assassino conseguir uma coisa dessas?

— Eu sei. Parece incrível. Ora, eu creio que é raríssimo que alguém tenha ouvido falar numa *boomslang*, e muito menos lidado pessoalmente com o veneno. O senhor mesmo, que é médico... garanto que nunca viu esse troço.

— De fato, não há muita oportunidade. Tenho um amigo que trabalha em pesquisas tropicais. No laboratório dele existem várias amostras em pó de veneno de cobra... da naja, por exemplo... mas não consigo me lembrar de nenhuma amostra da *boomslang*.

— Talvez o senhor possa me ajudar... — Japp tirou do bolso um pedaço de papel e entregou-o ao médico. — O Winterspoon anotou esses três nomes... disse que talvez eles me informassem. Não conhece nenhum desses homens?

— Conheço o professor Kennedy ligeiramente. Heidler eu conheço bem; cite o meu nome e tenho certeza de que ele fará tudo o que puder pelo senhor. Carmichael é de Edimburgo... não o conheço pessoalmente... mas creio que andaram fazendo um bom trabalho por lá.

— Obrigado, doutor, fico-lhe muito grato. Bom, não quero tomar-lhe mais tempo.”

Quando se viu de novo em Harley Street, Japp sorriu sozinho, todo satisfeito.

Nada como o tato — pensou. — É tiro e queda. Sou capaz de apostar que ele nem percebeu o que eu queria. Bom, agora a coisa está feita.

21 - AS TRÊS PISTAS

Quando Japp voltou à Scotland Yard disseram-lhe que M. Hercule Poirot estava à sua espera.

Japp saudou cordialmente o amigo.

— Como é, M. Poirot, que bons ventos o trazem por aqui? Alguma novidade?

— Vim fazer-lhe a mesma pergunta, meu caro Japp.

— Essa é bem do senhor. Pois a coisa continua praticamente igual, a verdade é essa. O tal lojista de Paris identificou realmente a zarabatana. O Fournier anda me infernando a vida, lá de Paris, a respeito do seu *moment psychologique*. Interroguei aqueles comissários de bordo a mais não poder, e eles insistem que não houve nenhum *moment psychologique*. Não aconteceu nada de surpreendente ou anormal durante a viagem.

— Talvez ocorresse quando ambos se achassem na cabina dianteira.

— Também interroguei os passageiros. Não é possível que todos estejam mentindo.

— Num caso que eu investiguei, todos estavam!

— O senhor e seus casos! Para dizer a verdade, M. Poirot, não estou nada satisfeito. Quanto mais investigo, menos consigo. O chefe já anda me olhando atravessado. Mas que posso fazer? Ainda bem que é um desses casos semi-estrangeiros. A gente aqui pode pôr a culpa nos franceses... e em Paris eles dizem que o crime foi cometido por um inglês e que o problema é nosso.

— Acredita mesmo que foram os franceses?

— Olhe, para falar com franqueza, não. A meu ver, um arqueólogo não passa de um pobre coitado. Sempre remexendo na terra e fazendo escarcéu por causa de coisas que aconteceram há milhares de anos — como é que eles podem afirmar é o que eu gostaria de saber. Quem é que vai discordar? Eles dizem que um colar de contas estragado tem cinco mil trezentos e vinte e dois anos, e quem diz que não tem? Pois bem, aí estão eles... mentirosos, talvez... embora pareçam acreditar no que afirmam... mas inofensivos. Outro dia tive aqui um velho que havia surrupiado um camafeu... estava num nervosismo terrível... velhinho

simpático, mas indefeso como uma criança. Não, cá entre nós, não acho nem um pouco que tenham sido aqueles dois arqueólogos franceses.

— Quem você acha, então, que foi?

— Bem... tem o Clancy, naturalmente. Ele anda esquisito. Vive resmungando sozinho. Está com alguma coisa na idéia.

— A trama de um novo livro, talvez.

— Pode ser que sim... e pode ser que não; mas, por mais que me esforce, não consigo encontrar um motivo para ele. Ainda acho que *CL 52* no livro de capa preta é Lady Horbury; mas não consigo arrancar nada dela. Fica impassível que só vendo.

Poirot sorriu consigo mesmo. Japp continuou:

— Os comissários de bordo... bem, não encontro nada que os relacione com Giselle.

— E o Dr. Bryant?

— Já me parece mais possível. Correm boatos a respeito dele com uma paciente. Mulher bonita... marido horrível... toma drogas, ou coisa que o valha. Se não se cuidar, será excluído da ordem dos médicos. Isso encaixa bem com *RT 362*, e posso lhe adiantar que tenho uma idéia bastante boa a respeito do lugar onde ele poderia ter obtido o veneno. Fui visitá-lo e ele se traiu por completo nesse sentido. Mesmo assim, por enquanto tudo são apenas conjecturas... e não *fatos*. Não é nada fácil conseguir fatos neste caso. Ryder parece todo sincero e correto... diz que foi levantar um empréstimo em Paris e não deu certo... forneceu nomes e endereços... tudo confere. Descobri que a firma dele quase entrou em falência há umas duas semanas, mas pelo jeito já está se refazendo. E eis-nos de novo na mesma situação... insatisfatória. A coisa toda é uma confusão.

— Não há nada de confusão... incerteza, sim... mas confusão só pode existir num cérebro em desordem.

— Use a palavra que quiser. No fim, dá no mesmo. O Fournier também não sabe o que pensar. O senhor, decerto, já encontrou a solução, mas prefere não dizer!

— Não precisa fazer troça. Não encontrei nenhuma solução. Avanço

passo a passo, com ordem e método, mas ainda há muito caminho pela frente.

— Não posso deixar de me sentir feliz com essa notícia. Fale um pouco sobre esses passos metódicos.

Poirot sorriu,

— Eu faço um pequena lista... assim. — Tirou um papel do bolso. — Parto da seguinte idéia: um crime é uma ação que se propõe a conseguir um determinado resultado.

— Repita, devagar.

— É fácil.

— Pode ser que seja... mas não da forma com que se expressou.

— Não, não, é bem simples. Digamos que você precise de dinheiro... que herdará quando morrer uma tia. *Bien...* você executa a ação... que é matar sua tia... e consegue o resultado... herdar o dinheiro.

— Quem dera que eu tivesse tias assim — suspirou Japp. — Continue, estou entendendo a sua idéia. Quer dizer então que *tem de* haver um motivo.

— Prefiro a maneira com que me expressei. Uma ação é executada... a ação sendo o crime... quais são agora os resultados dessa ação? Através da análise dos diversos resultados, chegamos à resposta do nosso enigma. Os resultados de uma única ação podem ser bem variados... essa determinada ação afeta uma série de pessoas diferentes. *Eh bien*, eu analiso hoje... três semanas depois do crime... o resultado em onze casos diferentes.

Abriu o papel sobre a mesa.

Japp debruçou-se com certo interesse e leu por cima do ombro de Poirot:

Miss Grey. Resultado — melhora provisória. Aumento de salário.

Mr. Gale. Resultado — mau. Perda de clientela.

Lady Horbury. Resultado — bom, se ela for *CL 52*.

Miss Kerr. Resultado — mau, uma vez que a morte de Giselle torna mais implausível que Lord Horbury obtenha a prova para se divorciar da esposa.

— Hum. — Japp interrompeu seu exame. — Acha, portanto, que ela está apaixonada pelo Lord. Que faro que o senhor tem para descobrir romances, hem?

Poirot sorriu. Japp curvou-se para a lista outra vez.

Mr. Clancy. Resultado — bom; espera ganhar dinheiro aproveitando o crime para escrever um livro.

Dr. Bryant. Resultado — bom, se ele for *RT 362*.

Mr. Ryder. Resultado — bom, devido à pequena soma de dinheiro obtida com entrevistas sobre o crime que ajudaram a firma a vencer uma crise perigosa. Também bom se Ryder for *XVB 724*.

M. Dupont. Resultado — nulo.

M. Jean Dupont. Resultado — *idem*.

Mitchell. Resultado — nulo.

Davis. Resultado — nulo.

— E o senhor pensa que isso aí vai adiantar de alguma coisa? — perguntou Japp, cético. — Não vejo que diferença faria se escrevesse: *Não sei. Não sei. Não dá pra dizer.*

— Ah, mas isso fornece uma classificação nítida — explicou Poirot. — Em quatro casos... *Mr. Clancy*, *Miss Grey*, *Mr. Ryder*, e creio que posso dizer *Lady Horbury*... há um resultado positivo. Já nos casos de *Mr. Gale* e *Miss Kerr* o resultado é negativo... em quatro casos o resultado... pelo que nos consta... foi nulo... e num, o do *Dr. Bryant*, não houve resultado nem lucro imediato.

— De modo quê? — perguntou Japp.

— De modo que — respondeu Poirot — temos de continuar procurando.

— Sem quase nada em que se basear — disse Japp, soturno. — A verdade é que estamos num impasse enquanto não chega o que queremos de Paris. O que se precisa investigar é o lado de *Giselle*. Aposto como eu teria conseguido arrancar mais coisas daquela criada que o *Fournier*.

— Duvido, meu caro. O que há de mais interessante neste caso é a personalidade da morta. Uma mulher sem amigos... sem relações... sem, por assim dizer, qualquer vida *peçoal*. Uma mulher que outrora foi jovem, que amou e sofreu, e depois... puxou a cortina com mão firme... e acabou com tudo; nem uma fotografia, nem uma lembrança, nem uma bugiganga qualquer. *Marie Morisot* se transformou em *Madame Giselle*... a prestamista.

— Crê que haja uma pista no passado dela?

— Talvez.

— Pois até que não seria mau! Não existem pistas neste caso.

— Ah, existem sim, meu caro.

— A zarabatana, lógico.

— Não, não, a zarabatana não.

— Bem, então diga o que é que entende por pistas no caso. Poirot sorriu.

— Vou lhe dar títulos... que nem os nomes das histórias de Mr. Clancy: A pista do marimbondo. A pista da bagagem dos passageiros. A pista da colher extra de café.

— Quanta maluquice — comentou Japp, indulgente, e acrescentou: — Que negócio é esse de colher de café?

— Madame Giselle tinha duas colheres no pires dela.

— Dizem que isso dá casamento.

— Nesse caso — retrucou Poirot, — deu enterro.

22 - JANE MUDA DE EMPREGO

Quando Norman Gale, Jane e Poirot se reuniram para jantar na noite seguinte ao “incidente da chantagem” Norman ficou aliviado ao saber que seus préstimos como “Mr. Robinson” não seriam mais necessários.

— O pobre Mr. Robinson morreu — disse Poirot. Ergueu o copo. — Brindemos à sua memória.

— Que a terra lhe seja leve — disse Norman, com uma risada.

— Que aconteceu? — perguntou Jane a Poirot. Ele sorriu para ela.

— Descobri o que eu queria saber.

— Ela andava metida com a Giselle?

— Andava.

— Isso ficou bem claro na minha entrevista com ela — disse Norman.

— Justo — retrucou Poirot. — Mas eu queria uma história completa e detalhada.

— E conseguiu?

— Consegui.

Os dois olharam com curiosidade para ele, mas Poirot, de maneira provocante, começou a discorrer sobre a relação entre uma carreira e a vida.

— Não há tanta gente deslocada na vida quanto se pensa. A maioria, apesar do que diz, escolhe a ocupação que realmente quer. Um homem que trabalha em escritório é capaz de afirmar: “Eu gostaria de ser explorador, de lutar com dificuldades em terras distantes.” Mas quando se vê, o que ele gosta mesmo é de ler os livros de ficção que tratam desse assunto, e que no fundo prefere a segurança e a relativa comodidade de uma cadeira de escritório.

— Segundo sua teoria — disse Jane, — a minha vontade de viajar pelo estrangeiro não é autêntica... a minha verdadeira vocação seria andar mexendo no cabelo das mulheres... pois bem, isso *não é* verdade.

Poirot sorriu para ela.

— Você ainda é moça. Naturalmente, a gente experimenta isto, aquilo e aquilo outro, mas o que eventualmente se escolhe é a vida que se prefere levar.

— E suponhamos que eu prefira ser rica?

— Ah, isso já é mais difícil!

— Não concordo com o senhor — disse Gale. — Sou dentista por acaso... não por escolha. Meu tio era dentista... queria que eu trabalhasse com ele, mas eu tinha vontade de aventurar e conhecer o mundo. Desisti da odontologia e fui ser fazendeiro na África do Sul. Mas não adiantou muito... não possuía bastante experiência. Tive de aceitar a proposta do velhote e vir me dedicar à profissão dele.

— E agora está pensando em desistir de novo da odontologia e ir embora para o Canadá. O senhor tem o complexo da comunidade britânica!

— Desta vez serei forçado a isso.

— Ah, mas é incrível como muitas vezes a gente é forçado a fazer uma coisa que se quer fazer.

— Não há nada que me force a viajar — comentou Jane, tristonha. — Quem dera que houvesse.

— *Eh bien*, faço-lhe uma proposta agora mesmo. Na semana que vem eu

vou a Paris. Se quiser, pode ficar com o cargo de minha secretária... lhe darei um bom salário.

Jane sacudiu a cabeça.

— Não devo sair do Antoine. É um ótimo emprego.

— O meu também é.

— Sim, mas é só provisório.

— Eu lhe consigo outro, do mesmo tipo.

— Obrigada, mas acho que não vou me arriscar. Poirot olhou para ela e sorriu misteriosamente. Três dias depois recebeu um telefonema.

— M. Poirot — disse Jane, — sua proposta ainda continua de pé?

— Mas claro. Segunda-feira vou a Paris.

— Está falando sério mesmo? Posso ir junto?

— Sim, mas que foi que houve que a fez mudar de idéia?

— Tive uma briga com o Antoine. Para falar a verdade, perdi a paciência com uma freguesa. Ela se mostrou uma... uma completa... bem, não dá para contar pelo telefone. Eu andava meio nervosa e em vez de usar panos quentes resolvi simplesmente desabafar e dizer exatamente a opinião que tinha dela.

— Ah, a idéia dos horizontes sem fim!

— Como foi que o senhor disse?

— Que na hora decerto estava distraída, pensando noutra coisa.

— Não estava, não. Minha língua é que me traiu. Me diverti com a história... ela arregalou uns olhos deste tamanho, que nem aquele horrendo pequinês dela... pareciam que iam saltar fora... mas cá estou eu... posta na rua, sem mais nem menos, pode-se dizer. Acho que qualquer hora dessas terei de procurar outro emprego... mas primeiro gostaria de ir a Paris.

— Perfeito, então fica combinado. No caminho lhe darei as instruções.

Poirot e sua nova secretária não viajaram de avião, o que no fundo foi um alívio para Jane. A experiência desagradável do último vôo lhe abalara os nervos. Não queria nem se lembrar daquela figura indolente de vestido preto desbotado...

No trajeto de Calais a Paris não havia mais ninguém no compartimento e Poirot explicou em linhas gerais o que pretendia fazer.

— Preciso falar com várias pessoas em Paris. O advogado... *Maître* Thibault. M. Fournier, da Sûreté, também... um homem taciturno, mas inteligente. E com M. Dupont *père* e M. Dupont *filis*. Pois bem, Mademoiselle Jane, enquanto eu me ocupo do pai, deixo-a encarregada do filho. Sendo tão bonita e atraente... imagino que M. Dupont não a tenha esquecido do inquérito.

— Já me encontrei com ele depois disso — revelou Jane, corando um pouco.

— Ah é? Como foi?

Jane, corando ainda mais, descreveu o encontro de ambos no restaurante da esquina.

— Ótimo... melhorou muito. Ah, que idéia luminosa que tive de trazê-la junto comigo a Paris. Agora preste bem atenção, Mademoiselle Jane. Se puder, não comente o caso de Giselle, mas não se furte ao assunto se Jean Dupont abordá-lo. Talvez conviesse, com a máxima sutileza, dar a impressão de que Lady Horbury é suspeita do crime. Meu motivo para vir a Paris, pode-se dizer, é conversar com M. Fournier e sobretudo investigar as negociações que Lady Horbury possa ter tido com a morta.

— Pobre Lady Horbury... o senhor a está transformando em bode expiatório!

— Ela não é o tipo que eu admiro... *Eh bien*, que ao menos sirva para alguma coisa.

Jane hesitou um instante, depois perguntou:

— O senhor não suspeita de que o jovem M. Dupont tenha cometido o crime, não é?

— Não, não, não... necessito apenas de informações. — Olhou-a bruscamente. — Sente-se... hum... atraída por aquele rapaz? *Il est sex appeal?*

Jane riu da frase.

— Não, não é assim que eu o descreveria. Ele é muito ingênuo, mas um verdadeiro encanto de pessoa.

— Quer dizer que é assim que o considera... muito ingênuo?

— Ele é ingênuo. Talvez porque tem levado uma vida calma e retraída.

— De fato — concordou Poirot. — Não lidou, por exemplo, com dentes.

Não sofreu a desilusão de ver um herói público tremendo de medo na cadeira do dentista.

Jane riu.

— Não creio que Norman tenha atraído nenhum herói público como cliente.

— Seria tempo perdido, uma vez que ele vai para o Canadá.

— Agora ele anda falando na Nova Zelândia. Acha que eu gostaria mais do clima de lá.

— Em todo caso, ele é patriota. Não sai da comunidade britânica.

— Estou torcendo — disse Jane — para que não seja necessário.

Fixou um olhar inquisitivo em Poirot.

— Está querendo dizer que deposita sua confiança em Papá Poirot? Ah, bem... farei o possível... isso eu lhe prometo. Mas tenho a sensação muito forte, Mademoiselle, de que há uma figura que ainda não entrou em cena... um papel que ainda não foi representado...

Sacudiu a cabeça, franzindo o cenho.

— Mademoiselle, há um fator desconhecido neste caso. Tudo indica isso...

Dois dias depois de chegarem a Paris, M. Hercule Poirot e sua secretária jantaram num pequeno restaurante, e os dois Duponts, pai e filho, eram convidados de Poirot.

Jane achou o velho M. Dupont tão simpático quanto o jovem, mas teve pouca oportunidade de conversar com ele. Poirot monopolizou-o totalmente desde o início. Jane achou ainda mais fácil de se entender com Jean do que em Londres. Sua cativante personalidade infantil continuava exercendo forte atração sobre ela. Tinha um espírito tão amigo e ingênuo!

Apesar disso, mesmo enquanto ria e falava com ele, mantinha o ouvido

atento para pegar trechos do diálogo dos dois homens mais velhos. Perguntava-se qual seria, exatamente, a informação que Poirot procurava. Pelo que pôde escutar, a conversa não tocou nem uma vez no crime. Poirot atraía habilidosamente o companheiro para o assunto do passado. Seu interesse pelas pesquisas arqueológicas na Pérsia parecia intenso e sincero. M. Dupont estava apreciando imensamente a noitada. Era raro encontrar um ouvinte tão inteligente e compreensivo.

Não ficou bem claro de quem partiu a sugestão para que os dois jovens fossem ao cinema, mas depois que eles saíram, Poirot puxou a cadeira um pouco mais perto da mesa e pareceu pronto a tomar um interesse ainda mais prático na pesquisa arqueológica.

— Compreendo — disse. — Naturalmente é uma grande preocupação arrecadar fundos suficientes numa época economicamente difícil como esta. O senhor aceita doações particulares?

M. Dupont riu.

— Meu caro amigo, nós praticamente as imploramos de joelhos! Mas o nosso tipo específico de escavação não atrai a grande massa da humanidade. Ela exige resultados espetaculares! Acima de tudo, gosta de ouro... em vastas quantidades! É assombroso o pouco interesse que a pessoa comum sente pela cerâmica. Cerâmica... toda a história da humanidade pode ser expressa em termos de cerâmica. O contorno... a estrutura...

M. Dupont desandou a falar sem parar. Suplicou para que Poirot não se deixasse levar pelas publicações capciosas de B..., pelos erros cronológicos verdadeiramente criminosos de I..., e pela estratificação irremediavelmente anticientífica de G... Poirot prometeu solenemente que não se deixaria levar por nenhuma das publicações desses doutos personagens.

Depois disse:

— Uma doação de quinhentas libras, por exemplo, seria...?

M. Dupont só faltou se jogar em cima da mesa de tão entusiasmado que ficou.

— O senhor... o senhor está oferecendo isso? A mim? Para dar nossas

pesquisas? Mas é maravilhoso, estupendo! A maior doação particular que já tivemos.

Poirot tossiu.

— Confesso... que há um favor...

— Mas claro, um *souvenir*... alguns exemplares de cerâmica...

— Não, não, o senhor não entendeu — atalhou Poirot logo, antes que M. Dupont desandasse a falar de novo sem parar. — Trata-se da minha secretária... essa moça linda que o senhor conheceu hoje... ela não poderia acompanhá-los na expedição? M. Dupont pareceu meio perplexo um instante.

— Bem — disse, cofiando o bigode, — acho que se pode dar um jeito. Tenho que consultar meu filho. Meu sobrinho vai junto conosco em companhia da esposa. Ia ser uma excursão de família. Mas falarei com Jean...

— Mademoiselle Grey se interessa apaixonadamente por cerâmica. O passado exerce grande fascinação sobre ela. Escavar é o sonho de sua vida. Também serze meias e prega botões de um modo verdadeiramente admirável.

— Um dom muito útil.

— Não é mesmo? E agora, o senhor estava me dizendo... a respeito da cerâmica de Susa...

M. Dupont prosseguiu seu eufórico monólogo sobre as teorias toda especiais que tinha a respeito de Susa I e Susa II.

Quando Poirot chegou ao hotel, encontrou Jane dando boa noite a Jean Dupont no saguão.

Enquanto subiam no elevador, Poirot anunciou:

— Consegui-lhe um emprego muito interessante. Para acompanhar os Duponts à Pérsia na primavera.

Jane arregalou os olhos.

— O senhor ficou louco?

— Quando lhe fizerem a proposta, deve aceitá-la com todas as manifestações de prazer.

— Evidente que não vou à Pérsia. Estarei em Muswell Hill ou na Nova

Zelândia com o Norman.

Poirot piscou-lhe o olho de leve.

— Minha filha — disse, — faltam alguns meses ainda até março. Expressar prazer não significa comprar passagem. Eu também falei numa doação... mas na realidade não assinei nenhum cheque! A propósito, amanhã de manhã preciso arranjar-lhe um manual sobre a Cerâmica Pré-Histórica do Oriente Próximo. Eu disse que Mademoiselle se interessava imensamente pelo assunto.

Jane suspirou.

— Ser sua secretária não é nenhuma sinecura, hem? Que mais?

— Ah, é. Eu também disse que sabia pregar botões e serzir meias com perfeição.

— Será que amanhã eu também tenho que dar uma demonstração disso?

— Talvez fosse bom — retrucou Poirot, — eles são capazes de acreditar ao pé da letra!

23 - ANNE MORISOT

No outro dia de manhã, às dez e meia, o taciturno M. Fournier entrou na sala de estar de Poirot e apertou cordialmente a mão do pequeno belga.

Vinha muito mais animado que de costume.

— Monsieur — disse, — tem uma coisa que quero lhe contar. Creio que finalmente percebi o que o senhor disse em Londres acerca da descoberta da zarabatana.

— Ah! — O rosto de Poirot se iluminou.

— Sim — prosseguiu Fournier, sentando-se numa cadeira. — Pensei muito no que o senhor disse. E não cessava de repetir para mim mesmo: *é impossível que o crime tenha sido cometido como nós acreditamos*. E afinal... afinal... percebo a relação entre essa repetição minha e o que o senhor disse acerca da descoberta da zarabatana.

Poirot escutou atentamente, sem fazer comentários.

— Aquele dia em Londres o senhor disse: *por que é que a zarabatana foi*

encontrada, quando podia ter passado tão facilmente pelo exaustor? E eu acho que agora tenho a resposta. A zarabatana foi encontrada porque o assassino queria que fosse.

— Bravo! — exclamou Poirot.

— Então *era* isso que o senhor queria dizer? Ótimo, foi o que também pensei. E fui mais longe ainda. Perguntei a mim mesmo: *por que o assassino queria que a zarabatana fosse encontrada?* E consegui a resposta pra isso: *porque a zarabatana não foi usada.*

— Bravo! Bravo! Exatamente o meu raciocínio.

— Disse comigo mesmo: a seta envenenada, *sim*, mas não a zarabatana. Depois *outra coisa* foi usada para atirar aquela a... algo que um homem ou uma mulher poderia colocar nos lábios de um jeito normal e que não causaria comentários. E me lembrei de sua insistência para uma lista completa de tudo o que se encontrado na bagagem dos passageiros e em suas próprias pessoas. Houve duas coisas que me chamaram especialmente a atenção... *Lady Horbury tinha duas piteiras*, e sobre a mesa na frente dos Duponts *havia uma porção de cachimbos curdos.*

M. Fournier fez uma pausa. Olhou para Poirot. O detetive belga continuou calado.

— Essas duas coisas podiam ser postas naturalmente nos lábios sem que ninguém reparasse... Tenho ou não tenho razão?

Poirot hesitou, depois respondeu:

— O senhor está na pista certa, sim, mas siga um pouco adiante; e não esqueça o marimondo.

— O marimondo? — Fournier arregalou os olhos. — Não, aí eu já não entendo mais nada. Não vejo explicação para marimondo.

— Não vê? Mas é aí que eu... Interrompeu a frase quando o telefone tocou. Atendeu.

— Alô, alô. Ah, bom dia. Sim, sou eu mesmo, Hercule Poirot. — Explicou num aparte a Fournier: — É Thibault...

— Sim... sim, realmente. Muito bem. E o senhor? M. Fournier? Acertou.

Sim, ele já chegou. Está aqui neste momento.

Baixando o fone, disse a Fournier:

— Ele procurou o senhor lá na Sûreté. Disseram-lhe que vinha vindo para cá. É melhor falar com ele. Parece entusiasmado.

Fournier pegou o fone.

— Alô... alô. Sim, é o Fournier que está falando... Quê?... *quê?*... É mesmo?... Sim, realmente... Sim... Sim, tenho certeza de que ele irá. Daqui a pouco estamos aí.

Tornou a colocar o fone no gancho e virou-se para Poirot.

— É a filha. A filha de Madame Giselle.

— Quê?

— Sim, ela chegou para reclamar a herança.

— De onde veio?

— Da América, parece. O Thibault pediu-lhe pra voltar às onze e meia. Ele nos disse pra ir lá falar com ele.

— Evidentemente. Iremos agora mesmo... Vou deixar um bilhete para Mademoiselle Grey.

Escreveu:

Apareceu um imprevisto que me força a sair. Se Jean Dupont telefonar ou passar por aqui, seja amável com ele. Fale de botões e meias, mas não de cerâmica pré-histórica por enquanto. Ele admira muito você; mas é inteligente!

Au revoir, Hercule Poirot.

— E agora vamos, meu caro — disse, levantando-se. — Era isso que eu estava esperando... a entrada em cena da figura obscura que sempre pressenti. Agora... em breve... devo compreender tudo.

Maître Thibault recebeu Poirot e Fournier com grande amabilidade.

Depois de uma troca de cumprimentos e perguntas e respostas corteses, o advogado dispôs-se a comentar a herdeira de Madame Giselle.

— Recebi uma carta ontem — disse, — e hoje de manhã a própria moça

veio me ver pessoalmente.

— Que idade tem Mademoiselle Morisot?

— Mademoiselle Morisot... ou, antes, Mrs. Richards... pois ela é casada, tem exatamente vinte e quatro anos de idade.

— Trouxe documentos para provar a identidade? — perguntou Fournier.

— Evidentemente. Evidentemente. Abriu uma pasta de arquivo a seu lado.

— Para começar, tem isto aqui.

Era a cópia de uma certidão de casamento entre George Leman, solteiro, e Marie Morisot... ambos de Quebec. Datada de 1910. Havia também a certidão de nascimento de Anne Morisot Leman. E vários outros documentos e papéis.

— Isto esclarece um pouco a vida pregressa de Madame Giselle — disse Fournier.

Thibault concordou com a cabeça.

— Pelo que pude deduzir — comentou, — Marie Morisot era governanta ou serzideira quando conheceu esse tal Leman.

— Consta que ele era um salafrário que a abandonou logo depois do casamento, e ela retomou o nome de solteira.

— A criança foi internada no *Institut de Marie* em Quebec, onde se criou. Marie Morisot ou Leman saiu de Quebec logo em seguida... com outro homem, imagino... e veio para a França. De tempos em tempos remetia somas de dinheiro e finalmente despachou uma quantia vultosa para ser entregue à filha quando completasse vinte e um anos. Naquela época Marie Morisot ou Leman estava, sem dúvida, levando uma vida irregular, e achou preferível afastar quaisquer relações pessoais.

— Como foi que a moça soube que era herdeira de uma fortuna?

— Publicamos anúncios discretos em vários jornais. Parece que um deles chegou ao conhecimento da diretora do *Institut de Marie*, e ela escreveu ou telegrafou a Mrs. Richards, que de momento se achava na Europa, mas prestes a regressar aos Estados Unidos.

— Quem é Richards?

— Tenho a impressão de que é americano ou canadense de Detroit... com a profissão de fabricante de instrumentos cirúrgicos.

— Ele não acompanhou a esposa?

— Não, continua na América.

— Mrs. Richards não pôde esclarecer nada sobre o possível motivo do assassinato da mãe?

O advogado sacudiu a cabeça.

— Ela não sabe nada a respeito dela. E até nem se lembrava qual era o nome de solteira da mãe, embora já tivesse ouvido a diretora mencioná-lo uma vez.

— Pelo jeito — comentou Fournier, — a aparição dela em cena não vai ajudar a solucionar o problema do crime. Apesar de que eu deva confessar que nunca julguei que fosse. De momento ando atrás de algo completamente diferente. Minhas sindicâncias se reduziram a uma escolha entre três pessoas.

— Quatro — disse Poirot.

— Quatro, o senhor acha?

— Não é que eu ache, mas segundo a teoria que me expôs, não é possível limitar-se a três pessoas. — Fez um gesto súbito e rápido com as mãos. — As duas piteiras... os cachimbos curdos e uma flauta. Não se esqueça da flauta, meu amigo.

Fournier soltou uma exclamação, mas nesse momento a porta se abriu e um velho escriturário murmurou:

— A moça está aí.

— Ah — disse Thibault. — Agora poderão ver a herdeira com seus próprios olhos. Entre, Madame. Quero apresentar-lhe M. Fournier da Sûreté, encarregado neste país das investigações sobre a morte de sua mãe. Aqui, M. Hercule Poirot, cujo nome talvez lhe seja familiar e que está nos prestando gentilmente o seu auxílio. Madame Richards.

A filha de Giselle era uma moça morena e elegante, apesar de vestida com simplicidade.

Apertou sucessivamente a mão de todos os presentes, murmurando

algumas palavras de cordialidade.

— Embora eu tema, Messieurs, que dificilmente me sinta como filha nessa questão. Fui, praticamente, órfã a vida inteira.

Em resposta às perguntas de Fournier, referiu-se com carinho e gratidão a *Mère Angelique*, a diretora do *Institut de Marie*.

— Ela sempre foi a bondade personificada comigo.

— Quando Madame saiu do *Institut*?

— Quando tinha dezoito anos, Monsieur. Comecei a ganhar a vida. Fui, durante algum tempo, manicura. Também trabalhei como modista. Conheci meu marido em Nice. Ele ia voltar aos Estados Unidos. Veio de novo a negócios à Holanda e nos casamos em Rotterdam um mês atrás. Infelizmente, teve que regressar ao Canadá. Não pude ir junto... mas agora estou me preparando para ir ao seu encontro.

O francês de Anne Richards era fluente e espontâneo. Era, evidentemente, mais francesa que inglesa.

— Como soube da tragédia?

— Naturalmente, li nos jornais, mas não sabia... isto é, não *me dei conta*... de que a vítima, no caso, fosse minha mãe. Depois recebi um telegrama da *Mère Angelique* aqui em Paris, me indicando o endereço de *Maître Thibault* e lembrando-me do nome de solteira de minha mãe.

Fournier sacudiu a cabeça, pensativo.

Conversaram um pouco mais, mas parecia óbvio que Mrs. Richards não lhes serviria de grande auxílio na procura do assassino. Não sabia absolutamente nada da vida ou das relações de negócio da mãe.

Depois de ficarem cientes do nome do hotel onde estava hospedada, Poirot e Fournier despediram-se dela e saíram.

— Ficou decepcionado, não, *mon vieux*? — perguntou Fournier. — Tinha alguma idéia a respeito dessa moça? Suspeitava de que talvez fosse uma impostora? Ou, de fato, ainda suspeita de que seja?

Poirot meneou a cabeça, desanimado.

— Não... não creio que seja uma impostora. Suas provas de identidade

parecem bastante autênticas... Mas é estranho, tenho a sensação de que já a vi antes... ou de que ela me lembra alguém...

— Certa semelhança com a morta? — sugeriu Fournier, em tom de dúvida. — Não é possível.

— Não... não é isso... eu quisera me lembrar o que foi. Tenho certeza de que o rosto dela me lembra alguém...

Fournier olhou-o com curiosidade.

— Acho que o senhor sempre esteve preocupado com a filha desaparecida.

— Naturalmente — concordou Poirot, arqueando um pouco as sobrancelhas. — De todas as pessoas que poderiam ou não lucrar com a morte de Giselle, essa moça é quem se beneficia... decididamente... em moeda sonante.

— De fato... mas a que conclusão isso nos leva?

Poirot ficou um instante sem responder. Estava seguindo o fio de seus próprios pensamentos. Por fim disse:

— Meu amigo... uma grande fortuna passa às mãos dessa moça. O senhor se admira que desde o início eu especulasse quanto à possibilidade de ela estar implicada. Havia três mulheres naquele avião. Uma delas, Miss Venetia Kerr, pertencia a uma família muito conhecida e tradicional. Mas as outras duas? Depois que Elise Grandier sugeriu a teoria de que o pai da criança de Madame Giselle era inglês, sempre mantive presente a idéia de que uma das outras duas mulheres podia perfeitamente ser essa filha. Ambas possuíam, mais ou menos, a idade correspondente. Lady Horbury foi uma corista de antecedentes meio obscuros e que representava com um nome teatral. Miss Jane Grey, como certa vez me contou, tinha sido educada num orfanato.

— Ah! — exclamou o francês. — Quer dizer que é assim que o seu cérebro tem funcionado? O nosso amigo Japp diria que o senhor está sendo inventivo demais.

— Sim, é verdade que ele sempre me acusa de preferir complicar as coisas.

— Viu?

— Mas, francamente, isso não é verdade... eu sempre procedo da maneira mais simples que se possa imaginar! E nunca me recuso a aceitar fatos.

— Mas não ficou decepcionado? Não esperava mais dessa Anne Morisot?

Acabavam de entrar no hotel de Poirot. Um objeto em cima do balcão da portaria fez Fournier lembrar-se de uma coisa que Poirot tinha dito no começo da manhã.

— Não lhe agradei — disse, — por ter chamado minha atenção para o engano que cometi. Eu notei as duas piteiras de Lady Horbury e os cachimbos curdos dos Duponts. Foi imperdoável de minha parte esquecer a flauta do Dr. Bryant, embora eu não desconfie especialmente dele...

— Não?

— Não. Não me parece o tipo do homem que...

Parou. O homem que conversava com o funcionário do balcão da portaria se virou, com a mão sobre o estojo da flauta. Avistou Poirot e seu rosto iluminou-se, muito sério, reconhecendo-o.

Poirot adiantou-se. Fournier manteve-se discretamente em segundo plano. Seria, melhor que Bryant não o visse.

— Dr. Bryant — disse Poirot, curvando-se.

— M. Poirot!

Apertaram-se as mãos. Uma mulher que tinha ficado parada perto de Bryant afastou-se na direção do elevador. Poirot lançou-lhe um olhar de relance.

— Como é, M. *le docteur*, seus pacientes estão conseguindo passar um pouco sem o senhor?

O Dr. Bryant sorriu — naquele sorriso triste e simpático que Poirot lembrava tão bem. Parecia cansado, mas estranhamente tranquilo.

— Não tenho mais pacientes — disse.

Depois, aproximando-se de uma mesinha, convidou:

— Um cálice de xerez, M. Poirot, ou prefere outro *opératif*?

— Obrigado.

Sentaram-se, e o médico fez o pedido. Depois repetiu lentamente:

— Pois é, não tenho mais pacientes. Me aposentei.

— Uma decisão repentina?

— Nem tanto.

Ficou calado enquanto colocavam as bebidas à frente deles. Por fim, erguendo o cálice, continuou:

— Foi uma decisão necessária. Me aposentei de livre e espontânea vontade, antes que me eliminassem da ordem médica. — Prosseguiu falando com voz suave, remota: — Todo mundo chega a um ponto crítico na vida, M. Poirot. A gente fica parado na encruzilhada e tem de decidir. A minha profissão me interessa enormemente... é uma pena... uma pena muito grande abandoná-la. Mas há outras coisas... Há, M. Poirot, a felicidade de um ser humano.

Poirot não comentou. Esperou.

— Tem uma senhora... paciente minha... estou terrivelmente apaixonado por ela. É casada com um sujeito que a faz profundamente infeliz. Ele é viciado em drogas. Se o senhor fosse médico, entenderia o que quero dizer. Ela não possui recursos próprios, por isso não pode abandoná-lo... Durante algum tempo fiquei indeciso... mas agora me resolvi. Ela e eu já estamos a caminho de Quênia para começar vida nova. Espero que afinal ela possa ter um pouco de felicidade. Tem sofrido tanto...

Calou-se outra vez. Depois, num tom mais animado, disse:

— Estou lhe contando isso, M. Poirot, porque em breve será do domínio público e quanto mais cedo o senhor souber, melhor.

— Compreendo — retrucou Poirot. E logo acrescentou: — Pelo que vejo, o senhor leva a sua flauta?

O Dr. Bryant sorriu.

— A minha flauta, M. Poirot, é a minha mais antiga companheira... Quando tudo mais falha... resta a música.

Correu carinhosamente a mão pelo estojo da flauta e depois, com uma mesura, levantou-se. Poirot também se levantou.

— Meus melhores votos de felicidade para o seu futuro, M. *le docteur*... e para o de Madame — disse.

Quando Fournier veio ao seu encontro, Poirot estava no balcão pedindo uma ligação interurbana para Quebec.

24 - UMA UNHA QUEBRADA

— E agora? — exclamou Fournier. — Continua preocupado com essa herdeira? Positivamente, isso já se tornou uma *idée fixe* no seu caso.

— Absolutamente, de jeito nenhum — protestou Poirot. — Mas tudo tem que ter sua ordem e método. A gente deve terminar uma coisa antes de começar outra.

Olhou em volta.

— Eis Mademoiselle Jane. Por que não começam o *déjeuner*? Assim que eu puder, me reunirei a vocês.

Fournier aquiesceu e entrou com Jane no salão de refeições.

— Então? — perguntou Jane, curiosa. — Como é que ela é?

— Estatura pouco acima da média, cabelos escuros, pele morena, queixo pontudo...

— O senhor está fazendo uma descrição de passaporte — disse Jane. — A descrição do meu é simplesmente insultante, a meu ver. É composta de médios e comuns. Nariz, médio; boca, comum (como é que eles pensam que se descreve uma boca?); testa, comum; queixo, comum.

— Mas olhos nada comuns — retrucou Fournier.

— Sobretudo porque eles são cinzentos, que não é uma cor muito interessante.

— E quem lhe disse que não, Mademoiselle? — perguntou o francês, debruçando-se sobre a mesa.

Jane riu.

— O seu domínio da língua inglesa — disse ela — é extremamente eficiente. Me fale mais sobre Anne Morisot... é bonita?

— *Assez bien* — respondeu Fournier, precavido. — E o nome dela não é Anne Morisot, mas Anne Richards. É casada.

— O marido também esteve lá?

— Não.

— Por que será que não?

Ele explicou algumas das circunstâncias da vida de Anne. Quando chegava ao fim da narrativa, Poirot reuniu-se a eles. Parecia meio desanimado.

— Então, *mon cher*? — indagou Fournier.

— Falei com a diretora... com a própria *Mère Angélique*. Sabe, o telefone transatlântico é uma coisa romântica. Falar tão facilmente com alguém praticamente do outro lado do mundo.

— O retrato telegrafado... isso também é romântico. A polícia é o maior romance que existe. Mas, o senhor ia dizendo?

— Falei com *Mère Angélique*. Ela confirmou tudo o que Mrs. Richards nos contou sobre as circunstâncias de ter sido educada no *Institut de Marie*. Falou com a máxima franqueza a respeito da mãe que saiu de Quebec com um francês interessado no comércio de vinhos. Na época, ela ficou aliviada que a criança não sofresse a influência materna. Do ponto de vista dela, Giselle estava a caminho da perdição. Mandava dinheiro regularmente... mas nunca sugeriu um encontro.

— Em suma, a conversa foi uma repetição do que vimos hoje de manhã.

— Praticamente... só que mais detalhada. Anne Morisot deixou o *Institut de Marie* há seis anos, para se tornar manicura, depois se empregou como criada... e finalmente saiu de Quebec para a Europa nessa condição. Não escrevia cartas com frequência, mas *Mère Angélique* em geral recebia notícias dela umas poucas vezes por ano. Quando viu um artigo sobre o inquérito no jornal, compreendeu que essa Marie Morisot era com toda a certeza a Marie Morisot que tinha morado em Quebec.

— E o marido? — perguntou Fournier. — Agora que sabemos definitivamente que Giselle era casada, ele pode se converter num fator.

— Foi o que pensei. Daí um dos motivos do meu telefonema. George Leman, o salafrário do marido de Giselle, morreu logo no início da Grande Guerra.

Fez uma pausa e depois comentou abruptamente:

— O que é que eu disse há pouco?... não a minha última observação... a anterior?... Tenho a impressão de que... sem saber... disse algo importante.

Fournier repetiu, da melhor maneira que pôde, a essência das observações de Poirot, mas o homenzinho sacudiu a cabeça, insatisfeito.

— Não... não... não foi isso. Bem, não tem importância... Virou-se para Jane e pôs-se a conversar com ela.

No fim da refeição, sugeriu que tomassem o café no bar.

Jane concordou e estendeu a mão para apanhar a bolsa e as luvas, que estavam sobre a mesa. Ao agarrá-las, estremeceu de leve.

— Que é, Mademoiselle?

— Não, nada — riu Jane. — Apenas uma unha que partiu. Preciso lixá-la.

Poirot tornou a sentar-se subitamente.

— *Nom d'un nom d'un nom* — murmurou. Os outros dois o encararam, surpresos.

— M. Poirot? — exclamou Jane. — Que foi?

— É que — disse Poirot, — agora me lembro por que é que a fisionomia de Anne Morisot me é familiar. Eu já a tinha visto antes... no avião, no dia do crime. Lady Horbury mandou chamá-la para ir buscar uma lixa de unhas. *Anne Morisot era a criada de Lady Horbury.*

25 - “TENHO MEDO”

Essa súbita revelação causou um efeito fulminante nas três pessoas sentadas em torno da mesa de refeições. Dava um rumo totalmente novo ao caso.

Em vez de ser uma pessoa totalmente alheia à tragédia, Anne Morisot mostrava agora que tinha estado realmente presente à cena do crime. Todo mundo levou um pouco de tempo para reajustar as idéias.

Poirot fez um gesto frenético com as mãos... de olhos fechados... o rosto contorcido em agonia.

— Um minutinho... um minutinho — implorou-lhes. — Tenho que pensar, ver, compreender até que ponto isso afeta minhas idéias sobre o caso. Preciso recapitular. Preciso me lembrar... Maldito esse meu estômago. Eu andava apenas preocupado com as minhas sensações internas!

— Então ela estava efetivamente no avião — disse Fournier. — Percebo. Começo a perceber.

— Eu me lembro — disse Jane. — Uma moça alta, morena. — Entreceerrou os olhos num esforço de memória. — Madeleine. Lady Horbury chamou-a por esse nome.

— Isso mesmo, Madeleine — disse Poirot.

— Lady Horbury mandou-a até o fundo do avião para buscar uma frasqueira... uma frasqueira vermelha.

— Quer dizer — perguntou Fournier, — que essa moça passou bem ao lado do lugar onde a mãe dela estava sentada?

— Exatamente.

— O motivo — disse Fournier, dando um grande suspiro. — E a oportunidade... Sim, tudo se explica.

Depois, com uma veemência súbita que contradizia a sua habitual maneira taciturna, bateu a mão com força na mesa.

— Mas, *parbleu!* — exclamou. — Por que ninguém mencionou isso antes? Por que ela não foi incluída entre as pessoas suspeitas?

— Já lhe expliquei, meu amigo, já lhe expliquei — disse Poirot, exausto. — Meu pobre estômago.

— Sim, sim, é compreensível. Mas havia outros estômagos que nada sentiram... os comissários de bordo, os demais passageiros.

— Eu acho — opinou Jane, — que talvez fosse por ter acontecido logo no início do vôo. O avião tinha acabado de sair de Le Bourget; e Giselle continuou viva durante cerca de uma hora depois disso. Dava a impressão de que devia ter sido assassinada muito mais tarde.

— Que estranho — comentou Fournier, pensativo. — Será que o veneno fez efeito lentamente? Essas coisas acontecem...

Poirot gemeu e apoiou a cabeça entre as mãos.

— Tenho que pensar. Tenho que pensar... Será possível que durante esse tempo todo as minhas idéias estivessem totalmente erradas?

— *Mon vieux* — disse Fournier, — essas coisas acontecem. Inclusive comigo. É possível que tenha lhe acontecido também. Às vezes a gente precisa enfiar o orgulho no bolso e ajustar as idéias.

— De fato — concordou Poirot. — É possível que durante o tempo todo eu tenha atribuído excessiva importância a uma determinada coisa. Esperava encontrar uma certa pista. Encontrei-a e deduzi tudo a partir daí. Mas se eu me enganei desde o início... se essa determinada coisa se achava lá apenas por *acaso*... então... sim... confesso que me enganei... redondamente.

— Não pode deixar de ver a importância dessa reviravolta dos acontecimentos — disse Fournier. — Motivo e oportunidade... que mais quer?

— Nada. Deve ser como você diz. O efeito lento do veneno é, de fato, incrível... praticamente falando... *impossível*, pode-se dizer. Mas no que se refere a venenos, o impossível realmente acontece. A gente tem de contar com as idiossincrasias...

Não terminou a frase.

— Precisamos combinar um plano de ação — disse Fournier. Por enquanto acho que não convém despertar as suspeitas de Anne Morisot. Ela nem desconfia de que o senhor a reconheceu. O depoimento dela foi aceito de boa-fé. Sabemos o hotel em que está hospedada e podemos manter contato com ela por intermédio de Thibault. É fácil protelar as formalidades legais. Estabelecemos duas coisas... a oportunidade e o motivo. Ainda falta provar que Anne Morisot tinha veneno de cobra em seu poder. Há também a questão do americano que comprou a zarabatana e subornou Jules Perrot. Podia certamente ter sido o marido... Richards. Contamos apenas com a palavra dela de que ele está no Canadá.

— Como o senhor diz... o marido... Sim, o marido. Ah, espere... espere!

Poirot apertou as têmporas com as mãos.

— Está tudo errado — murmurou. — Não estou usando a massa cinzenta

do cérebro de um modo ordenado e metódico. Não, tiro conclusões precipitadas. No mínimo estou pensando o que sou levado a pensar. Não, isso também está errado. Se a minha idéia inicial estivesse certa, eu não poderia *ser levado* a pensar...

Interrompeu a frase.

— O que é que o senhor quer dizer com isso? — perguntou Jane.

Poirot ficou um instante sem responder; depois retirou as mãos das têmporas, endireitou o corpo no assento e ajeitou dois garfos e um saleiro que ofendiam seu senso de simetria.

— Vamos raciocinar — disse. — Das duas uma: ou Anne Morisot é culpada ou está inocente do crime. Se está inocente, por que mentiu? Por que ocultou o fato de que era a criada de Lady Horbury?

— Por que, realmente? — repetiu Fournier.

— Portanto nós dizemos que Anne Morisot é culpada porque mentiu. Mas esperem. Suponhamos que minha primeira suposição estivesse certa. Ela se enquadraria na culpa ou na mentira de Anne Morisot? Sim... sim... *talvez...* dependendo de uma condição. Mas, nesse caso... e se essa condição estiver correta... *então Anne Morisot não poderia absolutamente ter estado no avião.*

Os outros olharam cortesmente para ele, embora com um interesse, talvez, meio perfunctório.

Agora entendo o que o inglês, Japp, queria dizer — pensou Fournier. — Esse velho cria dificuldades. Procura tornar complicado um caso que já ficou simples. Não é capaz de aceitar uma solução direta sem fingir que ela se enquadra em suas idéias preconcebidas.

— Não estou compreendendo nada do que ele quer dizer... pensou Jane. — Por que é que a moça não podia estar no avião? Ela tinha de ir para todos os lugares que Lady Horbury dissesse que ela fosse... Francamente, acho que ele é meio charlatão...

De repente Poirot prendeu o fôlego com um assobio.

— Claro — exclamou. — É uma possibilidade; e deve ser fácilimo de averiguar.

Levantou-se.

— Que vai fazer, meu amigo? — perguntou Fournier.

— Dar outro telefonema — respondeu Poirot.

— Transatlântico, para Quebec?

— Desta vez é apenas uma ligação para Londres.

— Para a Scotland Yard?

— Não, para casa de Lord Horbury em Grosvenor Square. Só quero ter a sorte de encontrar Lady Horbury em casa.

— Tome cuidado, meu caro. Se Anne Morisot chega a desconfiar que estivemos fazendo sindicâncias sobre ela, isso vai ser ruim para os nossos assuntos. Acima de tudo, não devemos pô-la de sobreaviso.

— Não precisa ter medo. Serei discreto. Farei apenas uma pequena pergunta... do tipo mais inofensivo. — Sorriu. — Se quiser, pode vir junto.

— Não, não.

— Mas sim. Eu insisto.

Os dois saíram, deixando Jane no bar.

Demorou um pouco até completar a ligação; mas Poirot teve sorte. Lady Horbury estava almoçando em casa.

— Ótimo. Quer fazer o favor de dizer a ela que é M. Hercule Poirot, telefonando de Paris. — Houve uma pausa. — É a senhora, Lady Horbury? Não, não, vai tudo bem. Asseguro-lhe: *vai tudo bem*. Não se trata absolutamente daquele assunto, quero que me responda uma pergunta. Sim... Quando a senhora vai de Paris para a Inglaterra de avião, a sua criada geralmente vai junto, ou toma o trem? O trem... Quer dizer, então, que aquela vez... Compreendo... Tem certeza? Ah, ela foi embora, compreendo. Despediu-se de repente, sem aviso. *Mais oui*, que ingratidão. Tem toda a razão. Que classe mal-agradecida! Sim, exatamente. Não, não, não precisa se preocupar. *Au revoir*. Obrigado.

Repôs o fone no gancho e virou-se para Fournier, com os olhos brilhando.

— Ouça, meu amigo, *a criada de Lady Horbury geralmente viajava de trem e navio*. No dia do assassinato de Giselle, Lady Horbury resolveu à última

hora que seria melhor que Madeleine também fosse de avião.

Pegou o francês pelo braço.

— Depressa, meu amigo — disse. — Temos que ir ao hotel dela. Se a minha ideiazinha estiver certa... e eu acho que está... não há tempo a perder.

Fournier arregalou os olhos. Mas antes que pudesse articular uma pergunta, Poirot tinha-se virado e dirigia-se às portas giratórias que davam para a rua.

Fournier apressou-se a alcançá-lo.

— Mas não compreendo. Que negócio é esse?

O porteiro estava segurando a porta de um táxi. Poirot saltou dentro e indicou o endereço do hotel de Anne Morisot.

— E vá depressa, mas depressa mesmo! Fournier entrou logo atrás.

— Que mosquito o mordeu? Por que esta corrida doida... esta pressa?

— Porque, meu amigo, se, como eu digo, a minha ideiazinha estiver certa... *Anne Morisot corre um perigo iminente.*

— O senhor acha?

Fournier não pôde evitar que um tom de ceticismo transparecesse em sua voz.

— Tenho medo — disse Poirot. — Medo. *Bon Dieu...* como este táxi vai devagar!

O táxi estava, de momento, rodando a uns bons oitenta quilômetros por hora e abrindo caminho no meio do tráfego com uma imunidade miraculosa, devida ao excelente golpe de vista do chofer.

— Vai tão devagar que daqui a pouco teremos um desastre — comentou Fournier, cáustico. — E Mademoiselle Grey, que deixamos plantada lá, esperando que voltássemos do telefone, e em vez disso saímos do hotel sem nenhuma explicação. Não me parece nada cortês!

— Cortesia ou descortesia... que importância tem num caso de vida ou morte?

— Vida ou morte? — Fournier deu de ombros. Pensou consigo mesmo: Está muito bem, mas este doido obstinado talvez ponha tudo a perder. Quando a

moça souber que estamos na pista dela...

E em voz alta, persuasiva:

— Olhe aqui, M. Poirot, seja razoável. Não devemos ser afoitos.

— O senhor não compreende — retrucou Poirot. — Eu tenho medo... medo...

O táxi parou com um solavanco diante do hotel sossegado onde Anne Morisot estava hospedada.

Poirot saltou correndo e por pouco não esbarrou num rapaz que vinha saindo do hotel.

Poirot estacou, imóvel, olhando-o.

— Outra fisionomia que eu conheço... Mas de onde?... já me lembro... é o ator Raymond Barraclough.

Ao adiantar-se para entrar no hotel, Fournier reteve-o pelo braço.

— M. Poirot, eu sinto o maior respeito, a maior admiração pelos seus métodos... mas tenho certeza absoluta de que não deve tomar nenhuma iniciativa precipitada. Aqui na França eu sou o responsável pelo andamento deste caso...

Poirot interrompeu-o:

— Compreendo a sua preocupação; mas não receie nenhuma “iniciativa precipitada” da minha parte. Vamos nos informar na portaria. Se Madame Richards estiver aqui e tudo correr bem... então, não tem nada de mal... e podemos combinar juntos nosso programa de ação futuro. Tem alguma objeção contra

— Não, não, claro que não.

— Ótimo.

Poirot cruzou a porta giratória e dirigiu-se ao balcão da portaria. Fournier foi atrás.

— Mrs. Richards, segundo creio, está hospedada aqui — disse Poirot.

— Não, Monsieur. Ela estava, mas foi embora hoje.

— Foi embora? — perguntou Fournier.

— Sim, Monsieur.

— Quando?

O funcionário levantou os olhos para o relógio.

— Faz pouco mais de meia hora.

— A partida dela foi imprevista? Para onde que ela foi?

O funcionário se empertigou com as perguntas e já se dispunha a recusar-se a responder; mas quando Fournier mostrou as credenciais, o funcionário mudou de tom e prontificou-se a dar todas as informações a seu alcance. Não, a moça não tinha deixado nenhum endereço. Ele achava que sua partida era resultado de uma súbita alteração de planos. Ela havia dito de início que tencionava permanecer cerca de uma semana no hotel.

Novas perguntas. Chamaram o porteiro, os carregadores de bagagens, os ascensoristas.

Segundo o porteiro, um cavalheiro tinha vindo visitar a moça. Havia chegado enquanto ela se achava na rua, mas esperou que voltasse, e almoçaram juntos. Que tipo de cavalheiro? Um cavalheiro americano... muito americano. Ela parecera surpresa ao vê-lo. Depois do almoço, a moça deu ordens para que trouxessem a bagagem para baixo e fosse colocada num táxi.

Para onde se dirigira? Para a Gare du Nord — pelo menos fora a direção indicada ao motorista. O cavalheiro americano tinha ido junto? Não, ela havia ido sozinha.

— A Gare du Nord — disse Fournier. — Isso significa que foi para a Inglaterra, ao que tudo indica. Mas talvez seja um subterfúgio. Temos que telefonar para Calais e também tentar localizar esse táxi.

Até parecia que os temores de Poirot tinham contagiado Fournier.

O rosto do francês estava tenso.

Rápida e eficientemente, ele colocou a máquina da lei em ação.

Eram cinco horas quando Jane, sentada com um livro no bar, ergueu os olhos e viu Poirot vindo em sua direção. Abriu a boca para reclamar, mas não articulou nenhuma palavra. Qualquer coisa no rosto dele a deteve.

— Que foi? — perguntou. — Aconteceu algo? Poirot tomou-lhe ambas as mãos.

— A vida é terrível, Mademoiselle — disse.

Qualquer coisa no tom da voz dele fez com que Jane se sentisse assustada.

— Mas o que foi? — tornou a perguntar.

— Quando o trem do navio chegou a Calais — respondeu Poirot lentamente, — eles encontraram uma mulher num vagão de primeira-classe... morta.

Jane empalideceu.

— Anne Morisot?

— Anne Morisot. Tinha na mão um vidrinho azul contendo ácido cianídrico.

— Oh!— exclamou Jane.— Suicídio?

Poirot ficou um instante sem responder. Depois, com ar de quem escolhe cuidadosamente as palavras, disse:

— Sim, a polícia acha que foi suicídio.

— E o senhor?

Poirot espalmou as mãos devagar, num gesto expressivo.

— Que mais... se pode pensar?

— Ela se matou... por quê? Por causa do remorso... ou porque tinha medo de ser descoberta?

Poirot sacudiu a cabeça.

— A vida pode ser bem terrível — disse. — A gente precisa de muita coragem.

— Para se matar? Sim, creio que sim.

— E para viver também — disse Poirot.

26 - PRELEÇÃO DEPOIS DO JANTAR

No dia seguinte Poirot saiu de Paris. Jane ficou com uma lista de obrigações a serem cumpridas. A maioria parecia-lhe estranhamente despropositada, porém executou-as da melhor maneira que pôde. Falou duas

vezes com Jean Dupont. Ele mencionou a expedição que ela devia acompanhar, e Jane não se atreveu a desiludi-lo sem ter ordens de Poirot, de modo que se safou da melhor maneira possível e desviou a conversa para outros assuntos.

Cinco dias depois foi chamada à Inglaterra por telegrama.

Norman encontrou-a na estação de Victoria e os dois comentaram os últimos acontecimentos.

O suicídio tinha recebido pouquíssima publicidade. Só havia saído um parágrafo nos jornais, declarando que uma senhora canadense, uma tal de Mrs. Richards, se suicidara no expresso Paris-Calais, e mais nada. Não fizeram nenhuma referência a qualquer ligação com o crime do avião.

Tanto Norman como Jane ficaram inclinados a exultar. Parecia que seus problemas tinham chegado ao fim. Norman mostrou-se menos otimista que Jane.

— Talvez desconfiem de que tenha sido ela quem liquidou com a mãe, mas agora que encontrou essa saída, provavelmente não se preocuparão em prosseguir com o caso; e a não ser que fique provado publicamente, não vejo o que é que isso vai adiantar para nós todos, pobres diabos. Do ponto de vista do público, continuaremos tão suspeitos quanto antes!

Foi o que ele declarou a Poirot, quando o encontrou poucos dias depois, em Picadilly.

Poirot sorriu.

— O senhor é igual aos outros. Pensa que sou um velho não-faz-nada! Escute, venha jantar hoje comigo, Japp virá, e nosso amigo Mr. Clancy também. Tenho algumas coisas que talvez sejam interessantes.

O jantar transcorreu agradavelmente. Japp estava condescendente e bem-humorado. Norman mostrou-se interessado e o pequeno Mr. Clancy ficou quase tão empolgado como quando havia identificado o espinho fatídico.

Parecia claro que Poirot não desdenhava nenhuma oportunidade de impressionar o minúsculo escritor.

Depois do jantar, quando já tinham tomado café, Poirot pigarreou de modo ligeiramente contrafeito, não isento de presunção.

— Meus amigos — disse, — Mr. Clancy aqui presente manifestou

interesse no que ele chamaria de “meus métodos, Watson”. (*C’est ça, n’est-ce pas?*) Eu me proponho, se não matar vocês todos de tédio — fez uma pausa significativa, e Norman e Japp logo protestaram; “Não, não”, “Muito interessante”, — a fazer um breve *résumé* dos meus métodos ao tratar deste caso.

Interrompeu para consultar algumas notas.

— Como ele se dá importância, hem? — cochichou Japp para Norman.
— Convencimento devia ser o segundo nome desse baixinho.

Poirot olhou-o e tossiu com ar de reprovação.

Três rostos cortesmente interessados viraram-se para ele, que então disse:

— Começarei pelo início, meus amigos. Vou retroceder até o transporte aéreo *Prometeu* em sua malfadada viagem de Paris a Croydon. Explicarei com exatidão as idéias e impressões que tive naquela ocasião... passando depois à maneira como vim a confirmá-las ou modificá-las em consequência de acontecimentos posteriores.

“Quando, pouco antes de chegarmos a Croydon, o comissário de bordo procurou o Dr. Bryant e foi junto com ele examinar o cadáver, eu os acompanhei. Tive o pressentimento de que talvez... quem sabe?... fosse qualquer coisa dentro da minha linha de atividades. É possível que eu adote um ponto de vista excessivamente profissional nessa questão de mortes. A meu ver, se dividem em duas espécies... as que concernem... e as outras... e embora as últimas constituam uma espécie infinitamente mais numerosa... mesmo assim, toda a vez que entro em contato com a morte sou como o cão que levanta a cabeça e fareja a pista.

“O Dr. Bryant confirmou os receios do comissário de bordo de que a mulher estivesse morta. Quanto à *causa mortis*, ele naturalmente não podia determiná-la sem um exame minucioso. Foi a essa altura que M. Jean Dupont sugeriu que talvez fosse devida ao choque provocado por uma mordida de marimbondo. Em apoio dessa hipótese, chamou a atenção para um marimbondo que ele mesmo tinha matado pouco antes.

“Ora, isso era uma teoria perfeitamente plausível... e que provavelmente seria aceita. Havia a marca no pescoço da morta... muito parecida com a marca de uma ferroadada... e o fato de que havia um marimbondo no avião.

“Mas, naquele momento eu tive a sorte de baixar os olhos e constatar o que a princípio poderia ser tomado por outro marimbondo morto, quando na realidade era um espinho indígena com uma pequena tira de seda amarela e preta colada nele.

“A essa altura, Mr. Clancy veio e declarou que era um espinho desfechado por uma zarabatana à maneira das tribos indígenas. Mais tarde, como todos sabem, descobriu-se a própria zarabatana.

“Ao chegarmos a Croydon eu já tinha elaborado várias teorias. Assim que me vi definitivamente em terra firme, meu cérebro começou a trabalhar mais uma vez com seu costumeiro brilhantismo.

— Não pare, M. Poirot — disse Japp, sorrindo. — Deixe-se de falsas modéstias.

Poirot lançou-lhe um olhar e prosseguiu:

— Uma idéia se destacava de todas as outras para mim (e para todos os demais) e era a audácia de um crime cometido dessa maneira... e o fato espantoso de que ninguém o tivesse notado!

“Havia duas outras coisas que me interessavam. Uma era a presença oportuna do marimbondo. A outra, a descoberta da zarabatana. Conforme observei depois do inquérito ao meu amigo Japp, por que o assassino não se desembaraçara dela, jogando-a pelo exaustor da janela? O espinho talvez fosse difícil de localizar ou identificar, mas uma zarabatana que ainda trazia um pedaço da etiqueta do preço era coisa muito diferente.

“Qual seria a solução? Evidentemente, que o assassino *queria* que a zarabatana fosse encontrada.

“Mas por quê? Uma única resposta parecia lógica. Se seta e zarabatana fossem encontradas, todo mundo naturalmente iria saber que o crime havia sido cometido por um espinho desfechado com uma zarabatana. Portanto, na realidade, o crime *não* havia sido cometido desse modo. Por outro lado, como o laudo pericial indicaria que a *causa-mortis* era indubitavelmente o espinho envenenado, eu fechei os olhos e perguntei a mim mesmo... qual a forma mais segura e garantida de colocar um espinho envenenado na veia jugular? E a

resposta veio, imediata: *com a mão*.

“E isso logo esclareceu a necessidade da descoberta da zarabatana. Ela inevitavelmente dava a idéia de *distância*. Se a minha idéia estivesse certa, a pessoa que matou Madame Giselle seria a que tivesse se aproximado da sua poltrona e se curvado sobre ela.

“Essa pessoa existia? Sim, havia duas até. Os comissários de bordo. Qualquer um deles poderia ter ido até Madame Giselle, debruçado sobre ela, sem que ninguém percebesse nada de mal.

“Quem mais?

“Bem, tinha Mr. Clancy. Ele era a única pessoa na cabina que havia passado pelo lugar de Madame Giselle... e eu me lembrei de que foi ele quem primeiro chamou a atenção para a teoria da zarabatana e do espinho.

Mr. Clancy levantou-se de um pulo.

— Protesto — exclamou. — Protesto. Isso é uma afronta!

— Sente-se — disse Poirot. — Ainda não terminei. Preciso mostrar a todos vocês as etapas que me levaram à minha conclusão.

“Agora eu tinha três pessoas como possíveis suspeitos... Mitchell, Davis e Mr. Clancy. Nenhum deles, a primeira vista, parecia ter jeito de criminoso, mas ainda faltavam muitas investigações a serem feitas.

“A seguir, me voltei para as possibilidades do marimbondado. Sugestivo, o tal marimbondado. Para começar, ninguém havia reparado nele antes de se servir o café. Isso, em si, era bastante estranho. Elaborei uma determinada teoria sobre o crime. O assassino oferecia ao mundo duas versões diferentes para a tragédia. Na primeira, a mais simples, Madame Giselle era mordida por um marimbondado e sucumbia a um ataque cardíaco. O êxito dessa versão dependia do fato de o assassino se encontrar em posição de recuperar o espinho. Japp e eu concordamos que isso podia ser feito com toda a facilidade.. *desde que não se levantasse a suspeita de crime*. Havia, por exemplo, o colorido especial da seda, que não tive dúvidas que tinha substituído de propósito a cor cereja primitiva para que simulasse o aspecto de um marimbondado.

“Nosso assassino então se aproxima da mesa da vítima, crava o espinho e

solta o marimbondo! O veneno é tão forte que a morte pode ocorrer quase que instantaneamente. Se Giselle gritasse... provavelmente ninguém ouviria, por causa do barulho do avião. E se ouvissem, bem, havia um marimbondo zunindo pela cabina para explicar o grito. A coitada havia sido mordida.

“Isso, como já disse, era o plano nº 1. *Mas vamos supor que, como de fato sucedeu, o espinho envenenado fosse descoberto* antes que o assassino pudesse recuperá-lo. Nesse caso, a coisa se complica. A teoria da morte natural é impossível. Em vez de se livrar da zarabatana pela janela, ela é posta num lugar onde será fatalmente descoberta quando o avião for revistado; e no mesmo instante se deduzirá que foi o instrumento do crime. Ficará criada a sugestão apropriada de distância e quando a zarabatana for encontrada, centralizará as suspeitas numa direção definida e preestabelecida.

“Agora eu tinha a minha teoria sobre o crime, e três suspeitos, com a possibilidade de um quarto... M. Jean Dupont, que havia esboçado a “teoria da morte por ferroada de marimbondo”, e que ocupava um lugar no corredor tão próximo de Giselle que poderia perfeitamente ter-se levantado sem que ninguém visse. Por outro lado, eu realmente não achava que ele se atreveria a correr semelhante risco.

“Concentrei-me no problema do marimbondo. Se o assassino o tinha levado junto para o avião e soltado no momento psicológico... era preciso que carregasse qualquer coisa semelhante a uma caixinha onde guardá-lo.

“Daí meu interesse pelo conteúdo dos bolsos e bagagem de mão dos passageiros.

“E então deparei com um fato totalmente imprevisto. Encontrei o que procurava... mas me parecia que estava em poder da pessoa errada. Havia uma pequena caixa de fósforos vazia de Bryant & May no bolso de Mr. Norman Gale. *Mas segundo testemunho geral, Mr. Gale nunca passou pelo corredor da cabina.* Tinha ido ao compartimento de toalete e voltado para o seu lugar.

“Mesmo assim, embora parecesse impossível, *havia* um método pelo qual Mr. Gale poderia ter cometido o crime... conforme o conteúdo de sua pasta demonstrou.

— Da minha pasta? — disse Norman Gale, achando graça e intrigado. — Mas se eu nem me lembro do que havia nela!

Poirot sorriu-lhe amavelmente.

— Espere um pouco. Já chego lá. Estou expondo as minhas primeiras idéias.

“Prosseguindo... eu tinha *quatro* pessoas que podiam ter cometido o crime... do ponto de vista da *possibilidade*: os dois comissários, Clancy e Gale.

“Examinei então o caso do ângulo *oposto*... o do motivo... se um *motivo* coincidissem com uma *possibilidade*... bem, eu teria o assassino! Mas infelizmente, não pude achar nada desse gênero. Meu amigo Japp me acusou de gostar de dificultar as coisas. Pelo contrário, analisei essa questão do motivo com a maior simplicidade. Quem lucraria com a morte de Madame Giselle? Evidentemente, a filha desconhecida... uma vez que herdaria a fortuna. Havia também certas pessoas que se achavam nas garras de Madame Giselle, ou digamos... que *poderiam* se achar nas garras de Giselle, pelo que sabíamos. Tratava-se, portanto, de um trabalho de eliminação. Dos passageiros do avião, eu só tinha certeza de um que andava indubitavelmente envolvido com Giselle: Lady Horbury. “No caso de Lady Horbury, o motivo era bem claro. Ela tinha estado em casa de Giselle na véspera. Achava-se desesperada e tinha um amigo, um jovem ator, que poderia facilmente ter passado pelo americano que comprou a zarabatana... e também subornado o funcionário da Universal Airlines para permitir que Giselle viajasse pelo vôo do meio-dia.

“Eu tinha, por assim dizer, um problema repartido ao meio. Não via como seria *possível* para Lady Horbury cometer o crime; e não podia entender que *motivo* os comissários de bordo, Mr. Clancy ou Mr. Gale teriam para cometê-lo.

“Nunca deixei de levar em conta, durante esse tempo todo, o problema da filha desconhecida e herdeira de Giselle. Qual dos quatro suspeitos era casado... e nesse caso, uma das esposas não seria Anne Morisot? Se o pai dela era inglês, a moça poderia ter-se criado na Inglaterra. Descartei logo a mulher de Mitchell... ela pertencia a uma velha linhagem de Dorset. Davis andava

namorando uma garota cujos pais estavam vivos. Mr. Clancy não era casado. E saltava aos olhos que Mr. Gale estava perdidamente apaixonado por Miss Jane Grey.

“Devo dizer que investiguei os antecedentes de Miss Grey com o máximo cuidado, depois que ela me contou por acaso, durante uma conversa, que se havia criado num orfanato perto de Dublin. Mas não demorei muito para me convencer de que Miss Grey *não* era filha de Madame Giselle.

“Organizei uma lista de resultados... os comissários não tinham lucrado nem perdido com a morte de Madame Giselle... só que Mitchell andava sofrendo evidentemente com o choque. Mr. Clancy planejava escrever um livro sobre o assunto, com o qual contava ganhar dinheiro. Mr. Gale estava perdendo rapidamente a clientela. Nesse sentido, não fiz nenhum progresso.

“E no entanto, a essa altura, *fiquei convencido de que Mr. Gale era o assassino...* Havia a caixa de fósforos vazia... o conteúdo da sua pasta. Aparentemente ele *perdia*, em vez de lucrar com a morte de Giselle. Mas essas aparências podiam ser *falsas*.

“Resolvi cultivar-lhe a amizade. A minha experiência demonstra que não existe ninguém, durante uma conversa, que cedo ou tarde deixe de revelar quem realmente é... Todo mundo tem vontade irresistível de falar sobre si mesmo.

“Procurei ganhar a confiança de Mr. Gale. Fingi confiar nele, e até pedi seu auxílio. Convenci-o a me ajudar na pretensa chantagem contra Lady Horbury. E foi aí que ele cometeu o primeiro erro.

“Eu havia sugerido um pequeno disfarce. Ele me apareceu para representar o papel com uma maquilagem ridícula e absurda! A coisa toda era uma farsa. Ninguém, tive certeza, seria capaz de interpretar um papel tão *mal* como ele se propunha a fazer. Qual, então, o motivo para isso? *Porque o reconhecimento de sua própria culpa* o tornava prudente, não querendo demonstrar que era bom ator. Quando, porém, corrigi a sua maquilagem ridícula, ele logo comprovou o seu talento artístico. Representou o papel com perfeição e Lady Horbury não o reconheceu. Me convenci, então, de que ele podia ter-se disfarçado de americano em Paris e também interpretado a parte que fosse

necessária no *Prometeu*.

“A essa altura já estava ficando seriamente preocupado com Mademoiselle Jane. Ou era cúmplice dele, ou estava totalmente inocente... e no último caso seria uma vítima. Talvez um dia descobrisse que havia casado com um assassino.

“Com a finalidade de impedir um casamento precipitado, levei Mademoiselle Jane a Paris como minha secretária.

“Foi enquanto estávamos lá que a herdeira desaparecida se apresentou para reclamar a fortuna. Fiquei impressionado por uma semelhança que não podia localizar. Por fim consegui... mas tarde demais...

“A princípio, a descoberta de que ela tinha efetivamente estado no avião *e mentira sobre isso* pareceu derrubar por terra as minhas teorias. Eis ali sem sombra de dúvida, a pessoa culpada.

“Mas, se era culpada, teria um cúmplice... o homem que comprou a zarabatana e subornou Jules Perrot.

“Quem seria esse homem? O marido, talvez?

“E... aí... de repente percebi a verdadeira solução. Quer dizer, verdadeira se um detalhe pudesse ser comprovado.

“Para a minha solução estar certa, Anne Morisot não devia ter viajado naquele avião.

“Telefonei a Lady Horbury e obtive a resposta. A criada, Madeleine, tomara o avião por um capricho de última hora da patroa.

Parou.

Mr. Clancy tossiu.

— Hum... mas... tenho a impressão de que não fiquei totalmente inocentado — disse.

— Quando foi que deixou de pensar que eu era o assassino — perguntou Norman.

Poirot virou-se bruscamente para ele.

— Eu nunca deixei. *O senhor é o assassino...* Espere... eu explicarei tudo. Na semana passada, Japp e eu estivemos ocupados... É verdade que o

senhor se tornou dentista para agradar seu tio... John Gale. Adotou o nome dele quando passou a ser seu sócio... mas era filho da *irmã* dele... e não do irmão. O seu verdadeiro nome é Richards. Foi como Richards que conheceu Anne Morisot em Nice no inverno passado, quando ela esteve lá com a patroa. A história que ela nos contou era verdadeira quanto aos fatos da infância dela, mas a última parte foi cuidadosamente montada pelo senhor. Ela conhecia *realmente* o nome de solteira da mãe. Giselle estava em Monte Carlo... alguém mostrou-a, mencionando-lhe o nome verdadeiro, o senhor percebeu que ali talvez houvesse o meio de conseguir uma grande fortuna. Isso atraiu a sua natureza de jogador. Foi por intermédio de Anne Morisot que soube da ligação de Lady Horbury com Giselle. O plano do crime formou-se por si mesmo na sua cabeça. Giselle devia ser assassinada de tal forma que a suspeita recaísse sobre Lady Horbury. Seus planos amadureceram e finalmente frutificaram. Subornou o funcionário da Universal Airlines para que Giselle viajasse no mesmo avião que Lady Horbury. Anne Morisot lhe havia dito que ia voltar à Inglaterra de trem... o senhor nunca pensou que ela estivesse no avião... o que transtornou todos os seus planos. Se alguém descobrisse que a filha e herdeira de Giselle havia viajado no avião, as suspeitas naturalmente recairiam sobre ela. No seu plano inicial, ela deveria reclamar a herança munida de um álibi perfeito, uma vez que teria estado a bordo de um trem ou de um navio por ocasião do crime; e depois você se casaria com ela.

“A essa altura a moça já se apaixonara pelo senhor. Mas era atrás do dinheiro que o senhor andava... e não da própria moça.

“Houve outra complicação para atrapalhar seus planos. Em Le Pinet, viu Mademoiselle Jane Grey e apaixonou-se perdidamente por ela. Essa paixão levou-o a se arriscar num jogo muito mais perigoso.

“Pretendia ficar tanto com o dinheiro como com a mulher que amava. Ia cometer um assassinato por causa do dinheiro e não estava disposto a abrir mão das vantagens resultantes desse assassinato. Amedrontou Anne Morisot, dizendo-lhe que se ela se apresentasse logo para proclamar a identidade dela, certamente seria suspeita do crime. Em vez disso, incitou-a a pedir uns dias de licença, e

foram juntos a Rotterdam, onde se casaram.

“No devido tempo, instruiu-a sobre a maneira de reclamar o dinheiro. Ela não devia dizer nada a respeito de seu emprego de criada, nem se esquecer de deixar bem claro que ela e o marido se encontravam no estrangeiro por ocasião do assassinato.

“Infelizmente, a data planejada para Anne Morisot ir a Paris reclamar a herança coincidiu com a minha chegada a Paris, para onde Miss Grey tinha-me acompanhado. Isso, de maneira alguma lhe convinha. Tanto Mademoiselle Jane como eu mesmo *poderíamos* reconhecer em Anne Morisot a Madeleine que havia sido a criada de Lady Horbury.

“O senhor procurou entrar em contato com ela a tempo, mas não conseguiu. Por fim, foi pessoalmente a Paris e descobriu que ela já tinha ido falar com o advogado. Quando ela voltou, contou-lhe sobre o encontro que tivera comigo. As coisas estavam ficando perigosas, e o senhor resolveu agir imediatamente

“A sua intenção era não deixar que a sua jovem esposa aproveitasse por muito tempo a riqueza recém-adquirida. Logo depois da cerimônia matrimonial, deu jeito para que ambos fizessem um testamento, no qual cada um deixava tudo o que possuísse para o outro! Um negócio muito comvente.

“Acho que pretendia ter uma vida relativamente cômoda. Iria para o Canadá... aparentemente por causa da falta de clientes. Ali retomaria o nome de Richards e sua esposa iria ao seu encontro. Mesmo assim, tenho a impressão de que não tardaria muito para que Mrs. Richards falecesse lamentavelmente, deixando uma fortuna para um viúvo supostamente inconsolável. Depois voltaria para a Inglaterra como Norman Gale, tendo tido a sorte de fazer uma ótima especulação financeira no Canadá! Mas aí então o senhor decidiu que não havia tempo a perder.

Poirot fez uma pausa e Norman Gale jogou a cabeça para trás, dando uma risada.

— Como o senhor é inteligente para adivinhar o que os outros pretendem fazer! Devia adotar a profissão de Mr. Clancy! — Mudou de tom, furioso. —

Nunca ouvi tanta bobagem de uma vez só. O que o senhor imaginou, M. Poirot, *difícilmente pode servir de prova!*

Poirot não se deu por achado.

— Talvez não — disse. — Mas acontece que *tenho* algumas provas.

— Ah é? — escarneceu Norman. — Será que tem *provas* de como matei a velha Giselle, quando todo mundo no avião sabe muito bem que nunca me aproximei dela?

— Vou lhe explicar *exatamente como o senhor cometeu o crime* — disse Poirot. — *E o conteúdo da sua pasta?* O senhor estava de férias. Por que levar um avental de linho de dentista? Foi essa a pergunta que me fez. E a resposta é a seguinte... porque se assemelhava muito ao *paletó de comissário de bordo...*

“Foi isto que o senhor fez. Quando serviram o café e os comissários passaram para a outra cabina, o senhor se dirigiu ao toalete, vestiu seu avental de linho, encheu as bochechas com rolos de algodão, saiu, pegou uma colher de café na gaveta da copa oposta, encaminhou-se rapidamente pelo corredor com o andar apressado de um comissário, de colher em punho, até a mesa de Giselle. Cravou-lhe o espinho no pescoço, abriu a caixa de fósforos e soltou o marimbondo, voltando depressa para o toalete, onde trocou o avental pelo paletó e voltou calmamente para a sua poltrona. A coisa toda levou apenas alguns minutos.

“*Ninguém presta muita atenção em um comissário de bordo.* A única pessoa que poderia tê-lo reconhecido seria Mademoiselle Jane. Mas sabe como são as mulheres! Mal se vêem a sós (sobretudo quando viajam em companhia de um rapaz bonito), aproveitam a oportunidade para dar um boa olhada no espelho de mão, empoar o nariz e retocar a maquilagem.

— Francamente — escarneceu Gale. — Que teoria mais interessante; só que isso não aconteceu. Que mais?

— Tem muito ainda — respondeu Poirot. — Conforme disse antes, a gente sempre se revela durante uma conversa. O senhor foi bastante imprudente para mencionar que esteve algum tempo *numa fazenda da África do Sul*. O que não disse, mas depois eu descobri, é que se tratava de *uma fazenda onde se criavam cobras...*

Pela primeira vez Norman Gale demonstrou medo. Tentou falar, mas as palavras não saíram. Poirot continuou:

— O senhor esteve lá com o seu próprio nome de Richards: *um retrato seu, transmitido por telefone, foi reconhecido*. Esse mesmo retrato foi identificado em Rotterdam como o tal Richards que casou com Anne Morisot.

Norman Gale se esforçou para falar novamente, mas não conseguiu. Toda a sua personalidade parecia mudada. O rapaz bonito, vigoroso, tinha-se transformado numa criatura que mais lembrava um rato de olhos furtivos em busca de um meio de fugir e não encontrando nenhum...

— Foi a pressa que arruinou o seu plano — disse Poirot. — A Superiora do *Institut de Marie* acelerou as coisas telegrafando a Anne Morisot. Ignorar esse telegrama despertaria suspeitas. O senhor havia convencido sua esposa de que, a menos que ela suprimisse certos fatos, tanto ela como o senhor poderiam ser acusados do crime, uma vez que ambos, infelizmente, tinham viajado no avião em que Giselle foi assassinada. Quando se encontrou com ela posteriormente, e soube que eu estivera presente à entrevista, viu que não havia tempo a perder. Teve medo de que eu descobrisse a verdade por intermédio de Anne... talvez ela mesma já andasse desconfiada. Fez com que ela deixasse apressadamente o hotel e meteu-a no trem para o navio. Lá, administrou-lhe o ácido cianídrico à força e largou o vidro vazio na mão dela.

— Que mentiras mais desgraçadas...

— Oh, não. Havia uma contusão no pescoço dela.

— Mentiras desgraçadas, estou lhe dizendo.

— O senhor inclusive deixou suas impressões digitais no vidro.

— Mentira. Eu usei...

— Ah, usou luvas...? Eu acho, Monsieur, que essa pequena confissão liquida com seus planos.

— Seu maldito farsante intrometido! — Lívido de cólera, fisionomia irreconhecível, Gale saltou em cima de Poirot. Japp, porém, foi rápido demais para ele. Segurando-o com força, sem se emocionar, Japp declarou:

— James Richards, conhecido também pela alcunha de Norman Gale,

trago-lhe uma ordem de prisão, sob a acusação de homicídio premeditado. Devo preveni-lo de que tudo o que disser poderá ser anotado e usado como prova.

Um estremecimento terrível sacudiu o indivíduo de alto a baixo. Parecia prestes a sofrer um colapso.

Dois guardas à paisana aguardavam do lado de fora. Norman Gale foi levado embora.

Ficando a sós com Poirot, o pequeno Mr. Clancy soltou um profundo suspiro de êxtase.

— M. Poirot — disse. — Essa foi, sem a menor sombra de dúvida, a experiência mais empolgante de toda a minha vida. O senhor se portou de uma maneira sensacional!

Poirot sorriu, modesto.

— Não, não. O Japp tem tanto mérito quanto eu. Ele operou milagres ao identificar Gale como Richards. A polícia canadense estava atrás de Richards. Consta que uma moça, com quem ele andou envolvido, cometeu suicídio, mas surgiram fatos que parecem indicar que houve crime.

— Que horror — exclamou Mr. Clancy.

— Um assassino — disse Poirot. — E, como tantos assassinos, atraente para as mulheres.

Mr. Clancy tossiu.

— Coitada daquela moça, a Jane Grey.

Poirot sacudiu tristemente a cabeça.

— Sim, tal como eu disse a ela, a vida pode ser bem terrível. Mas ela é corajosa. Há de se recuperar.

Com a mão distraída, arrumou uma pilha de recortes de jornais que Norman Gale tinha desfeito ao dar seu pulo selvagem.

Algo chamou-lhe a atenção — um instantâneo de Venetia Kerr, durante uma corrida de cavalos, “conversando com Lord Horbury e uma amiga”.

Entregou-o a Mr. Clancy.

— Está vendo? Daqui a um ano haverá uma participação: “Anuncia-se para breve o casamento de Lord Horbury com a Hon. Venetia Kerr”. E sabe

quem foi o responsável por esse casamento? Hercule Poirot! Tem também outro casamento que é obra minha.

— O de Lady Horbury com Mr. Barraclough?

— Ah, não, não tomei o mínimo interesse por esse assunto. — Curvou-se para a frente. — Não... me refiro a um casamento entre M. Jean Dupont e Miss Jane Grey. O senhor vai ver.

Dali a um mês, Jane procurou Poirot.

— Eu devia odiar o senhor, M. Poirot. Parecia pálida e magra, com olheiras fundas.

— Odeie-me um pouco, se quiser — disse Poirot. — Mas eu acho que você é daquelas que preferem encarar a verdade de frente do que viver uma felicidade ilusória; e que seria bem capaz de não ser duradoura. Livrar-se de mulheres pode transformar-se em vício contumaz.

— Ele era tão bonito — disse Jane. E acrescentou:

— Nunca mais hei de me apaixonar de novo.

— Naturalmente — concordou Poirot. — Esse lado da vida perdeu todo o encanto para você.

Jane confirmou com a cabeça.

— O que me faz falta é trabalhar... em algo interessante, que pudesse me absorver.

Poirot entortou a cadeira e fitou o teto.

— Por que não vai para a Pérsia, em companhia dos Duponts? Eis aí um trabalho interessante, para quem gosta.

— Mas... mas... eu pensei que fosse só camuflagem de sua parte.

Poirot sacudiu a cabeça.

— Pelo contrário... fiquei tão interessado em arqueologia e cerâmica pré-histórica que mandei o cheque da doação prometida. Hoje de manhã me disseram que estavam esperando que você aderisse à expedição. Sabe desenhar?

— Sei, eu desenhava bastante bem no colégio.

— Ótimo. Creio que vai gostar da viagem.

— Eles querem mesmo que eu vá?

— Estão contando com isso.

— Seria maravilhoso — disse Jane, — ir logo de uma vez...

Um pequeno rubor cobriu-lhe o rosto.

— M. Poirot... — Olhou desconfiada para ele. — O senhor não... não está... sendo apenas amável?

— Amável? — retrucou Poirot, horrorizado com a idéia. — Posso garantir-lhe, Mademoiselle... que, em matéria de dinheiro, sou estritamente um homem de negócios...

Parecia tão ofendido que Jane apressou-se a pedir desculpas.

— Acho — disse, — que seria melhor visitar alguns museus para dar uma olhada nas cerâmicas pré-históricas.

— Boa idéia.

Ao sair, Jane parou na porta e depois voltou.

— Talvez não tenha sido amável no sentido que entendeu, mas comigo o senhor *foi*.

Pousou os lábios no alto da cabeça dele e tornou a sair.

— *Ça, c'est très gentil!* — murmurou Hercule Poirot.